



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE



MAYNARA COSTA DE CAMPOS

**SINAIS-VIVÊNCIAS: O POTENCIAL CRIATIVO DA LITERATURA SURDA NA
RESSIGNIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS SURDAS**



Arte: Ivanildo Medeiros

JACOBINA – BA

2021

MAYNARA COSTA DE CAMPOS

**SINAIS-VIVÊNCIAS: O POTENCIAL CRIATIVO DA LITERATURA SURDA NA
RESSIGNIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS SURDAS**

Texto de defesa final apresentado ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, do Departamento de Ciências Humanas - Campus IV/Jacobina, na Linha de Pesquisa: Educação, linguagens e identidades, vinculado ao Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva.

Co orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Cristina Salvadori.

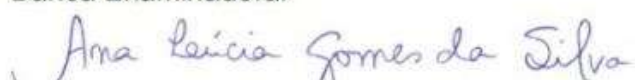
JACOBINA – BA

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO
"SINAIS-VIVÊNCIAS: O POTENCIAL CRIATIVO DA LITERATURA SURDA NA
RESSIGNIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS SURDAS"

MAYNARA COSTA DE CAMPOS

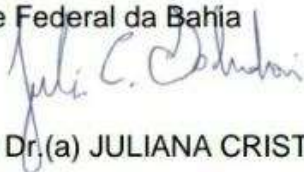
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, em 8 de dezembro de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor(a) Dr.(a) ANA LUCIA GOMES DA SILVA
UNEB

Doutorado em Educação

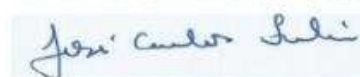
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) JULIANA CRISTINA SALVADORI
UNEB

Doutorado em Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



Professor(a) Dr.(a) JOSE CARLOS FELIX
UNEB

Doutorado em Teoria e História Literária

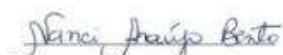
Universidade Estadual de Campinas



Professor(a) Dr.(a) TIAGO RIBEIRO DA SILVA
Ines - INES

Doutorado em Doutorado em Educação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Professor(a) Dr.(a) NANCI ARAÚJO BENTO
Ufba - UFBA

Doutorado em LÍNGUA E CULTURA

Universidade Federal da Bahia

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Campos, Maynara Costa de.
C198s Sinais-vivências: o potencial criativo da literatura surda na resignificação de experiências e narrativas surdas / Maynara Costa de Campos.
Jacobina – BA
150 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação Strictu Senso / Programa de pós-graduação em educação e diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de ciências humanas – Campus IV). Universidade do Estado da Bahia, 2021.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva.
Co orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Cristina Salvadori.

1. Literatura surda. 2. Culturas surdas. 3. Narrativas surdas. I. Ana Lúcia Gomes da Silva. II. Juliana Cristina Salvadori. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas/Campus IV. III. Título

CDD – 376

Ao meu irmão Wdson Alan (in memorian), com quem gostaria de compartilhar esta alegria. A minha mãe por ter pavimentado o caminho que hoje atravesso.

Aos personagens conceituais desta pesquisa, por compartilharem comigo suas narrativas em sinais-vivências.

Às instituições educacionais que prezam pela diferença e pela diversidade com princípio educativo.

AGRADECIMENTOS

Muito me alegra a oportunidade de ter uma seção para dizer dos meus agradecimentos. Aqui está a confirmação de que um galo sozinho não tece uma manhã, como afirma o nosso poeta João Cabral de Melo Neto. Foram muitas linhas e mãos a compor a tecitura deste trabalho, por isso, sinto-me feliz em poder referenciar a minha teia.

Sendo assim, agradeço a Deus por sua multiforme graça.

A minha mãe, a quem atribuo o meu afetamento pela educação, por meio de seu exemplo. É na sua força que fito os meus olhos para continuar tocando em frente. A minha família pelo apoio e incentivo. Por sempre demonstrarem contentamento com a minha caminhada acadêmica e profissional.

À minha avó (*in memoriam*), Dona Benícia, por ter vivenciado comigo a minha primeira experiência com pessoas surdas, por me possibilitar uma narrativa ancestral tão bonita e afetuosa.

Às minhas orientadoras, Professora Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva e Professora Dr^a. Juliana Cristina Salvadori, pelas linhas de fuga que traçamos juntas, desde a graduação. Agradeço imensamente pelas orientações, pelas aprendizagens e, especialmente, porque despertaram em mim vontade de potência. Obrigada por me conduzirem a campos teóricos e metodológicos, os quais não alcançaria sem vocês e pelos tensionamentos que me deslocaram ao caminho das possibilidades. Obrigada por me ensinarem a necessidade do trabalho em rede, em colaboração e em coletividade, vocês fazem isso com maestria. Muita gratidão!

Ao professor Luiz Claudio da Costa Carvalho, a quem tenho por referência nos estudos da surdez e por compor grande parte das discussões e tensionamentos neste trabalho. Agradeço pela alegria de poder conhecê-lo, pela gentileza de ter aceitado dialogar e compartilhar saberes a respeito da literatura surda comigo. Por me dizer que a erosão é o que há de mais belo no granito.

À professora Dr^a. Nanci Bento, ao professor Dr^o. Tiago Ribeiro e ao professor Dr^o. José Carlos Félix, pelo cuidado da leitura desta pesquisa e pelas contribuições apresentadas na minha banca de qualificação e em seus pareceres.

Aos meus participantes de pesquisa, sem os quais os resultados desta investigação não seriam possíveis. Obrigada por atuarem como personagens conceituais da pesquisa, forjando e experienciando outras conceituações e outros modos de pensamento.

As minhas colaboradoras, via grupo de estudos, Tatiane Lima e Enildes Freitas, por estarem conosco durante a realização das tertúlias, auxiliando com a relatoria e no compartilhamento de saberes relacionados à surdez.

À coordenação do curso “Libras em casa”, na pessoa do meu amigo/parceiro Davi Lima, o qual, gentilmente, me concedeu um usuário de livre acesso à plataforma virtual, onde foi possível desenvolver nossas janelas sinalizantes. Também o agradeço pela sua contribuição nas traduções e interpretações das *lives* temáticas, pelas traduções e interpretações de parte das narrativas que compuseram este trabalho.

Aos meus amigos e parceiros de estudos e profissão: Wermerson Meira, Wanderson Meira, Márcio Araújo, Agda Medrado por terem sido intérpretes de Libras nas *lives* que se ancoravam a este trabalho.

Ao meu amigo/parceiro de estudos Daniel Neto, a quem tenho imensa gratidão pelas provocações que me fez em relação aos estudos da surdez e à literatura surda, também foram elas que me impulsionaram a chegar neste resultado. Agradeço pelas *lives* temáticas que construímos juntos e por, gentilmente, ter aceitado realizar essas trocas de aprendizagens comigo. Também agradeço a minha irmã/amiga Naiara, por ter me incentivado a entrar no mestrado em um dos momentos mais estranhos da minha vida. A força de suas palavras me levantou. Muita gratidão a vocês.

A minha amiga Daniela Lima por, carinhosamente, ter lido o meu anteprojeto de mestrado e por me fazer acreditar que era um bom trabalho para o programa. Agradeço pelo cuidado e precisão na revisão técnica deste texto e por não ter medido esforços para a sua realização. Dani, você é especial.

A minha psicóloga, Luciana Modesto, por ter estado comigo durante quase toda a feitura deste trabalho, contribuindo com sua escuta sensível e me ajudando a enxergar as possibilidades que há em mim.

Ao professor José Radamés, que desde a minha formação básica tem estado presente, direta ou indiretamente, na minha relação com os estudos e com os caminhos que tenho escolhido trilhar. Agradeço pelos direcionamentos e por, solidariamente, se dispor a conversar comigo a respeito dos desafios e possibilidades desta pesquisa.

À professora Crizeide Freire, por ter me acompanhado com muito afeto, desde a graduação, em meus trabalhos de pesquisa e por contribuir significativamente na minha formação docente.

Ao grupo de estudos Libras-Português-Libras, do *Campus* Senhor do Bonfim-BA, pelas trocas de saberes e experiências referentes ao campo da surdez no Território de Identidade Norte do Itapicuru.

Ao grupo de estudos em Educação Inclusiva e Especial – GEEDICE –, na pessoa da professora Juliana Salvadori, pelo apoio e compartilhamento de saberes relacionados à educação e práticas inclusivas.

Ao grupo de pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior – DIFEBA – por sua potência, pelas contribuições teóricas e metodológicas, tendo por primazia a diversidade como princípio educativo. Por acenar e nos ensinar movimentos e ações de pesquisa por meio de redes colaborativas.

Ao grupo de pesquisa em Linguagem, Estudos Culturais e Formação do(a) Leitor(a) – LEFOR – por ter sido a minha primeira experiência em um grupo de pesquisa, por ter auxiliado no meu desenvolvimento acadêmico e pela sua contribuição nas discussões e na crítica ao cânone literário.

Ao grupo de pesquisa Desleitura, pelos convites à parceria e diálogos relacionados à literatura surda pelo viés contemporâneo.

A este programa de Pós-Graduação pela sua resistência e seu engajamento no desenvolvimento à pesquisa-ensino-extensão. Aos professores e professoras por compartilharem seus conhecimentos na área da educação e diversidade, cujas contribuições foram essenciais para meu desenvolvimento como educadora/pesquisadora.

A minha colega/irmã mpediana Claudia Nina, pelo compartilhamento de emoções e sentimentos ancestrais que nos atravessam. Às demais colegas da turma 2019.1, pela troca de experiências e saberes durante o curso.

À gestão do Colégio Estadual Quilombola Luis José dos Santos por, solidariamente, me oferecer tempo e espaço para a finalização desta pesquisa.

Às amigas e aos amigos que compreenderam as minhas ausências e me oferecerem abrigo em momentos de tensão e ansiedade.

A todas as pessoas e instituições que contribuíram com esta pesquisa, muita gratidão por essa tecitura coletiva!

*Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de
reconstruir, de não se entregar, de recusar
burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver
a vida como processo, como vir a ser [...]*

(Paulo Freire, [s.d.])

CAMPOS, Maynara Costa. **Sinais-vivências: o potencial criativo da literatura surda na resignificação de experiências e narrativas surdas**. 2021. Texto de qualificação. (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV.

RESUMO

Esta pesquisa teve como proposta compreender o potencial criativo da literatura surda em narrar os diversos modos de ser surdo/surda, tensionando identidades e diferenças nessa construção como singularidade na multiplicidade. Desse modo, para fundamentar esse percurso investigativo, nos subsidiamos em principais autores e autoras, tais como: Lodenir Karnopp (2008), Evaristo (2017), Candido (2002), Silva (2014), Hall (2014), Clandinin e Connelly (2000), Carvalho (2019), Deleuze e Guattari (2014) e outros, que tratam sobre a literatura contemporânea e seus marcadores identitários e culturais, bem como aqueles que dialogam sobre aspectos relacionados às narrativas e diferenças no campo da surdez. O horizonte metodológico desta pesquisa se ancora na abordagem qualitativa, pois tem como perspectivas centrais traçar um determinado contexto histórico das experiências literárias surdas através de suas narrativas. Esse estudo percorreu por atravessamentos das identidades e da diferença, inspirando-se na concepção pós-estruturalista, precisamente, ancorada à filosofia da diferença defendida por Gilles Deleuze (1997; 1998; 2000; 2006; 2014). Os fundamentos metodológicos foram os preceitos da pesquisa narrativa, tendo como procedimento de análise a própria narrativa à luz de Clandinin e Connelly (2000). Os participantes da investigação foram sujeitos surdos, dentre os quais oito estão localizados no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, e um pertencente ao território Portal do Sertão. Para a etapa de produção de dados, utilizamos como dispositivo a proposta de Tertúlias Dialógicas Literárias, as quais intitulamos de janelas sinalizantes. Os resultados obtidos foram: fornecimento de subsídios aos estudos literários contemporâneos, ampliando o conceito de literatura surda; além disso, emergiu em campo sinais-vivências como potencial criativo da literatura surda; a possível construção de um *e-book literário* colaborativo, o qual poderá contribuir com a educação numa perspectiva formativa evidenciando a materialidade das experiências e vivências surdas em suas diferenças por meio da literatura surda, proporcionando, portanto, discussões que destacam marcadores das diferenças culturais e linguísticas das pessoas surdas.

Palavras-chave: Literatura surda. Identidades. Diferenças. Culturas surdas. Narrativas surdas.

ABSTRACT

This research aimed to understand the creative potential of deaf literature to narrate the different ways of being deaf, stressing identities and differences in this construction as a singularity in multiplicity. Thus, to support this investigative path, this research was supported by the main authors and authors, such as: Lodenir Karnopp (2008), Evaristo (2017), Candido (2002), Silva (2014), Clandinin and Connelly (2000), Carvalho (2019), Deleuze and Guattari (2014) and others, who deal with contemporary literature and its identity and cultural markers, as well as those who discuss aspects related to narratives and differences in the field of deafness. The methodological horizon of this research is anchored in the qualitative approach, as its central perspectives are to trace a certain historical context of deaf literary experiences through their narratives. This study covered crossings of identities and difference, drawing inspiration from the post-structuralist conception, precisely anchored to the philosophy of difference defended by Gilles Deleuze (1997; 1998; 2000; 2006; 2014). The methodological foundations were the precepts of narrative research, using the narrative itself as an analysis procedure in the light of Clandinin and Connelly (2000). The research participants were deaf subjects, among which eight are located in the Northern Piemonte Identity Territory of Itapicuru, and one belonging to the Portal do Sertão territory. For the data production stage, we used as a device the proposal of Literary Dialogic Tertúlias, which we called signaling windows. The results obtained were: providing subsidies to contemporary literary studies, expanding the concept of deaf literature; in addition, signs-experiences emerged in the field as a creative potential of deaf literature; the possible construction of a collaborative literary e-book, which can contribute to education in a formative perspective, highlighting the materiality of deaf experiences and experiences in their differences through deaf literature, thus providing discussions that highlight markers of cultural differences and language of deaf people.

Keywords: Deaf Literature. Identities. Differences. Deaf cultures. Deaf narratives.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

- CAPES** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP** Comitê de Ética em Pesquisa
- DA** Deficiência Auditiva
- DIFEBA** Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior
- DVD** Disco Digital Versátil
- GEEDICE** Grupo de Estudos em Educação Inclusiva e Especial
- INES** Instituto Nacional de Educação de Surdos
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- L1** Primeira Língua
- L2** Segunda Língua
- LS** Língua de Sinais
- LGBTQIA+** Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual e outros
- TCC** Trabalho de Conclusão de Curso
- TCLE** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TIPNI** Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru
- UNEB** Universidade do Estado da Bahia
- UNIVASF** Universidade Federal do Vale do São Francisco

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru	39
Figura 2 - Síntese de lives e links para acesso on-line.....	46
Figura 3 - Síntese dos movimentos da pesquisa.....	50
Figura 4 - Ilustração gráfica das tertúlias literárias surdas: telas (en)quadradas?	81
Figura 5 - Representação das ações realizadas nas tertúlias literárias surdas	88
Figura 6 - Representação gráfica da organização dos encontros e temáticas das tertúlias literárias surdas	94
Figura 7 - Pesquisa IBGE/2019 - pessoas surdas, usuárias ou não da Libras.....	130

SUMÁRIO

1	QUANDO O CONHECIMENTO DESINSTALA.....	16
1.1	OS “DOIS DEDOS DA BAINHA DE DONA BENÍCIA”: AFETAMENTO ANCESTRAL	17
1.1.2	Outros afetamentos	19
2	PERCURSO INVESTIGATIVO DA PESQUISA	28
2.2	PARADIGMA PÓS-ESTRUTURALISTA COMO BASE EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA.....	29
2.3	A PESQUISA NARRATIVA NA CONSTITUIÇÃO DE SI.....	34
2.4	O LÓCUS: PAISAGENS E VEREDAS.....	38
2.5	PARTICIPANTES DA PESQUISA: NOSSOS “PERSONAGENS CONCEITUAIS”	39
2.6	DISPOSITIVOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS.....	41
2.7	EXPERIÊNCIAS E SUBJETIVIDADES: EXPERIMENTAÇÕES DO CAMPO	43
2.9	PAISAGENS TEÓRICO-EMPÍRICAS	49
2.10	PRINCÍPIOS ÉTICOS POTENCIAIS E LIMITES EXISTENCIAIS NA PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO	51
3	TRAVESSIA TEÓRICA-DOCUMENTAL.....	53
3.1	APONTAMENTOS SOBRE AS PESQUISAS EM LITERATURA SURDA NA PERSPECTIVA DAS DIFERENÇAS - REVISÃO SISTEMÁTICA.....	53
3.1.1	Considerações acerca da revisão sistemática.....	61
3.2	O CONCEITO DA DIFERENÇA NO CAMPO DA SURDEZ – HEGEMONIA CULTURAL MATERIALIZADA EM OBRAS LITERÁRIAS SURDAS	62
3.3	A PROPOSIÇÃO DE UMA LITERATURA SURDA MENOR - ESCRIVENTE	64
4	GIRO METODOLÓGICO: A PANDEMIA E ABERTURA DAS JANELAS SINALIZANTES	74
4.1.1	Personagens conceituais da pesquisa	80

4.1.2	Plataforma virtual	82
4.1.3	O movimento das tertúlias.....	84
4.2	SEM SOM, TELA TRAVADA, PANE NO SISTEMA: OUTROS DESAFIOS	90
5	SINAIS-VIVÊNCIAS EM JANELAS SINALIZANTES	93
5.1	TERTÚLIA 1 – <i>SINAIS DE BATISMO E RELAÇÕES IDENTITÁRIAS</i>	96
5.2	TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA 2: UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS – OS IMPACTOS FAMILIARES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO SURDO/A.	103
5.3	TERTÚLIA 3 - MUDINHO: ESTIGMA E SURDEZ	107
5.4	TERTÚLIA 4 - CINDERELA SURDA: “MARCAS LINGUÍSTICAS NA LITERATURA SURDA ADAPTADA E OS SEUS ENTRAVES DE ACESSO E PRODUÇÃO.	112
5.5	TERTÚLIA 5 - POESIA DE GABRIELA GRIGOLOM: INTERSECCIONALIDADE SURDA.	119
5.6	TERTÚLIA 6 - A SURDA ABSURDA: Modos de ser uma pessoa surda (?) 125	
6	CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	132
	REFERÊNCIAS.....	137
	ANEXOS	146

1 QUANDO O CONHECIMENTO DESINSTALA...

Na dinâmica de construção do conhecimento, o sujeito amadurece não só com o próprio sofrimento, mas também com as alegrias das descobertas que vai fazendo de si mesmo, do mundo e dos outros.

(GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 145).

Quando o conhecimento desinstala, o pensamento entra em **colapso**. O corpo movimenta para onde não se sabe ainda. A alma, aparentemente intocável, é ferida pela **destruição** da flor, tão sutilmente cultivada... Quando o conhecimento desinstala, o **medo** acontece. Simplesmente não se sabe com segurança onde se pisa. O que se era, parece não ser mais... Quando o conhecimento desinstala, é preciso **subsídio**, sair de casa e ir em busca de que ou de quem possa lhe ajudar a entender o motivo da desinstalação. É necessário ser capaz de **reconfigurar, de fugir, de romper com o estabelecido**.

“Nosso pai era um homem cumpridor, ordeiro, positivo; [...], mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa [...] e decidiu um adeus para a gente [...] entrou na canoa e desamarrou, pelo remar [...] nosso pai não voltou.” (ROSA, 2016, p. 76 e 77). Estes fragmentos foram retirados do conto “A terceira margem do rio”, publicado em 1962 por João Guimarães Rosa, a fim de sintetizá-lo. Trago-o como mobilizador de pistas da perspectiva deleuziana de linhas de fuga.

Conhecido por sua transgressão e rupturas linguísticas, Rosa nos propõe uma literatura cheia de quebras e lacunas a serem preenchidas (ou não) pelo leitor, portanto, escrituras fundadas em um devir¹. O pai em questão opta por traçar sua história de modo incomum, isolado e à margem de um rio, apresentando-se como um ser desviante, sem estabilidade, desterritorializado. Embora tivesse deixado o seu lar, seu território primário, permaneceu próximo, visível a todos ao redor, “naqueles espaços do rio, de meio a meio”, essa ilustração reforça a concepção deleuziana, denotando que “a fuga sempre nos leva para esse espaço intermediário, que tem como marcas sua instabilidade e movimento” (MORAES; JARDIM, 2017, p. 24).

¹ Deleuze, Gilles, em sua obra “La Littérature et la Vie”, considera que **devir** não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimésis), mas é encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, [...] e que não são nem imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto mais singularizados numa população.

Quando aponto a necessidade de fuga na entrada desta pesquisa, estou considerando que “fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga [...] Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 30). Sendo assim, compreendo que a ação de “fuga” nos desloca para um outro território, onde nos encontramos vulneráveis ao agenciamento de novos afetos e uma outra constituição de nós mesmos.

Início o capítulo dessa forma, porque o cumprimento desta pesquisa representa a reconfiguração de um conhecimento outrora adquirido a respeito do meu objeto de estudo: a literatura surda. Ela é o resultado da não acomodação de uma percepção construída ao longo da minha trajetória como participante da comunidade surda e que será apresentado ao longo dessa dissertação².

1.1 OS “DOIS DEDOS DA BAINHA DE DONA BENÍCIA”: AFETAMENTO ANCESTRAL

Sou professora, formada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O estudo realizado para minha defesa final de curso foi desenvolvido na área da surdez, mais precisamente na área das produções literárias surdas. Para justificar o meu interesse na literatura surda, contei em minha pesquisa que este, por sua vez, aconteceu em virtude da minha aproximação com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) que se deu, em primeira instância, no contexto religioso, no qual realizava, e realizo até hoje, interpretações sinalizadas em Libras/Língua Portuguesa de pregações, palestras bíblicas, músicas, conferências, congressos, peças teatrais etc.

Contudo, venho percebendo que a memória, às vezes, nos trai. Sou filha e neta de costureiras. Minha mãe desistiu da profissão com o tempo. Para além disso, ela ensinava, mas essa função também não exerce mais, não formalmente. Minha avó permaneceu costureira até os 80 anos de idade, o sustento da família era sua maior honra (e há quem diga que esse papel se destina à figura masculina, não em minha casa, cuja ação matriarcal foi marcante). A fama de minha avó, ser umas das melhores costureiras da cidade era fato. Seu trabalho era exercido com excelência e rapidez,

² De acordo com a pesquisadora surda Karin Strobel (2008), comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes- membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros- que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. [...] Em que lugares? Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (STROBEL, 2008, p. 29).

mas, além disso, era despreziosa em relação ao preço dos seus trabalhos. Não porque não precisávamos, mas porque ela era muito justa e só queria receber o suficiente para não nos faltar o básico.

Sua popularidade alcançava a muitos. Tivemos acesso a diferentes tipos de pessoas em nossa humilde casa. Todavia, numa certa feita, algo muito divertido (para mim, que era uma criança na época) se sucedeu: duas pessoas surdas (um rapaz e uma moça), foram à procura dos serviços de dona Benícia. Ela se desesperou, é claro, pois não conseguia entender nada do que eles estavam dizendo. Minha avó costumava observar o meu apreço pelos estudos, então, por me considerar a pessoa mais inteligente naquele momento, me chamou para mediar aquela conversa (risos). Entre muitas tentativas de comunicação, desesperos e gargalhadas, consegui entender o que eles estavam solicitando: reduzir em dois dedos a bainha de uma calça. Eu não sabia Libras, sequer sabia que esse era o nome dado àqueles sinais, mas não podia decepcionar a confiança de minha avó e nem lhe fazer perder aquele trabalho. O que nos salvou naquela tardezinha que virara noite foi o fato de eles saberem escrever. Depois de muito tempo gesticulando coisas vãs, dei-lhes papel e caneta, e assim puderam dizer o que queriam. Ufa!

Esta narrativa se expressa, hoje, nesta escrita, de modo singular e me mobiliza a ser a pesquisadora que compreende que o objeto de estudo se vincula à sua vida, sua história e sua experiência e se transforma em pesquisa, cuja busca adensada pela teoria, pelos dados de estudos já realizados, e pelo cultivo dos dados empíricos serão a urdidura que estrutura o tecer epistêmico com o rigor exigido na pesquisa, como nos alerta Creswell (2014). Para ele, “os pesquisadores e pesquisadoras têm uma história pessoal que os situa como investigadores e *investigadoras*” (CRESWELL, 2014, p. 54, grifos nossos).

Partindo desse pressuposto, compreendo que o interesse por esse estudo parte das minhas experiências e interesses pessoais, que são também escolhas políticas, éticas e estéticas. Não sei como esse fato passou despercebido por mim durante tanto tempo; hoje, inclusive, tenho proximidade com os dois e ambos lembram desse acontecimento, desse afetamento que me toca. Minha avó, passou dias lembrando dessa história e contando aos seus clientes, dando graças a mim por estar ali, naquele momento.

Depois disso, passei a percebê-los na rua, e a reconhecer outros/as surdos/as também, antes invisíveis para mim. Sempre que tinha oportunidade, timidamente,

tentava um cumprimento. Sem dúvidas, foi esse encontro como acontecimento, como oportunidade de ser “intérprete” mirim, que me fez desbravar o mundo da Libras e me tornar uma intérprete de formação.

Afeto e acontecimento percorrem os meus escritos, porque me convocam ao movimento da pesquisa. Para Deleuze e Parnet (1998, p. 75),

os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria).

Nesse sentido, o afeto como potência, nos intima para o movimento do desbravamento, de ir além para além. “Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer. Sinaliza a força de expansão da vida e da atividade que podemos viver. A tensão se instala” (LAZZAROTTO; CARVALHO, 2012, p. 24). Tais afetos e afetamentos atuaram na produção de mim mesma na trajetória da pesquisa, por sua força e expansão. Além de permitir realizar outros modos de pesquisar e instalar o conhecimento nas linhas de fuga, que emergiram em campo, os quais serão apresentados ao longo do texto.

1.1.2 Outros afetamentos

Agora, entra em cena a importância da igreja, porque foi o lugar onde encontrei o fomento da Libras e a participação desses sujeitos. Meu aprendizado inicial se deu de maneira autônoma: eu decorava os sinais que a intérprete fazia em músicas. Ficava vidrada na hora da pregação, tentando pegar, de longe, algumas palavras para eu conseguir interpretar músicas do meu interesse. Não demorou muito até que expressasse o meu desejo de entrar para aquele ministério. Meses depois, já estava assumindo a liderança. No ano de 2015, organizei, através da *Primeira Igreja Batista* em Campo Formoso – BA, um dos maiores eventos com surdos na cidade. Foi um projeto de evangelização das pessoas surdas, pensado pela junta de missões nacionais das Igrejas Batistas do país, chamado “Alcance surdos”. Com essa ação, que durou uma semana, catalogamos em média 42 surdos só na sede da cidade. Também recebemos uma surda de Salvador – BA e missionários proficientes na Libras.

Esse encontro foi um choque, pois o modo como usávamos a Libras, na verdade, estava longe das diretrizes linguísticas que a língua exige. Fazíamos uso do

português sinalizado e do bidualismo³, ambas as práticas prejudicam significativamente a compreensão da língua, pois marcam uma dependência linguística da Libras em relação à Língua Portuguesa, descaracterizando, dessa forma, a gramática das línguas de sinais. Esses profissionais foram bem sinceros em dizer que precisávamos de formação. Para Deleuze e Parnet (1998, p. 78), o acontecimento é sempre produzido por corpos que se entrecrocaram, se cortam ou se penetram, a carne e a espada; e esse acontecimento, em especial, muito me afetou, e me impulsionou à corresponsabilização da minha trajetória formativa.

Naquele mesmo ano, iniciei um curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras, promovido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) – Campus Senhor do Bonfim – BA. Nele, eu aprendi Libras, de fato. Passei a conhecer algumas produções poéticas, dentre elas “A árvore de natal” da poeta surda Fernanda Machado, e assim comecei a me questionar se tanto as traduções de música, as quais sempre me atraíram, quanto as produções poéticas surdas constituiriam o escopo da literatura Surda.

Concomitantemente com essas novas perspectivas em relação à Língua de Sinais (LS), na graduação também estava vivenciando novas experiências literárias. Foi quando passei a me interessar por literaturas marginalizadas, isto é, aquelas que estão à margem da sociedade, subversivas ao cânone literário. Nesse entrelaçar de experiências recém-adquiridas, me vi pesquisando sobre as problemáticas que circundam a literatura surda, sua origem, seus conceitos, seus objetivos, especificidades, enfim, quando notei, já estava inserida nesse campo literário dos estudos surdos.

O desenvolvimento de minha pesquisa de TCC, defendida em 2018, me trouxe grandes aprendizados e descobertas. O seu objetivo central foi compreender como a literatura surda entremeava as questões identitárias e culturais surdas. Como resultado, constatei que esses elementos marcam significativamente as narrativas surdas, e que são essas marcas que a fazem ser considerada literatura surda. As potencialidades narrativas também fizeram parte das minhas considerações, as quais se evidenciam ao materializarem experiências culturais surdas e visibilizam as possibilidades linguísticas da Libras, outrora desprestigiadas.

³ Uso simultâneo da língua de sinais e do português. Uma vez que a estrutura de ambas as línguas é diferente, é quase improvável uma prática equilibrada, possivelmente, uma das duas modalidades sairá prejudicada.

Uma vez que tive como categorias teóricas a literatura, a cultura surda, a identidade surda e a língua, tracei um caminho teórico que fundassem esses conceitos na perspectiva dos Estudos Culturais. Dessa forma, busquei problematizar, nessas categorias, a universalidade desses conceitos. Provoquei, na literatura, o tensionamento entre o cânone e a margem, direcionando-a para um conceito muito mais liberal, onde cada um, na sua experiência literária, considera o que é literatura. Sobre a cultura surda, me aproximei do que Strobel (2008, p. 16), chamou de cultura grupal, em que nos conduz a uma ideia de múltiplas manifestações culturais, não limitando as possibilidades culturais na sociedade. Na identidade, trouxe Hall (2003, p. 433) para nos dizer que as identidades são constituídas culturalmente e historicamente e que, por isso, não são estáveis. Mesmo que timidamente, reforcei a ideia de se pensar cada categoria supracitada na sua singularidade, suprimindo qualquer fundamentação hegemônica sobre esses conceitos.

No entanto, quando aponto para o aspecto da Língua, considero a Libras como mola-mestra para a construção identitária e cultural da pessoa surda. Trago abaixo um trecho das minhas considerações:

Entendi que quando falamos em cultura surda, falamos de uma diversidade cultural surda, onde os gostos, profissões, etnias, gênero, etc., são diversos, o que há de comum são as experiências visuais vividas a partir de uma língua também em comum, a língua de sinais. Essa língua, será ponto de partida para a construção das identidades surdas, que também são híbridas em constante transformação. (MOURA, 2018, p. 72)

Não é que a Libras deixa de ter sua importância para a constituição das culturas surdas. Para Perlin e Miranda (2003), da experiência visual surge a cultura surda, representada, dentre outros aspectos, pela língua de sinais. Contudo, o grande problema está em considerar a LS comum a todas as pessoas surdas, pois não é. Foi a própria pesquisadora surda Gladis Perlin (1998), que, em sua dissertação de mestrado, fez um levantamento das múltiplas identidades surdas, entre as quais emergiu as identidades surdas flutuantes, em que nelas as pessoas surdas não participam da comunidade surda, sendo bastante resistentes às línguas de sinais.

Hoje, vejo que a narrativa por mim analisada como *corpus* de pesquisa trazia um modelo **de ser surdo que ecoa parecer o tipo ideal**. Uma garotinha que passou seus 5 anos de idade vivendo uma crise identitária por não compreender e não ser compreendida no mundo das bocas mexedeiras, encontra a felicidade e alívio quando descobre o mundo das mãos mexedeiras. O seu encontro com a comunidade surda e

com a Libras lhe possibilitou um desenvolvimento positivo em suas relações escolares, familiares e sociais, além de poder se perceber inserida na cultura surda.

É uma narrativa encantadora, no entanto, essa não é uma realidade comum a todas as pessoas surdas. Muitos surdos nascem, crescem e morrem sem conhecer esse mundo das mãos mexedeiras, ou por falta de oportunidades, ou por considerarem e temerem aos inúmeros estereótipos criados no campo da surdez, ou por simplesmente não quererem por razões próprias.

Pensando desse modo, emergem os questionamentos: se o sujeito surdo não adere à língua de sinais, ele perde a capacidade de pertencer à cultura surda? Se essa não é uma realidade trivial às pessoas surdas, quem não faz parte dela não tem uma cultura surda? Podemos ir ainda mais próximo ao meu objeto de estudo e problematizar: Se a literatura surda contempla apenas essa cultura hegemônica, não estaria ela fomentando uma hegemonia também? Não deveríamos pensar em outras formas de ser surdo na literatura surda e em outras formas de culturas surdas? Desse modo, habita nesta investigação um espaço discursivo da visualidade, que abre, dá entrada a outras possibilidades e aponta para novas compreensões e tensionamentos.

Daí surge o conhecimento instável, o qual fiz menção no início deste capítulo. Dar continuidade a minha pesquisa monográfica já era uma pretensão, pois tive prazer em realizá-la e satisfação em seu resultado. Contudo, esse desejo se eleva, pois agora reconheço a necessidade de um novo modo de pensar sobre a surdez e sobre a literatura surda. Vejo a minha necessidade sendo representada na proposição de Ghedin e Franco (2011), quando dizem que:

Uma tarefa realizada não pode, de modo algum, gerar acomodação. Ao contrário, deve gerar desinstalação, um choque no real, capaz de impulsionar o sujeito para além de onde chegou. O conhecimento que acomoda não é no sentido filosófico, mas alienação e ideologia. Se o conhecimento não desinstalar o sujeito da poltrona confortável da acomodação irrefletida, não é digno desse nome. (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 145)

Não obstante a isso, reconhecer a importância de reconstruir um conhecimento antes adquirido, não é tão confortável assim, por isso destaco, em meu primeiro parágrafo, as palavras colapso, destruição, medo, necessidade de subsídio, capacidade para reconfigurar e fuga. Precisei de um tempo para maturar esse sofrimento e reconhecer também as alegrias das descobertas que fui fazendo de mim mesma, do mundo e dos outros, parafraseando Ghedin e Franco (2011, p. 145).

Durante esses meus 6 anos inserida na comunidade surda, meu lema foi: propagar a Libras para o máximo de pessoas (surdas e ouvintes) que puder, porque, só através dela, o sujeito surdo constrói sua autonomia, consciência crítica e política, conhece a sua história e se fortalece por meio dessa língua para fazer suas próprias escolhas. Minha coorientadora, no seu papel de estranhamento do tema, tensiona e afirma sobre o discurso salvacionista que se explicita quando me pronuncio. Não é só ela que pensa isso de mim, eu também estou pensando sobre isso, porque me impulsionaram a olhar novamente para o objeto de estudo com estranhamento, lançando incertezas no que achava já ter como certezas. Deste modo, me vi pesquisando sobre o triângulo de *Karpman*; nele são apontados três tipos de personalidades: o salvador, o perseguidor, e a vítima. Em linhas gerais, o perseguidor é aquele que sempre se isenta de responsabilidades e culpas; a vítima é altamente narcisista, tudo se move ao seu redor; e, propositalmente deixado por último, o salvador. O salvador é aquele que busca sempre está no controle de tudo, que sempre assume responsabilidades, que não quer errar, que quer sempre fazer tudo, por todos. Ora, parece ser perfeito, mas tem um grave problema: ele não tem tempo para perguntar como as pessoas querem que suas questões sejam resolvidas e nem se elas querem que sejam: simplesmente vai lá e faz.

Minha coorientadora tem razão, pareço um reflexo dessa personalidade. Portanto, o movimento agora em curso é este: perceber o meu papel como pesquisadora, que também se analisa, e que não tem a missão salvacionista, já que, como nos aponta Luna (2011), é preciso distinguir pesquisar e o prestar serviço, pois estas ações assumem características diferentes, no mínimo quanto ao seu ponto de partida e de chegada. Segundo ele, “pesquisa é sempre um elo de ligação entre o pesquisador e a comunidade científica, razão pela qual sua publicidade é elemento indispensável do processo de produção de conhecimento”. (LUNA, 2011, p. 22).

Tensionar essa diferença entre pesquisador e o prestador de serviço é imprescindível, uma vez que nos aponta para o rigor ético e a atenção que se deve ter quanto ao objeto de estudo. Esta pesquisa não é uma prestação de serviço, ela é um tecido remendado de conhecimentos e estará disponível para outras possíveis tecituras.

Quanto ao seu rigor, nos fundamentamos nas premissas consideradas pelo professor Tiago Ribeiro e pela professora Adrienne Ogêda Guedes, ancorados em

Ginzburg (1998), cuja perspectiva amplia o conceito de rigor, enxergando-o com flexibilidade. Esse deslocamento, radical ao modo positivista, é o que torna a investigação singular, para eles, no entanto, “a singularidade e a flexibilidade do pesquisar não o furtam de uma série de preocupações em torno dessa ação: compromisso, responsabilidade, coerência, responsividade, presença, escuta, conversa.” (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p. 28).

Por esse motivo, esta pesquisa se coloca em primeira pessoa, mas vai se revelando colaborativa ao mesmo tempo em que também se coloca na primeira pessoa do plural. Há momentos em que narro o meu próprio percurso, minhas percepções e tomadas de decisão de modo singular. E há momentos em que isso se deu de forma coletiva, seja na coparticipação das minhas orientadoras, seja em coparticipação com os/as personagens conceituais, seja pela rede colaborativa que se configura em grupos de estudo e pesquisa. Em consonância ao que Guedes e Ribeiro (2019) nos apontam, afirmo que:

Tal proposição nos aproxima de uma pesquisa que escape, escorrega... Bem distante das oferendas aos métodos, ao passo a passo; bem distante das honrarias aos procedimentos ritualmente alinhavados por uma gramática (ou dogmática!) da metodologia como tribunal inquisitório da pesquisa científica e da escrita acadêmica como uma escriturística objetiva e neutra. (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p. 29).

Retomando a discussão sobre o meu objeto, há estudos e fatos que comprovam a eficácia da língua de sinais na vida da pessoa surda, contudo, nenhuma língua deve ser imposta ao sujeito, nem mesmo a sua língua dita “materna”. Considerar que sujeitos surdos são incapazes de se desenvolver socioculturalmente, por não terem acesso às línguas de sinais ou, simplesmente, não quererem acessá-la, é uma forma de subestimá-los. Também é desconsiderar as potencialidades desses sujeitos nas suas diferenças e nas suas singularidades. Se não buscamos uma cultura, uma identidade, uma literatura que seja hegemônica, também não podemos buscar um só jeito de se expressar/falar/comunicar. Continuo acreditando no potencial linguístico da Libras na vida da pessoa surda, mas essa pesquisa foi o tempo que destinei para perguntar: pessoas surdas e comunidade surda, o que vocês têm a dizer sobre suas diferenças, seus diversos modos de serem surdos e surdas?

Estive ciente de que algo novo nos chegaria. Tive ciência e arrepios também, porque deixar a confortável poltrona de conhecimentos estáveis causa insegurança. Contudo, tive Deleuze (1997; 1998; 2000; 2006; 2014) como fundamentação de pesquisa, um filósofo desesperado pela diferença e pela capacidade do devir. Assim

como Paulo Petronilio (2012), estudioso da filosofia deleuziana, provocamos um outro pensar, uma outra maneira de escrever, se experimentamos um pensar de uma outra forma que desfaça os ideais, os modelos, o pronto, o acabado, pois a essência do devir é não imitar, é não “fazer como”. Devir é criar.

Para Deleuze (1997), escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Por esta razão, esta escrita se faz assim, na tentativa de desterritorializar conceitos pré-concebidos, direcionando-os para um movimento pluriversal, em constante devir, que possam trazer à tona as diferenças, como potência, da pessoa surda na sua singularidade, mas que também é atravessada por agenciamentos coletivos que lhe possibilitam esse vir a ser constante, tudo isso pela interface da literatura surda.

Se o escopo da literatura surda é marcado por questões culturais e linguísticas, visualizamos a possibilidade de tensionamento de um modelo ideal de ser surdo a partir das narrativas trazidas pelas produções e pelos participantes da pesquisa, e, dessa forma, tensionando, também, o conceito da chamada literatura surda.

Não obstante, todo o movimento histórico percorrido pelas comunidades surdas com/em ações e documentos legais, no que tange às construções políticas, direitos de acessibilidade e inclusão adquiridos e a difusão da Libras na sociedade, podemos perceber que essas discussões ainda se encontram restritas à comunidade surda e a pesquisadores da área. Isso implica dizer que há necessidade de fomento, visibilização sobre essas questões de modo mais abrangente, pois uma vez percebida a carência dessa temática em outras áreas de ensino, faz-se pertinente que não seja somente socializada em cursos de Letras-Libras, por exemplo, mas, sim, em âmbitos sociais e educacionais como um todo.

Por isso, se um dia alguém me questionar porque eu, pessoa não surda e professora de Língua Portuguesa, me debruço a estudar a surdez e seus artefatos, não hesitarei em dizer que, para além das implicações já colocadas acima, precisamos sair da nossa zona de conforto, observar as questões sociais e educacionais que estão postas e não se esquivar delas. Pessoas surdas estão nas escolas, na sociedade, nas igrejas, na política, na academia, então, que tal buscarmos compreender outras diferenças com as nossas?

Reconheço o meu lugar de fala, e é desse lugar, sobretudo, humano, que teço esta escrita. Reconheço o meu privilégio ouvinte que me permite não passar pelas vivências de opressões culturais e linguísticas relacionadas à surdez. Djamilia Ribeiro

(2017), sinaliza em seu livro *O que é lugar de fala* que, ao falarmos em *lugar de fala*, estamos nos referindo à localização social e que, a partir disso, é possível, portanto, debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade (RIBEIRO, 2017). Afirma ainda que:

O fundamental é que os indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p. 88).

Falo, portanto, do lugar da experiência na comunidade surda. Como profissional de Letras, me impulsiono a trilhar caminhos no campo da linguística e da literatura, uma vez que são áreas que me possibilitam um olhar subversivo para aquilo que está posto. Sempre tive uma inclinação para o que está fora do centro – possivelmente porque sou atravessada pela interseccionalidade⁴ de raça, gênero e classe – por isso, chego até a literatura surda, expressões literárias marginalizadas.

Se compararmos os estudos de Literatura e obras produzidas pela comunidade ouvinte em Língua Portuguesa, constatamos que ainda são incipientes os estudos relacionados à literatura surda, bem como os aspectos envolvidos na sua produção – fato este que está diretamente relacionado à (in)visibilidade e à negação da própria Língua de Sinais, do próprio sujeito surdo em suas diferenças e singularidades.

É nesse contexto, e pelos motivos citados anteriormente, que me permito adentrar nesse recorte dos estudos surdos. Assim, a proposta desta pesquisa, portanto, tensiona o conceito de cultura surda, ampliando a concepção para culturas surdas – no plural, porque reconhecemos a necessidade de desfazer uma aparente hegemonia cultural. Buscamos, de igual modo, capturar a diferença como singularidade na multiplicidade, e o potencial criativo dessa literatura em narrar os diversos modos de ser surdo, pressupondo sinais-vivências. Petronilio (2012), ancorado em Deleuze, considera que “a literatura como potência, é signo da diferença, pois a arte da palavra é a eterna casa de quem testemunha a vida, mostrando assim

⁴ A interseccionalidade trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

seus múltiplos signos, verdades e aprendizados que não são da arte e sim, da própria vida” (PETRONÍLIO, 2012, p. 62).

Motivada pelas questões descritas acima, buscamos, assim, responder à seguinte questão investigativa: *Como a literatura surda pode propor, ressignificar experiência e narrativas possíveis nos modos de ser surdo/surda?* Considerando essa pergunta de pesquisa, tivemos por objetivo geral compreender o potencial criativo da literatura surda em narrar os diversos modos de ser surdo, com ênfase nas identidades e diferenças dessa construção como singularidade na multiplicidade. Em seus objetivos específicos, pretendeu-se: 1) identificar as marcas culturais da literatura surda e suas implicações para a produção das subjetividades dos sujeitos surdos; 2) ressignificar as experiências de ser surdo/surda em narrativas, atravessadas e atravessantes da literatura surda; 3) registrar as narrativas a partir da literatura surda, a fim de compreender como são narradas as experiências surdas e os diversos modos de ser surdo/a trazidos nessas produções com as suas narrativas, vivências e experiências, historicamente, compartilhadas por esses grupos.

Ao final das propostas interventivas, a partir das tertúlias dialógicas, e considerando os seus resultados, pensamos na proposta de produção de um *e-book* com narrativas surdas, para conhecermos o que narram os sujeitos surdos sobre os diferentes modos de ser surdo. Essa construção se dará de forma colaborativa, a ser dialogada como desdobramento desta pesquisa, compreendendo como as narrativas produzidas podem ser (des)territorializadas na perspectiva da diferença.

Para fundamentar esse percurso investigativo, esta pesquisa se subsidia nos principais autores e autoras, tais como: Lodenir Karnopp (2008), Evaristo (2017), Candido (2002), Silva (2014), Clandinin e Connelly (2000), Carvalho (2019) Deleuze e Guattari (2014) e outros, que tratam sobre a Literatura contemporânea e seus marcadores identitários e culturais, bem como aqueles que dialogam sobre aspectos relacionados às narrativas e diferenças no campo da surdez.

Para cumprir com os objetivos propostos, nos subsidiamos em proposições metodológicas inspiradas no paradigma pós-estruturalista e na pesquisa narrativa, que nos conduziram a compreender a concepção de literatura surda com os sujeitos participantes desta pesquisa, e da mesma forma entender como as diferenças surdas estão sendo narradas nessa literatura, observando se ela tem se mostrado potente em narrar as múltiplas vivências das pessoas surdas.

2 PERCURSO INVESTIGATIVO DA PESQUISA

O movimento da pesquisa nos convoca diariamente a tomadas de decisões, e me atrevo a dizer que, se assim não for, o nosso trabalho, ou que quer que seja, deixa de ser pesquisa. As escolhas, as quais temos que fazer constantemente, revelam a vivacidade do processo investigativo e a proximidade dele com essa vida volátil, que por vezes também se mostra ser um labirinto. Portanto, tomar decisões no labor da pesquisa, implica em olhar para si e para os processos históricos, culturais e familiares que os constituem e, ao mesmo tempo, está em observância para as transformações que sempre estão à disposição.

A escolha do método, em que uma de suas funções é, segundo Ghedin e Franco (2011), indicar por onde a pesquisa caminhará, não deve partir de uma simples identificação particular, mas de uma junção de fatores, entre os quais podemos evidenciar o pesquisador, as objetivações da pesquisa e todo o seu entorno. De acordo com Bernadete Gatti (2007), [...] “os métodos nascem do embate de ideias, perspectivas, teorias com a prática. Eles não são somente um conjunto de passos que ditam um caminho. São também um conjunto de crenças, valores e atitudes”. (GATTI, 2007, p. 54).

Considerando as motivações e deslocamentos que me fizeram chegar ao problema desta pesquisa, temos aqui um estudo investigativo cuja abordagem é qualitativa, pois tem como perspectivas centrais traçar um determinado contexto histórico das experiências literárias surdas através de suas narrativas. Também se propõe a uma análise das relações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2010).

Uma vez que este estudo pretendeu percorrer por atravessamentos da identidade e da diferença numa concepção pluriversal do sujeito, que se encontra em processo constante do devir, nos debruçamos em inspirações pós-estruturalistas, precisamente, ancoradas à filosofia da diferença defendida por Gilles Deleuze (1997; 1998; 2000; 2006; 2014).

Compreendemos os limites da identidade em relação à diferença, contudo discuti-la nos importa, sobretudo, porque a reconhecemos à luz das proposições de Stuart Hall (2014), o qual considera que a identidade:

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2014, p. 109).

Aqui, quando nos referirmos ao termo “representação”, o concebemos como um sistema de significação, descartando os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica, sendo assim, segundo Silva (2014), uma representação pós-estruturalista. Desse modo, ao falarmos de identidade nesta pesquisa, nos reportaremos como um conceito que não tem por objetivo fixar os sujeitos numa determinada posição; antes tem como premissa provocar descontínuas e fluidas posições.

Portanto, quando aproximamos a identidade da diferença, estamos dizendo que:

As diferenças não implicam apenas ou necessariamente no fortalecimento de uma ou outra identidade, o que resultaria na naturalização das mesmas, mas no contínuo processo de desestabilização dos marcadores identitários: abalam as identidades descentrando-as constantemente e engendrando novas posições de sujeitos, uma multiplicidade de posições que se articulam com o diferente o que nos leva, também, a pensar a identidade não como uma unicidade, idêntica, mas como fluida e descontínua. (GUARESCHI, 2008, p. 8).

Como estratégia de investigação, nos fundamentamos nos preceitos da pesquisa narrativa, tendo em vista o objetivo dessa proposta em observar se a literatura surda tem se mostrado potente em narrar os diversos modos de ser de uma pessoa surda. Nesse caminho, narro as minhas experiências e desterritorializações, outrora já iniciadas na introdução desta pesquisa, como também proponho narrativas dos sujeitos participantes que irão dar corpo, no sentido mais orgânico da palavra, ao estudo.

2.2 PARADIGMA PÓS-ESTRUTURALISTA COMO BASE EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA

Um novo modo de pensar, um estilo de filosofar, movimento de pensamento, são algumas formas de definição para o pós-estruturalismo, que para além dessas concepções, se constitui movimento, implica epistemologia, uma ética e uma estética de ruptura com o instituído, o estruturalismo. Iniciado em meados dos anos 60, inaugura e registra a recepção francesa de *Nietzsche*, este que foi fonte de inspiração

para muitas inovações teóricas do movimento. Em sua primeira geração, se destacam os pensadores: *Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jean-François Lyotard*, os quais, por sua vez, propuseram suas concepções de mundo, movidos pelos trabalhos desenvolvidos por *Heidegger e Nietzsche*.

Michael Peters (2000), em sua obra *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*, traça um percurso histórico sobre o movimento pós-estruturalista e aponta que o seu desenvolvimento se deu, sobretudo, pela crítica deleuziana à dialética hegeliana, propondo uma fuga desse pensamento à celebração do *jogo da diferença*, que acaba por se materializar em seu livro *Nietzsche e a filosofia*. Para Peters (2000), essa reação à dialética, que está diretamente ligada ao conceito de *diferença*, a partir do pensamento Nietzscheano, representa um dos momentos inaugurais do pós-estruturalismo francês. Para compreensão de sua genealogia, Peters defende que:

A genealogia do pós-estruturalismo francês tem que ser compreendida, em parte, por suas filiações com o pensamento de Nietzsche. Em particular, com: sua **crítica da verdade** e sua ênfase na **pluralidade da interpretação**; com a centralidade que ele concede à questão do estilo, visto como crucial, tanto para filosofia quanto esteticamente, para que cada um se supere a si próprio, em um processo de perpétuo **autodevir**; com a importância dada ao conceito de **vontade de potência** e suas manifestações com vontade de verdade e vontade de saber. (PETERS, 2000, p. 32, grifo nosso).

As expressões que foram destacadas demarcam parte da centralidade desta pesquisa, e por isso nos interessou fazer essa breve retomada à raiz do pós-estruturalismo, sobretudo, porque o nosso objetivo é o de traçar perfis surdos a partir de suas narrativas e observar a potencialidade da literatura surda em narrar esses diferentes modos de ser, numa perspectiva da diferença deleuziana, que diretamente se relaciona com a crítica da verdade, com a pluralidade, com o devir e com a vontade de potência. Desse modo, nos inspiramos em uma vertente/dobra do pós-estruturalismo, a filosofia da diferença.

Numa discussão sobre *peças surdas* é quase improvável não aparecer a expressão *peças ouvintes*. Isso se dá, em razão de um cenário histórico que marca uma relação latente entre o colonizado – surdos – e o seu colonizador – ouvintes –, ou ainda, aquele que é anormal e aquele que é normal, ou aquele que não é capaz e aquele que é... a lista segue longe.

Neste trabalho, tensionamos esses binarismos quase que inerentes aos estudos sobre surdez. Apesar de essas expressões serem utilizadas para fundamentar o contexto histórico, político e cultural das peças surdas,

consideramos que esse discurso (o tempo inteiro) binário pode fragilizar as concepções de diferença e de diversidade no campo da surdez, além de correr o risco de contribuir para a manutenção dessas hierarquias. Entendemos que agir dessa forma é agir de modo contrário ao pensamento pós-estruturalista e também às concepções dos Estudos Culturais que, por um acaso, vêm sendo base teórica de grande parte dos Estudos Surdos.

Traçar perfis surdos a partir de suas narrativas também nos convoca a pensar sobre os discursos universalistas no que se refere à surdez. No cenário atual, urge pensar para além de modelos ideais de ser surdo, os quais tem a “boa” intenção de “libertá-los” de um modelo “ouvintista”, mas os coloca em uma outra prisão de ideais “surdistas”. Carvalho (2019) fala de uma “Cultura surda universal monolítica” em oposição a uma suposta cultura universal ouvinte, e segue dizendo que “Em lugar de se moverem em direção ao espaço criativo da produção de novas subjetividades e identidades plurais, optam pela construção romântica de um Povo Surdo escolhido [...]” (CARVALHO, 2019, p. 44). Nesse debate, as concepções pós-estruturalistas entram para nos dizer que:

A ênfase na autoconsciência absoluta, e no seu suposto universalismo é parte integrante dos processos que tendem a excluir o Outro, ou seja, aqueles grupos sociais e culturais que agem de acordo com critérios culturais diferentes. Em vez da autoconsciência, o pós-estruturalismo enfatiza a constituição inversa do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito. (PETERS, 2000, p. 36).

É importante ressaltar nesse trecho a expressão “critérios culturais diferentes”, cuja reflexão aponta para a diferença não como uma oposição binária – o ser surdo como a diferença do ser ouvinte – longe disso. Mas aponta, sobretudo, para a diferença que atua justamente nessa desconstrução binária em detrimento de uma perspectiva filosófica que assume uma posição contrária a qualquer tipo de modelo/lugar/ideal hegemônico de ser.

Na obra *Lendas da Identidade: conceito de literatura surda em perspectiva*, escrito no ano de 2019 pelo professor Luiz Claudio da Costa Carvalho, algumas críticas são feitas em relação à redução das produções literárias surdas aos aspectos utilitários, pedagógicos e ideológicos. Inspirado em concepções pós-estruturalistas, Carvalho (2019) tensiona o caráter hegemônico da cultura surda e como essa universalização do ser surdo acaba se reverberando também na chamada literatura

surda. Ao fazer uma crítica aos estudos iniciais sobre a literatura surda, protagonizado pela pesquisadora Lodenir Karnopp, Carvalho (2019) afirma:

A ânsia universalista identitária abstrata é tanta que nem se percebe a impropriedade lógica que se comete quando se argumenta que o registro de algo internacionalizado como a “Literatura Surda” “começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras” (KARNOPP, 2008, p. 1), efeméride Surda tipicamente brasileira, ligada à Lei de Libras 2002 e seus desdobramentos. Ou se supõe que o Brasil é o centro irradiador mundial da universal “Literatura surda” ou o “engano” presente na frase é a fala eloquente da tensão aqui existente entre as pretensões universalistas embutidas no discurso lendário da Cultura Surda [...] (CARVALHO, 2019, p. 42).

Como podemos perceber, o autor põe em questão os discursos, também universalistas, sobre a narrativa histórica da literatura surda no Brasil, considera que muito mais do que ancorados numa perspectiva pós-moderna, os estudos sobre surdez estão mais próximos dos discursos românticos iluministas por considerarem a literatura surda, por exemplo, como um marco nacionalista de conquistas de um Povo Surdo.

Dessa forma, problematizamos essas “asserções de verdade”, tal qual o pós-estruturalismo nos convoca. Não podemos negar as complexidades identitárias e culturais que atravessam as pessoas surdas, tão pouco fomentar esse apagamento das diferenças surdas que percorrem as narrativas literárias produzidas pela comunidade surda.

Por fim, os estudos pós-estruturalistas:

[...] tendem a enfatizar as noções de diferença, de determinação local, de rupturas ou descontinuidades históricas, de serialização de repetição e uma crítica que se baseia na ideia de “desmantelamento” ou de “desmontagem” (leia-se desconstrução). [...] uma posição epistemológica que se recusa a ver o conhecimento como uma representação precisa da realidade e se nega a conceber a verdade em termos de uma correspondência exata com a realidade. (PETERS, 2000, p. 37).

Assim, nos valem destas proposições ao que Deleuze traz como pensamento nômade e pedagogia rizomática, a fim de ancorar a face desterritorializada da literatura surda, por literaturas menores, potentes, no plural. Um pensamento nômade cria uma máquina de guerra contra definições estáticas. O conceito deleuze-guattariano, máquina de guerra, nos será útil para a procura de possibilidades, respostas possíveis e não únicas, verdadeiras. Para Deleuze e Guattari (2000) os conceitos são múltiplos, sem limites, os quais sempre remetem a outros conceitos, a

outras vias de pensamento, portanto, são conceituações nômades, pulsando em criações.

Uma ciência nômade convoca uma pedagogia rizomática, nela não há enraizamentos fundadores de uma proposição hegemônica, “[...] é justamente em oposição ao caráter hierárquico e asfixiante da árvore que o projeto rizomático emerge como possíveis ao possível da educação” (LINS, 2005, p. 1234). O rizoma, dessa forma, é concebido a partir de uma horizontalidade que propõe fluxos, um convite à produção de sentidos, em encontros sem palavras de ordem, mas conversa. “Um conversar com no lugar de um falar sobre” (LINS, 2005, p. 1234). É imprescindível destacar que não estamos operando por exclusões e negações da árvore, e sim por contraposição, relação de tensão, de complementaridade, pois o próprio Deleuze destaca que um termo não elimina o outro, como por exemplo, árvore-raiz X rizoma-canal. Há no rizoma, linhas duras, nós.

Cabe aqui dizer que o pensamento arborescente opera por hierarquização, e pela centralidade, por dicotomia, busca relações binárias, estruturalistas, mas podemos dos galhos e pontos duros da árvore fazer brotar rizomas por fissuras, rachando seus pontos molares, sem com isso, excluir o pensamento arbóreo, mas rasurar, borrar, quebrar contornos. O rizoma cresce e transborda. Por exemplo, não vamos acabar com os aparelhos do Estado – a escola, as prisões, os hospitais, as fábricas etc. –, mas podemos realizar uma cartografia das multiplicidades pelas linhas de fuga dos outros modos de se constituir surdo/a.

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com dimensões, com direções rompidas. Conjuguar os fluxos desterritorializados [...] O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada [...] O que conta é que a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como dois modelos: um age como modelo e como decalque transcendententes, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua suas próprias hierarquias, e inclusive ele suscite um canal despótico. (DELEUZE, 2012, p. 28-29).

Baseado nestas proposições, esta pesquisa buscou na literatura surda uma face desterritorializada, fora de mimetismo universalizante que reforça modelos de ser surdo, os quais partem do pensamento sociológico em detrimento do terapêutico, mas desliza quando não aprofunda suas concepções em fundamentos filosóficos que despertam para o questionamento dessas universalidades.

2.3 A PESQUISA NARRATIVA NA CONSTITUIÇÃO DE SI

A arte da narrativa, em particular, permite organizar a própria história e transformá-la.
(MICHÈLE PETIT, 2009, p. 42).

Categorizar esta pesquisa como narrativa, não foi uma escolha, foi uma questão de olhar atentamente e perceber o seu encontro com os meus escritos. Quando me dei conta da crise que me ocorria em relação ao meu objeto de pesquisa, vi na narrativa a saída possível para desenvolvê-lo. “Nesses momentos, a narrativa se apresenta como um recurso quase único” (QUIGNARD *apud* PETIT, 2009, p. 127).

Por esta ser uma pesquisa qualitativa, identificamos a sua inclinação para as experiências dos participantes e suas compreensões frente à vida. E quando digo participantes, estou me inserindo também. Entender essas narrativas implica pensar em diferentes modos de ser, que ora se expressam numa coletividade, ora se expressam num recorte individual. Para Creswell (2007)

O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem é ele na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo. Essa introspecção e esse reconhecimento de vieses, valores e interesses (*ou refletividade*) tipifica a pesquisa qualitativa atualmente. O eu pessoal torna-se inseparável do eu pesquisador. (CRESWELL, 2007, p. 187).

A partir das leituras e discussões que fomos tecendo ao longo desta investigação, temos cada vez mais compreendido que pesquisar narrativamente é uma forma de pesquisa-vida, de modo que não há como desvincular experiências de vida e objeto de estudo, há um emaranhado de implicações sociais, culturais, individuais e coletivas que juntas compõem os fios de uma investigação-vida.

Dentro da pesquisa com o enfoque qualitativo existem estratégias que podem ser utilizadas, conforme descreve Creswell (2007), sendo elas:

1. A Etnografia;
2. A Teoria Embasada;
3. Os Estudos de Caso;
4. As Pesquisas Fenomenológicas; e
5. **As Pesquisas Narrativas.**

Nesse mesmo estudo, Jonh Creswell conceitua a pesquisa narrativa à luz de *Clandinin e Connelly* (2000), destacando-a como uma forma de “investigação na qual o pesquisador estuda a vida das pessoas e pede a uma ou mais pessoas para

contar histórias sobre sua vida. Essas informações, então, são recontadas e recriadas pelo pesquisador em uma cronologia narrativa” (CRESWELL, 2007, p. 32). “No produto final, nasce uma narrativa colaborativa, atravessada pelas experiências do pesquisador e dos participantes da pesquisa” (CLANDININ E CONNELLY, 2000).

Os pesquisadores Clandinin e Connelly (2000), desenvolveram uma metáfora da *tridimensionalidade investigativa* inerente ao método narrativo. Nela, consideram a dimensão *temporal, individual e social* e por último, *local*. Para eles, o pesquisador sempre estará se movimentando nesses espaços. Nessa pesquisa, a dimensão social e individual, sem dúvida, nos perpassará com mais intensidade, uma vez que tomaremos como fonte de dados as narrativas trazidas pela literatura surda, pelos sujeitos participantes e também pela pesquisadora. As dimensões temporais e locais, se desdobram no que Bruner (2002) afirma sobre o modo narrativo de pensamento, em que os sujeitos da pesquisa se esforçam para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias das experiências e localizá-las no tempo e no espaço.

Lendo o texto *Pesquisa narrativa em três dimensões* (2014), de Guilherme do Val Toledo Prado, Rosaura Soligo e Vanessa Simas, pude entender os três lugares por quais as narrativas da pesquisa podem se materializar: nas fontes de dados, no registro do percurso e no modo de produção de conhecimento. Considero importante trazer esses três ambientes para deslocar a ideia de que as narrativas só aparecem nas produções dos dados, ou no final da pesquisa, quando na verdade elas acontecem desde o início do percurso investigativo.

O registro de dados como lugar da narrativa nos coloca numa discussão sobre a rigorosidade da pesquisa. Esse rigor exige do pesquisador um posicionamento ético de distanciamento crítico do seu objeto. Tal procedimento não é tão simples, pois ao mesmo tempo em que é preciso estar imbricado com a sua problemática, é imprescindível ter uma sensibilidade ética para não correr o risco da manipulação dos dados à luz de nossas crenças. Gatti (2007) reflete sobre esse ponto orientando que “há que se debruçar sobre as questões de base, há que se manter a capacidade de questionamento viva e atuante, há que se ter solidez teórica e dúvida metódica, há que se temer dogmas e verdades fáceis e antecipadas” (GATTI, 2007, p. 52).

É por isso que reconhecemos a importância das categorias teórico-epistemológicas, pois são elas que contribuirão para a estruturação das análises interpretativas que faremos ao longo da investigação. Na pesquisa narrativa, esse processo acontece de modo ainda mais tênue, uma vez que este é um método em

que as narrativas também perpassam pela pesquisadora. Reconhecemos que isso possa ser uma fragilidade do método, contudo, sobre esses aspectos, Prado, Soligo e Simas (2014) nos orienta:

Nesse contexto de produção de uma pesquisa que se pretende narrativa sem-deixar-de-ser-pesquisa, potencializado pela tensão gênero-texto a que nos referimos, a energia do autorrevisor que o pesquisador encarna **terá de voltar-se para favorecer a máxima aproximação possível entre o que pretende dizer, o que efetivamente diz** – neste complexo contexto de produção – **e o que poderá compreender o leitor** (PRADO; SOLIGO e SIMAS, 2014, p. 7, grifo nosso).

Ademais, é preciso tomar cuidado com as projeções feitas acerca do objeto, e fazer um esforço de entendê-lo como sendo o Outro, o estranho, que pode vir a ser um campo com suas fissuras, lacunas, incompletudes; nunca o que julgamos que ele seja, mas sim o que se mostra ser.

Em se tratando das potencialidades de tal método, pode-se dizer da sua capacidade em [...] “não rotinizar os acontecimentos, não naturalizá-los como óbvios, não atropelar a singularidade e não acreditar em uma verdade única, geral, absoluta, tal como postula a ciência positivista” (PRADO; SOLIGO E SIMAS, 2014, p. 11). Vemos aqui como a pesquisa narrativa se articula epistemologicamente com o pensamento pós-estruturalista, bem como com a grande problemática deste estudo – perceber se a literatura surda tem se mostrado potente em narrar modos diversos de ser uma pessoa surda numa perspectiva da diferença que remete à pluriversalidade.

Nesse momento, entram as fontes de dados como lugar da narrativa, as quais darão à pesquisa sentidos nada palpáveis, em que o mais importante não será a busca desenfreada por uma solução ou harmonização, mas o contrário, será um momento enriquecedor justamente por apresentar as múltiplas experiências e vivências de sujeitos diversos. Segundo Prado, Soligo e Simas (2014):

[...] essa ascensão de um paradigma compreensivo implicou, “para a produção de conhecimento, a emergência de uma concepção científica mais acessível à pluralidade do saber humano”, bem como reconheceu “a perspectiva da complexidade como estruturante da existência do ser no mundo” (SOUZA, 2007, pp. 64 e 65). Pluralidade e complexidade que passam a ganhar visibilidade quando os pesquisadores trazem para a pesquisa a voz dos sujeitos; quando depoimentos e textos sobre si e sobre experiências vividas tornam-se conjunto de informações de uma pesquisa; quando a singularidade é considerada. Assim, os pesquisadores que trabalham com a narrativa como fonte de dados usam desse recurso para compreender como os sujeitos da pesquisa vivenciaram determinada experiência e como vão

significando e ressignificando o vivido. (PRADO; SOLIGO e SIMAS, 2014, p. 7- 8).

Sobre o modo de produzir conhecimento como lugar da narrativa, a professora Nilda Alves (2001), cita quatro movimentos, os quais considera necessários a todo e qualquer pesquisador, dessa forma, os mencionamos aqui, pela pertinência e coerência com o percurso de pesquisa que acreditamos:

O primeiro movimento se refere ao fato de que a trajetória de um trabalho assim precisa ir além do que foi aprendido com as virtualidades da modernidade [...] tenho chamado esse movimento de **o sentimento do mundo**. O segundo movimento a ser feito é compreender que o conjunto de teorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade e que continuam sendo um recurso indispensável, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, limite ao que precisa ser tecido. Para nomear esse processo estou chamando de **virar de ponta cabeça**. [...] o terceiro deles, incorporando a noção de complexidade, vai exigir a ampliação do que é entendido como fonte e a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade, o diferente e o heterogêneo. Creio poder chamar a esse movimento de **beber em todas as fontes**. Por fim vou precisar assumir que para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar de **narrar a vida e literaturizar a ciência** (ALVES, 2001, p. 14-16, grifo nosso).

Portanto, são quatro movimentos que apontam para uma postura ética diante da pesquisa, sobretudo, porque nos conduzem a uma progressão na produção de conhecimento. [...] “Ainda que tenhamos “uma questão a compreender” e uma estruturação teórico-metodológica nesse caminho, nunca saberemos ao certo o lugar de chegada até se chegar lá” (PRADO, SOLIGO e SIMAS, 2014, p 11). É um percurso narrativo que atua na formação tanto dos participantes, quanto do pesquisador e que acontece na travessia teórica que circunda o objeto de estudo.

Quando Petit (2007) nos afirma que o narrar-se contribui para organização das nossas ideias e experiências, e se desdobra numa transformação, compreendemos como as narrativas que nos constituem apontam para nossos objetos de estudo e nos reivindicam a vontade de potência. Sendo assim, a pesquisa narrativa nos encontra, porque com esse estudo não buscamos encontrar verdades irrevogáveis, mas reconhecer, dar sentido e visibilizar as multiplicidades de narrativas existentes no campo da surdez. Nossa pretensão é tão somente dar-lhes inteligibilidade, reconhecendo os limites e, ao mesmo tempo, a potencialidade deste estudo.

2.4 O LÓCUS: PAISAGENS E VEREDAS

No início dessas seções, narrei sobre a minha trajetória no campo da surdez, que se iniciou com presença de pessoas surdas no “ateliê” de costura da minha avó, depois percorre pelo campo religioso e segue para espaço acadêmico onde hoje estou.

Pode-se dizer que os primeiros atravessamentos sociais e teóricos a respeito da Libras, da literatura surda e das questões relacionadas às identidades e culturas surdas deram-se no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru (TIPNI)⁵ localizados no semiárido baiano, especificamente, nas cidades de Campo Formoso – BA, onde resido, e Senhor do Bonfim – BA. Nestas cidades, estabeleci significativas parcerias com pessoas e instituições que, de certo modo, se constituem parte da comunidade surda local.

Mesmo no período que me afastei dessas cidades, para cursar a minha graduação no Território de Identidade da Chapada Diamantina⁶, na cidade de Jacobina – BA, os vínculos, que outrora foram estabelecidos, permaneceram, de tal forma, que, neste ano de 2020, fui convidada a participar do grupo de estudos *Libras-Português-Libras*, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Senhor do Bonfim – BA⁷, no qual tenho contribuído para o desenvolvimento de ações de pesquisas e intervenções na perspectiva do ensino-aprendizagem de libras como Primeira Língua (L1) e português como Segunda Língua (L2) para surdos localizados no TIPNI.

Considerando que, no momento da pesquisa, esse é o meu território de atuação profissional e acadêmica na área da surdez, considerando os afetamentos construídos nesse espaço já mencionados aqui, considerando o meu retorno da cidade de Jacobina – BA, para a cidade de Campo Formoso – BA, tive por escolha do *lôcus* o Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru.

⁵ Território formado por nove municípios: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo e Senhor do Bonfim. Informação disponível em:

http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_185_Piemonte%20Norte%20do%20Itapicuru%20-%20BA.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

⁶ Território formado por dez municípios: Caém, Capim Grosso, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourolândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova. Informação disponível em:

http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_184_Piemonte%20da%20Diamantina%20-%20BA.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

⁷ Site institucional: <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/base/>.

O TIPNI está localizado na região Nordeste, possui uma área total de 13.766,418 Km², uma população de 265.864 habitantes e é composto por 9 municípios: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo e Senhor do Bonfim conforme representação exposta na figura 1:

Figura 1 - Mapa do Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru



Fonte: CGMA/SDT/MDA, 2015.

Consideramos que a escolha desse *lôcus* representa uma potencialidade desta pesquisa, uma vez que contribuirá para o fortalecimento das redes de trabalho e pesquisa, das quais participo, além de nos possibilitar compreender as diferenças e singularidades surdas dentro dessa configuração territorial.

2.5 PARTICIPANTES DA PESQUISA: NOSSOS “PERSONAGENS CONCEITUAIS”

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, que teve por centralidade as narrativas dos diferentes modos de ser surdo presentes (ou não presentes) na literatura surda, consideramos que esse espaço, em primeira instância, priorizou a participação de pessoas surdas como *personagens conceituais* deste processo investigativo. Nilda Alves (2010) se inspira em Deleuze para dizer que *personagens conceituais* não podem ser entendidos, exclusivamente, como “fontes” ou como “recursos metodológicos”.

Para Deleuze e Guatarri (1995), eles representam os *intercessores da pesquisa*. “São aqueles com quem se ‘conversa’ e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos” (ALVES, 2010, p. 1203). Assim sendo, trazemos esse termo para essa seção da pesquisa, considerando a sua aderência ao nosso objeto de estudo.

A escolha desse grupo não foi por acaso. Creswell (2007 p. 189-190) salienta que “a ideia por trás da pesquisa qualitativa é selecionar propositalmente participantes ou locais (ou documentos ou materiais gráficos) mais indicados para ajudar o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa”. Dadas as pretensões desta pesquisa, quais foram: 1) identificar as marcas culturais da literatura surda e suas implicações para a produção das subjetividades dos sujeitos surdos; 2) ressignificar as experiências de ser surdo/surda em narrativas, atravessadas e atravessantes da literatura surda; 3) registrar as narrativas a partir da literatura surda, a fim de compreender como são narradas as experiências surdas e os diversos modos de ser surdo/surda trazidos nessas produções com as suas narrativas, vivências e experiências, historicamente, compartilhadas por esses grupos.

A escolha desses participantes se sustentou ainda mais em virtude do período pelo qual esta pesquisa se atravessa. Com a pandemia do COVID-19 no Brasil, fomos afetados de modo singular. Primeiro, pela circunstância desastrosa que esse vírus está causando à população, ceifando milhares de vidas mundo afora. Segundo que, pela condição de isolamento social, nos vimos impelidos à ressignificar muitas de nossas vivências, dentre elas nossas práticas pedagógicas, de trabalho e pesquisa. Hoje, a cultura digital permeia com muita intensidade nossos lares e o chamado *home office* ganha adesão em grande parte das instituições públicas e privadas. Com isso, o número de ações formativas, *webinários*, *lives*, entre outros, têm crescido substancialmente. É importante também considerar que nem toda a população tem acesso às tecnologias, esse momento, inclusive, vem nos mostrar o quanto a desigualdade social ainda é uma realidade histórica em nosso país.

Não obstante tudo isso, considere o alcance que esta pesquisa poderia ter se atravessada por essa consciência da potência digital. Na feitura do projeto da pesquisa, pensava muito na adesão dos participantes a esta pesquisa, no entanto, considere o apoio tecnológico e suas possibilidades em meu caminho metodológico.

Como critérios de seleção inicialmente apresentamos: pessoas surdas com idade mínima de 18 anos, que estivessem localizadas no TIPNI e que tivessem acesso à rede de internet e habilidade em plataformas digitais como o *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams* – isso, justificou-se, em razão da metodologia da pesquisa e do período pandêmico que lhe atravessa. Os/as participantes não necessariamente deveriam ser fluentes em Libras, nem usuários do Português como L2, pois nessa pesquisa consideramos outras formas de comunicação além da Libras, como por exemplo, sinais caseiros, representações imagéticas, gestos etc.

A aproximação com os sujeitos da pesquisa contou com o apoio do Grupo de Estudos *Libras-Português-Libras*⁸, do qual faço parte, participando das propostas interventivas, auxiliando nas relatorias dos encontros. Essa parceria resultará em benefícios pedagógicos para o grupo, tendo em vista que o desdobramento desta pesquisa se configura em ações formativas que discutirão diferenças e culturas surdas por meio de narrativas surdas, as quais terão como público-alvo profissionais da área da surdez, professores em formação inicial dos cursos de Letras e pedagogia e familiares de pessoas surdas.

Assim, abrimos a seleção para os/as participantes através de formulário de inscrição do *Google Forms*, cujos critérios de inclusão e exclusão foram postos logo no início, antes do preenchimento de dados. Esse formulário foi enviado junto com um convite sinalizado, em que explicava o projeto em linhas gerais e destacava a pretensão de público. Para a amostra de pesquisa, prevemos de três a oito participantes. Uma vez que tivemos nove participantes inscritos, estabelecemos critérios para a seleção de narrativas, considerando a quantidade de dados e tempo de análise. Os critérios foram: narrativas que estabelecessem diálogo com as nossas palavras-chave de pesquisa; e narrativas que se aproximavam do nosso problema de pesquisa.

2.6 DISPOSITIVOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

Para a composição desta pesquisa, que perpassou pelo levantamento bibliográfico do objeto, pela narrativa pessoal-profissional da pesquisadora, pela base teórica, pelo cultivo de dados, discussão e apresentação dos resultados e da proposta

⁸ Deixo aqui os meus agradecimentos a esse grupo que, em rede colaborativa, contribuiu sobremaneira durante todo o processo desta pesquisa, sobretudo em suas ações de campo.

de intervenção, fizemos a escolha de dispositivos que nos auxiliaram na estruturação de cada uma dessas etapas.

Para a etapa de produção de dados, utilizamos as *Tertúlias Dialógicas Literárias*. Esse procedimento metodológico, originalmente, foi definido na Espanha, segundo Flecha e Mello (2005) como uma atividade cultural e educativa desenvolvida em torno da leitura de livros da Literatura clássica universal. Esses encontros tinham por objetivo tornar a literatura clássica acessível às pessoas estigmatizadas.

Contudo, o objetivo de trazer as tertúlias como dispositivo para a pesquisa em questão, não se restringiu a esse objetivo específico. Utilizamos esse instrumento como momento de leitura e discussão literária que se deu em torno das produções literárias surdas apresentadas nos encontros, e para além disso, como encontros de acolhimento de narrativas surdas.

A realização dessas tertúlias esteve, previamente, programada para cinco a seis encontros, com periodicidade semanal, sendo o primeiro encontro, de natureza exploratória, com o objetivo de apresentação da proposta e de aproximação com cada personagem conceitual da pesquisa.

Pré-determinamos a duração das tertúlias literárias em 1h30 a 2h, as quais seriam estruturadas a partir de demandas coletivas. As datas e horários dos encontros foram definidos em comum acordo, de modo que não interferissem em suas atividades cotidianas. Nas tertúlias discutimos: a) experiências narrativas a partir da literatura surda, buscando entender como esses sujeitos surdos se reconhecem na literatura surda; b) quais questões de aprendizagem e educacionais emergem nos encontros, c) observamos se as pessoas surdas vislumbram suas identidades e diferenças postas na literatura surda; d) e discutimos, por fim, de que maneira essa literatura pode contribuir como potência para a produção da diferença e/ou para o reconhecimento identitário desses sujeitos.

Durante todas as atividades, pretendíamos utilizar um diário de campo *on-line* escrito/sinalizado – esse dispositivo deveria ser utilizado para registrar quais concepções os sujeitos da pesquisa têm sobre as diferenças identitárias e culturais surdas, e as impressões sobre o momento da tertúlia literária e as produções de subjetividades capturadas no coletivo. Contudo seu uso se mostrou bastante fragilizado. Muito embora tenhamos considerado que os diários pudessem contribuir de modo significativo para a discussão de análise da pesquisa, a sua feitura não foi

realizada a contento. Essa experiência foi narrada no capítulo em que descrevo o giro metodológico da intervenção.

Outros dispositivos utilizados neste estudo foram a análise documental e a revisão sistemática buscando-se a fundamentação teórica da pesquisa, sobretudo, na intencionalidade de compreender as concepções e os conceitos que constituem o objeto investigado.

2.7 EXPERIÊNCIAS E SUBJETIVIDADES: EXPERIMENTAÇÕES DO CAMPO

O procedimento de análise de dados está ancorado na análise narrativa. Essa escolha se deu em razão da própria perspectiva narrativa sob a qual se constitui essa pesquisa. Moutinho e Conti (2016), tomando como base as definições de análise narrativas apresentadas por Riessman (2005), conceituam esse tipo de análise compreendendo as narrativas levantadas na pesquisa como foco de estudo:

Quando o interesse da investigação se faz sobre a subjetividade, a narrativa é tomada como o “lugar” no qual onde as pessoas constroem sentidos, com uma dada audiência, em determinado tempo e espaço. As narrativas, nesse caso, baseiam-se nos fatos biográficos, mas vão além destes, porque, sobre as suas experiências de vida, as pessoas imaginam presente, passado e futuro e, assim, constroem histórias com sentido para si mesmas e para sua audiência. (MOUTINHO; CONTI, 2016, p. 2).

Nessa pesquisa, a dimensão social e individual, sem dúvida, nos perpassou com mais intensidade uma vez que tomamos como fonte de dados as narrativas trazidas pela literatura surda, pelos sujeitos participantes e também pela pesquisadora. As dimensões temporais e locais, se desdobraram no que Bruner (2002) afirma sobre o modo narrativo de pensamento, em que os sujeitos da pesquisa se esforçam para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias das experiências e localizá-las no tempo e no espaço.

Dessa forma, a narrativa emerge nessa pesquisa em toda a sua travessia, portanto, transversaliza o seu método, a sua urdidura teórica, a sua escrita e o seu próprio fenômeno e método de análise. Assim, tomamos como objeto de análise as narrativas surdas emergidas nas tertúlias dialógicas literárias e nos diários de campo sinalizado ou não. O propósito desta análise não foi o de interpretar, repetir ou explicar o que os participantes disseram, mas tomar esse conjunto de narrativas como uma análise de reinvenções de si.

Minha história no campo da surdez, como outrora já narrada, não se inicia a partir deste estudo, assim, penso que este campo que agora devo me valer para a pesquisa, não é de um todo desconhecido para mim, apesar de saber que toda experiência é uma novidade e, sobretudo, singular.

Inicialmente, para o desenvolvimento deste estudo, tínhamos pensado como *lócus* de pesquisa a própria instituição – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus IV*, Jacobina – BA, especialmente, por ter sido o ambiente que me instigou a pesquisar sobre os estudos surdos e, posteriormente, por ter me dado suporte para essa construção. Por também ser esta Universidade um espaço de fomento à tríade: pesquisa, ensino e extensão, consideramos que, para além de um local físico, seria um ponto de encontro favorável à troca de aprendizagens e experiências entre a academia e a comunidade externa. Aqui, expresso, desde já os meus agradecimentos a esta instituição. Foram quase sete anos bebendo desta fonte, tecendo redes colaborativas, experienciando o fazer da pesquisa, compartilhando e construindo aprendizagens em grupos de estudos e pesquisa, com professores e professoras comprometidos com uma educação inclusiva e diversa.

Sendo assim, organizei o primeiro contato desta pesquisa com a instituição. Orientada pelas professoras que ministravam a disciplina de Laboratório de Prática e Pesquisa Educacional I, construímos um protocolo de aproximação com o campo, o qual tinha como pretensões principais: o estudo da realidade do espaço onde seria feita a intervenção; consultar com o responsável ou responsáveis pelo espaço a viabilidade da realização da pesquisa ali (requisitos, condições etc.); observar o que sabíamos sobre o ambiente e o que precisaríamos saber; considerar demandas do local.

Ao adentrar no *lócus* da pesquisa, pude constatar algumas demandas já previstas em relação ao objeto da minha pesquisa. Meu primeiro contato foi com a professora de Libras do departamento. Em conversa informal, questionei-a sobre o ensino de Libras com a literatura surda, ela considerou a proposta interessante e importante, contudo, disse não utilizar com profundidade esse método em suas aulas. Embora seja uma professora surda, seu contato com esse tipo de literatura ainda é restrito, portanto, não centra suas aulas a partir desse recurso literário. Essa, por sua vez, foi a primeira questão encontrada: a falta de engajamento com as narrativas surdas na ementa do componente curricular Libras, no *campus IV*. Nessa mesma

conversa, a professora destacou a importância de intervenções que pudessem levar de forma lúdica a literatura surda para as aulas.

Num segundo momento, estive com o gestor do *campus*. Todas as suas falas fizeram menção à formação e à falta de preparação da maioria dos professores do *lócus* para trabalhar com pessoas com deficiência. O diretor destacou a formação inicial dos docentes mais antigos do *campus*, cujas formações não se ancoravam numa perspectiva inclusiva. Segundo o gestor, o atual cenário do departamento está marcado pela presença de pessoas com deficiência, que não só acessam a instituição, mas também adentram a universidade como alunos e alunas regulares. Lembrou que o departamento tem uma professora surda que ainda enfrenta barreiras atitudinais por parte de professores, alunos e espaço educacional como um todo, relata o diretor. Assim, para ele, a principal demanda do *lócus* é formação continuada, especialmente, para com os docentes do *campus*, a qual deverá ter como princípio educativo a diversidade.

Para início, o gestor diz pensar numa formação geral que proporcione caminhos para a conscientização de cada professor sobre a importância da inclusão educacional na Universidade e a necessidade de se reconhecer a pluralidade existente, e, a partir daí, sugerir formações mais específicas, como é o caso das culturas e identidades surdas. De acordo com ele, quando questionados em reuniões de colegiados, parte dos professores justifica não saber adaptar as suas aulas devido à falta de preparação para tal exercício. Outra demanda apontada, seria a necessidade de o *campus* dispor de um núcleo de pesquisas e ações em educação inclusiva, cuja principal função seja oferecer suporte educativo de pesquisa, extensão e formação à comunidade acadêmica, bem como à comunidade externa ao *campus* nas questões relacionadas à inclusão educacional.

Ao considerar esse cenário e as demandas postas nessa primeira aproximação, pude vislumbrar no *campus* IV da UNEB um terreno fértil para o desenrolar da pesquisa. Contudo, com a pandemia do covid-19, novos desafios nos foram impostos, de modo que, tanto o *lócus* quanto os participantes da pesquisa, se constituíram etapas a serem repensadas e ressignificadas.

Diante disso, a fim de manter essa proximidade com o campo de pesquisa, mesmo diante das circunstâncias apresentadas, realizamos três *lives* formativas ⁹em

⁹ Live 1 – <https://youtu.be/V-0Gi5YgEHM>

Live 2 – <https://www.youtube.com/watch?v=ETkAu4xVGyw>

parceria com o Grupo de Estudos em Educação Inclusiva e Especial – GEEDICE – ao qual pertença, que é vinculado ao Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior – DIFEBA – do qual também sou membra, bem como apoiada pelo Grupo de Pesquisa Desleituradas. Todos os encontros foram abertos ao público e em diferentes plataformas como, *Instagram*, *Youtube* e *Google Meet*, respectivamente, conforme pode ser observado nas bifurcações da figura 2:

Figura 2 - Síntese de lives e links para acesso on-line



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2020.

- Primeira *live* - Mitos e discursos sobre surdez e Libras

A primeira *live*, realizada pela rede social Instagram, teve por objetivo central dialogar sobre mitos e discursos sobre surdez e Libras. Essa escolha se deu por entendermos a necessidade de desmistificar e elucidar algumas concepções que muitas vezes nos impedem de visualizar e compreender as interfaces, potencialidades e aprofundamentos epistemológicos no campo da surdez. Tivemos como convidado o Professor Mestre em Educação e Diversidade (UNEB), Daniel Neves dos Santos

Neto, pesquisador educacional dos Estudos Surdos, técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal da Bahia (IFBA). Para o momento, elencamos alguns dos principais discursos que circulam em torno da Libras e da surdez, são eles:

- *Libras é uma língua oficial do Brasil*
- *Libras não é linguagem*
- *Libras são mímicas e gestos*
- *Libras é uma versão sinalizada do Português*
- *A Libras falada no Brasil é uma unidade*
- *A Libras é uma língua ágrafa*
- *Como se deve falar: surdo, surdo-mudo, mudo, deficiente auditivo*
- *A pessoa surda não fala porque não ouve*
- *Todo surdo faz leitura labial*
- *Toda pessoa surda sabe Libras*
- *Para ser intérprete, professor ou instrutor basta saber Libras ou fazer uma pós-graduação em Libras?*

Na *live*, registramos a presença de uma pessoa que se considera surda e outra que se considera com deficiência auditiva (DA). Havíamos nos questionado sobre a nossa procedência caso isso acontecesse, uma vez que a plataforma do Instagram, até onde sabíamos, não permitia uma *live* com a apresentação de três telas – a terceira seria para o intérprete, ou a intérprete de Libras. Além dessa limitação da rede social, a instituição a qual se vincula o grupo de estudo responsável pela realização desses encontros, não dispunha de intérprete, o que vem a ser uma constatação que nos envolve a questionar até que ponto a universidade tem sido inclusiva e acessível a todos e todas.

Em linhas gerais, destacamos a repercussão da *live*, com 256 acessos até o presente momento desta escrita. Além disso, mencionamos a interação das pessoas que participaram conosco, as quais pontuaram já terem reproduzido ou ouvido alguns dos mitos e discursos apresentados acima e o quão foi importante aquele momento de aprendizado. Nesse momento, não adentramos aos aspectos da literatura surda, visto que a intenção foi fazer uma fala inicial sobre aspectos gerais da surdez. Foi postulado pelo convidado, aspectos relacionados às legislações que regem sobre a Libras no Brasil e seus desdobramentos sociais e educacionais.

- Segunda e terceira *live* – *Youtube* e *Google meet* – Literatura surda: diálogos reflexivos

Posto essas fragilidades que encontramos na primeira *live*, optamos por aceitar fazer um segundo e um terceiro encontro, desta vez, por meio do *YouTube* e *Google meet*, em que nestes houve a possibilidade de inserção de várias telas que, por sua vez, nos permitiu ter o momento interpretado para Libras. Vale ressaltar que a participação dos intérpretes se deu a partir de uma parceria institucional, sem remuneração. O convite partiu do grupo de pesquisa e estudos – DESLEITURAS/UNEB, que vem propondo ações formativas *on-line* relacionadas à literatura e às experiências literárias, discutindo aspectos discursivos que compõem a obra literária e como esses discursos influenciam/impactam nos sentidos atribuídos pelo leitor ao texto. As *lives* também se vincularam ao GEEDICE/UNEB – Grupos de Estudos em Educação Inclusiva e Especial, por trazer uma perspectiva inclusiva no âmbito dos estudos literários, e por apresentar concepções relacionadas à surdez em seu aspecto social e educativo.

Como palestrante, tivemos, mais uma vez, o Professor Mestre em Educação e Diversidade, Daniel Neves dos Santos Neto, o professor Wermerson Meira Silva – Doutorando em Linguagem e sociedade; Mestre em Educação e Diversidade (UNEB); Professor de Libras na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e eu, professora de Língua Portuguesa e Literatura da rede privada, Mestranda em Educação e Diversidade (UNEB).

De um modo geral, trouxemos para a discussão apontamentos sobre as pesquisas desenvolvidas no Brasil e a hegemonia cultural materializada em obras literárias surdas; provocamos alguns tensionamentos como os conceitos de literatura surda, literatura em Libras e literatura visual; pontuamos sobre o (não) lugar das representações surdas nas literaturas surdas. De igual modo, questionamos o (não) lugar da literatura negra e africana nas produções literárias surdas em circulação e editoradas; consideramos a incipiência de pesquisas literárias surdas direcionadas para essa temática, entendendo que são questões diretamente ligadas às formas de preconceito dentro das próprias comunidades surdas, bem como à questão linguística da Libras que ainda é uma pauta fragilizada, apesar dos ganhos e das legislações. Construimos também uma problematização em torno do conceito de “cultura surda” e “identidade surda”, frutos de uma perspectiva tradicional/essencialista; discutimos como os termos “cultura surda”, “arte surda” e “literatura surda” servem de eixo para destacar problemas concernentes não só ao tema da identidade surda, mas relativos aos movimentos sociais das minorias em geral, como o essencialismo e o binarismo.

A participação das pessoas que estiveram conosco interagindo pelo *chat* foi bastante significativa, os comentários trouxeram reflexões que convergiram com a problemática desta pesquisa, questões como: que perfil de “surdo” é elencado na literatura surda? Seria a literatura surda um lócus onde se impõe uma ditadura de ser surdo? As narrativas africanas surdas emergem na historiografia/pesquisas? A literatura surda não é canônica? Literatura traduzida para Libras pode mesmo ser considerada literatura surda? São questões que endossaram a problematização dessa pesquisa, fazendo-nos refletir como o sujeito surdo, para além da surdez, é um sujeito atravessado por outras questões da ordem da identidade e da diferença – etnia, raça, religião, gênero, entre outras –; e que, portanto, não se pode fomentar uma literatura surda que não considere essas complexidades.

Constatamos a presença de pessoas surdas e não surdas, de várias cidades da região, conseguimos registrar: Jacobina–BA, Várzea Nova–BA, Caldeirão Grande–BA, Conceição do Coité–BA, Montes Claros–MG, Salvador–BA, Itabuna–BA, Senhor do Bonfim–BA, Brumado–BA, São Luís–MA, Vitória da Conquista–BA, Miguel Calmon–BA. Até o momento, contabilizamos um total de 572 acessos em ambas as *lives*, o que nos possibilitou considerar a contribuição desse momento em fazer emergir aspectos que historicamente têm sido deixados às margens.

2.9 PAISAGENS TEÓRICO-EMPÍRICAS

Objetivando uma apresentação de forma condensada e visualmente organizadas das construções realizadas desta pesquisa, elaboramos a figura 3 síntese contendo as etapas, as ações e os dispositivos utilizados em cada uma delas, bem como as ações previamente pensadas como desdobramento.

Figura 3 - Síntese dos movimentos da pesquisa



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2020.

A partir dos resultados demandados pelo coletivo, saímos do campo com uma proposta de intervenção de produção de um *E-book literário* contendo as narrativas surdas emergidas nessas rodas literárias, as quais intitulamos sinais-vivências. Consideramos que essas experiências e vivências narradas podem se configurar um artefato cultural que reivindica e legitima modos diversos de ser uma pessoa surda na sociedade.

Esse resultado/produto será desenvolvido de forma colaborativa, sendo parte dos resultados da pesquisa em questão. Compreendemos que um *E-book* de narrativas surdas se constitui uma potente interface de fomento às discussões sobre

identidades, diferenças e culturas surdas no âmbito educacional, podendo ser utilizado como uma interface de formação para/com professores, familiares de pessoas surdas, profissionais da área da surdez, comunidade surda e comunidade acadêmica em geral.

2.10 PRINCÍPIOS ÉTICOS POTENCIAIS E LIMITES EXISTENCIAIS NA PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO

Esta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para área da educação de modo geral, para estudos relacionados à surdez e aos artefatos produzidos por esta comunidade, para os/as participantes e para a pesquisadora, tais como:

- Divulgação dos resultados em meio acadêmico e científico, através de publicação meios científicos (periódicos, livro, etc) e/ou apresentação em evento;
- Convocar a comunidade surda a pensar na possibilidade de pluralizar modos de ser e maneiras de ver e compreender o mundo a partir de narrativas e da literatura surda;
- Construir diálogos e discussões a respeito das diferenças e das culturas surdas no âmbito escolar e familiar;
- Oferecer material construído, coletivamente, na pesquisa em espaços de formação.

É nosso dever ético considerar que os/as participantes também poderiam enfrentar possíveis riscos durante a realização da pesquisa, tais como:

- Sentir-se constrangido/a ou desinteressado/a em falar de suas experiências;
- Não se sentir à vontade para compartilhar suas experiências no coletivo;
- Não se sentir confortável para ligar a sua câmera e sinalizar (em Libras ou gestualmente);
- A pesquisadora não compreender alguma fala do/da participante e vice-versa, uma vez que, parte dos encontros, serão sinalizados em Libras;
- Falha na conexão da internet;
- Sofrer algum tipo de desprestígio ou preconceito por parte dos/as participantes dos encontros;
- Levantar memórias traumáticas e induzir situações de catarse;

- Sentir cansaço no momento da participação enquanto sujeitos colaboradores de pesquisa;

Reafirmamos que os riscos foram mínimos, haja vista que o cuidado e zelo com as dimensões psíquica, moral, intelectual, social, cultural dos participantes ser um aspecto primordial nessa investigação narrativa. Para tanto, previmos as seguintes estratégias para eliminar ou diminuir esses riscos:

- Manter anonimato dos participantes (que escolheram seus pseudônimos);
- Manter sigilo e confidencialidade sobre autoria dos temas e questões levantadas ao longo das tertúlias literárias;
- Redirecionar o diálogo sempre que desencadear um gatilho emocional;
- Garantir aos participantes o veto de temas e subtemas que possam causar constrangimento e/ou ativar gatilhos emocionais;
- Garantir a presença do intérprete de Libras em cada encontro;
- Apresentar um calendário flexível para o caso de reagendamento de encontros, devido a possíveis falhas ou quedas de rede de internet;
- Frisar com o coletivo a necessidade de respeito, cuidado e ética com as experiências e vivências narradas pelo Outro;
- Socializar diário de campo da pesquisadora e apresentar os resultados de pesquisa por meio de roda antes da submissão do texto final à banca;
- Garantir aos participantes que a qualquer momento podem desistir de participar e retirar sua autorização para participação na pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Compreendemos, dessa forma, que uma pesquisa, cuja a operacionalização se debruça em narratividades, tanto da pesquisadora, quanto dos personagens conceituais, necessita reconhecer suas vulnerabilidades para, então, pensar em estratégias para eliminar ou reduzir possíveis riscos, tudo isso, como forma de respeito e cuidado ético da pesquisa.

3 TRAVESSIA TEÓRICA-DOCUMENTAL

Nesse momento da pesquisa, trazemos algumas implicações teóricas que nos possibilitaram desenvolver uma discussão fundamentada a respeito da problemática que encerra o estudo: como a literatura surda tem se mostrado potente em narrar diversos modos de ser uma pessoa surda.

Assim sendo, apresentamos os resultados da revisão sistemática que se caracterizou como uma fase exploratória do nosso objeto de estudo; em seguida, discutimos os dados da revisão considerando os objetivos e as categorias teóricas delineadas nesta pesquisa; trouxemos um debate acerca da literatura e suas implicações conceituais, problematizando o cânone literário, o lugar da literatura surda do ponto de vista dos estudos literários, situando-a como uma *literatura menor*, conceito abordado por Deleuze e Guattari; e fechamos com uma breve discussão a respeito da pluralidade de arranjos culturais possíveis na literatura surda, tensionando narrativas universais de ser surdo.

3.1 APONTAMENTOS SOBRE AS PESQUISAS EM LITERATURA SURDA NA PERSPECTIVA DAS DIFERENÇAS - REVISÃO SISTEMÁTICA

De acordo com (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p.84), “as revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos [...] que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência”. Tendo como principal objetivo compreender como a literatura surda emerge como diferença nas narrativas diversas sobre ser surdo/a – singularidades na multiplicidade, partimos para uma pesquisa panorâmica de estudos relacionados a essa proposta.

Esse levantamento foi realizado no Banco de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A escolha desse banco de dados se deu em razão de ser um sistema reconhecido nacionalmente que reúne teses, dissertações de programas de pós-graduação do país. Os descritores utilizados partiram do objetivo geral da pesquisa que por sua vez tinham como foco as questões da literatura surda, culturas surdas, narrativas, diferenças e de formação, sendo eles: "literatura surda"; "literatura surda" AND "cultura surda"; "literatura surda" AND "narrativas"; "literatura surda" OR "narrativas surdas" AND "formação"; "literatura surda" AND "diferenças".

Desse modo, obtivemos os seguintes resultados para cada descritor: "literatura surda" foram encontrados 39 trabalhos; "literatura surda" AND "cultura surda", 18 trabalhos; "literatura surda" AND "narrativas", 16 trabalhos; "literatura surda" OR "narrativas surdas" AND "formação", 5 pesquisas; e por fim, "literatura surda" AND "diferenças", 6 pesquisas. Destacamos que alguns dos trabalhos se repetiram nos descritores, mais adiante apresento o quadro geral especificando cada pesquisa e seus respectivos autores.

Mediante descritores, foram estabelecidos critérios de exclusão e inclusão. Foram excluídos trabalhos que: não abordaram similaridades com a minha pesquisa; não detalharam experimentos práticos realizados para intervenções. Da mesma forma, foram considerados apenas os estudos que: estivessem publicados e disponíveis integralmente em bases de dados científicas ou em versões impressas; apresentassem os descritores no título, resumo e/ou palavras-chave; tivessem sido realizados entre 2002 – ano de oficialização da lei que reconhece Libras como meio legal de comunicação da comunidade surda – a 2018.

Permaneceram, assim, 9 trabalhos que dialogaram em algum aspecto com esta pesquisa; estes, por sua vez, se configuram em duas categorias: dissertações e teses. Constatamos que, boa parte desses estudos relaciona a literatura surda na perspectiva da tradução, outras com as questões linguísticas específicas da Língua de Sinais. Por isso, entendemos a necessidade de pontuar somente aquelas que, de fato, estabelecem uma relação estreita com as questões chave dessa pesquisa. A seguir, trago o levantamento das pesquisas após serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão:

"literatura surda" AND "cultura surda"

1. NICHOLS, GUILHERME. LITERATURA SURDA: ALÉM DA LÍNGUA DE SINAIS'. Mestrado. 2016.
2. MOURAO, CLAUDIO HENRIQUE NUNES. LITERATURA SURDA: experiência das mãos literárias.' Doutorado. 2016.
3. BOLDO, JAQUELINE. INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE SURDA COM O USO DA LITERATURA INFANTIL'. Mestrado. 2015.
4. BOSSE, RENATA OHLSON HEINZELMANN. Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais' Mestrado. 2014.

5. FORTES, CAMILA BARRETO CONSTANTINO. HISTÓRIA INFANTIL E UNIDADE DIDÁTICA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS AUTÊNTICOS E BILÍNGUES PARA O LETRAMENTO DE APRENDIZES SURDOS'. Mestrado Profissional. 2018.

"literatura surda" AND "narrativas"

1. NETA, CELINA NAIR XAVIER. "SENTA, QUE LÁ VEM HISTÓRIA!" Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais' Mestrado. 2016.

2. SANTOS, TAIANE SANTOS DOS. NARRATIVAS SURDAS: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE E NA CULTURA SURDA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES'. Mestrado. 2012. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.

"literatura surda" OR "narrativas surdas" AND "formação"

1. SILVA, BIANCA GONÇALVES DA. MEMÓRIA E NARRATIVAS SURDAS: O QUE SINALIZAM AS PROFESSORAS SOBRE SUA FORMAÇÃO?'. Mestrado. 2012. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

"literatura surda" AND "diferenças"

1. POKORSKI, JULIANA DE OLIVEIRA. Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de letras-libras' Mestrado. 2014.

Tais trabalhos selecionados para leitura, aprofundamento e embasamento, tanto teórico quanto metodológico, foram descritos contendo a síntese do trabalho, por mim redigida, conduzindo reflexões a respeito do conteúdo e das conclusões do estudo.

A pesquisa intitulada *Literatura surda: além da língua de sinais*, de Guilherme Nichols (2016), apresentada à Universidade Estadual de Campinas, teve como enfoque verificar como as crianças surdas se relacionam com o gênero literário das fábulas em língua de sinais, analisando a compreensão de histórias narradas por surdos e ouvintes, em vídeos. Como questão investigativa, buscou responder de que maneira os vídeos de literatura infantil para surdos produzidos em Libras podem contribuir mais significativamente para a compreensão e o desenvolvimento linguístico e subjetivo das crianças surdas. Verificou-se, nos resultados, que as crianças

demonstraram boa compreensão das fábulas e que a experiência de contato com narrativas em Libras no contexto da educação bilíngue é essencial para seu desenvolvimento linguístico. Também se observou que valores éticos e aspectos culturais são assimilados pelas crianças surdas a partir da literatura, sendo um importante fator na constituição da subjetividade.

A presente investigação dialoga com os pressupostos investigativos desse estudo, uma vez que considera a literatura surda um artefato cultural carregado de significações e representações que podem contribuir para o desenvolvimento subjetivo de crianças surdas. Atenta-se para a questão dos diferentes modos de ser surdo, trazendo o conceito de alterrepresentação, para contemplar as formas de representações dos sujeitos surdos dentro da literatura surda. Entendemos que a questão da formação, no sentido da construção da diferença do sujeito surdo, está imbricada em sua investigação, bem como os indícios de uma potencialidade narrativa que atua significativamente nesse processo formativo.

No estudo de Cláudio Henrique Nunes Mourão (2016), intitulado *Literatura surda: experiência das mãos literárias*, defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o seu objetivo foi o de analisar a experiência de surdos com a literatura surda, e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtor de literatura. Trouxe como problema, saber como vêm sendo narradas as experiências de surdos com as mãos literárias. Concluiu que as experiências dos entrevistados ocorreram por meio de sua formação literária, que foram sendo absorvidas pela sua identificação cultural e pertencimento à comunidade surda. O papel da literatura surda é narrado como uma forma de compartilhamento em diferentes espaços, tanto em ambientes formais quanto informais, com um público diversificado.

O processo investigativo de Mourão (2016), converge com esta pesquisa, por trazer com grande força as significações das experiências a partir da literatura surda. Se ancora em Jorge Larrosa (2002) para dizer que a experiência é marcada por aquilo que nos acontece, bem como aquilo que nos toca. Discute os diversos conceitos que se tem sobre a literatura e vislumbra o potencial narrativo da literatura surda para a formação literária dos sujeitos, considerando as temáticas trazidas nessas narrativas questões importantes para o fortalecimento linguístico e cultural da/para a comunidade surda.

Na dissertação de Jaqueline Boldo (2015), cujo título foi *Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil*, apresentada à

Universidade Federal de Santa Catarina, o seu objetivo baseou-se na tradução cultural de clássicos da literatura infantil surda, a fim de perceber as intercorrências das transformações culturais e identitárias que ocorrem devido à presença de signos culturais na história infantil. A pesquisadora quis saber como a criança surda, em contato com a literatura surda, adquire conhecimento cultural e, em especial, como se dá a estimulação dos canais visuais, para que possa perceber o mundo e acessar o conhecimento universal produzido da pela humanidade. Como resultado, entendeu-se que a literatura surda, campo de conhecimento imprescindível, favorece a criança o contado com seu ser nativo.

O trabalho em questão assemelha-se a esta pesquisa, pois considera que, nas narrativas de sua alteridade, o sujeito surdo tem a possibilidade de entender o processo de formação de suas próprias identidades. Fundamenta-se em Perlin (2004), para dizer que as identidades surdas são constituídas a partir das possíveis representações da cultura surda, e que estas estão constantemente se moldando de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. Além de sua escolha metodológica ser fundada nas narrativas, a partir de Silveira (2005), outra convergência se nota quando compreende a literatura surda como uma produção que evidencia a cultura surda, de modo que ela contribui para a ampliação de conhecimento de crianças surdas sobre as representações culturais e linguísticas surdas.

O trabalho de Renata Ohlson Heinzelmann Bosse (2014), desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado *Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais*, teve como enfoque investigar poesias em língua brasileira de sinais, contribuindo com investigações sobre a literatura surda no Brasil; desenvolver um estudo linguístico dos elementos presentes na produção poética; analisar as experiências narradas nos poemas em língua brasileira de sinais; apresentar o que os poemas carregam como ensinamentos. Suas questões foram: Como a poesia surda usa a língua de sinais e quais os temas que privilegia? Em outras palavras, o que dizem os poemas e como dizem? E como a poesia surda produz sentidos através da língua de sinais? Considerou, no uso dos sinais, a recorrência de neologismos e o uso de classificadores.

Nas análises das experiências narradas, “Ser Surdo” e “Orgulho Surdo” foram temas frequentes nos poemas que contam o sofrimento presente no processo histórico da comunidade surda, bem como as lutas realizadas pelos surdos e a defesa

da língua de sinais. O modelo do professor surdo na constituição da identidade surda e o curso de Letras-Libras são marcos de salvação do povo surdo. A Pedagogia Cultural possibilitou a compreensão dos poemas ABC e números como meios de expressão da celebração da comunidade surda através da riqueza estética dos poemas em língua de sinais, bem como a valorização das experiências surdas. Esse estudo, conversa com esta pesquisa, em razão de considerar a literatura surda como a possibilidade ser um recurso didático pedagógico para prática escolar, bem como em outros espaços de formação, por ser uma produção constituída de marcas linguísticas e identitárias que contribuem para a construção da subjetivação do que é ser surdo, nesse caso, esta pesquisa tensionará esses utilitarismos atribuídos à literatura surda.

A pesquisa intitulada *História infantil e unidade didática como recursos pedagógicos autênticos e bilíngues para o letramento de aprendizes surdos*, de Camila Barreto Constantino Fortes (2018), apresentada à Universidade Federal Fluminense, teve por objetivo contribuir com material didático bilíngue para a escolarização de alunos surdos, aprendizes de português como segunda língua, em ambientes escolares bilíngues e/ou inclusivos. Sua questão/problema não foi colocada de forma explícita. O produto final, projetado pela pesquisadora, foi considerado adequado e indicado pelos participantes da pesquisa para uso tanto em contexto de ensino bilíngue quanto regular/inclusivo. Essa pesquisa destaca-se, antes de tudo, por ser a única, dentre as pesquisas selecionadas, desenvolvida em um programa de Mestrado Profissional. Para além das potencialidades formativas da literatura surda apresentadas, seu estudo contribuirá para a problematização desta pesquisa, sobretudo, em seu resultado/produto, pois no decorrer de sua investigação, a pesquisadora utilizou de uma literatura surda, de autoria própria, para oferecer ao ambiente escolar um recurso visual pedagógico de aprendizagem para alunos surdos, tanto inseridos em escolas bilíngues, quanto em escolas de contexto inclusivo.

A pesquisa de Celina Nair Xavier Neta (2016), defendida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada *Senta, que lá vem história: representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais*, propôs como objetivo analisar as narrativas de docentes que atuam em escolas de surdos de Porto Alegre e Região Metropolitana e investigar quais são as representações relativas à Hora do Conto em Libras. Sua questão foi entender de que forma se constituem as representações dos professores sobre a Hora do Conto em Libras. A investigação

ressalta, como resultado, a importância do trabalho com a literatura como artefato cultural e estético e destaca as contribuições de um trabalho efetivo de contação de histórias em Libras para os alunos surdos. O principal aspecto que converge o estudo em questão a esta pesquisa, é a defesa das potencialidades narrativas, enquanto um artefato cultural repleto de subjetivações, experiências, e expressões que interferem no imaginário do interlocutor/leitor. Se ancora em Abramovich (1997), a qual destaca que as histórias nos subsidiam com ideias, soluções para questões, a possibilidade de descoberta de um mundo, o acesso a sentimentos e a identificação com personagens.

Em *Narrativas surdas: experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades*, trabalho apresentado à Universidade Federal de Pelotas, a pesquisadora Taiane Santos dos Santos (2012) teve por centralidade as narrativas surdas sobre experiências na comunidade e na cultura surda. Inspira-se em narrativas que focalizam os espaços das experiências de sujeitos surdos e os processos de constituição de suas identidades. Sua pergunta de pesquisa foi saber como os surdos de uma comunidade específica vêm constituindo suas identidades através das experiências de vida na comunidade surda. Com as narrativas foi possível identificar histórias comuns, porém identidades singulares, cada uma formada a partir das vivências e percepções de mundo de maneira individual.

A pesquisa constitui-se em um espaço de socialização de memórias e experiências registradas nos encontros e que suscitou narrativas riquíssimas em detalhes sobre a constituição de identidades. O ponto de convergência da proposta de Santos (2012) com esta pesquisa, é a questão da narrativa. A sua trajetória é marcada por narrativas que se consolidam numa produção literária que ressignifica a memória as experiências dos participantes da pesquisa, de modo que estes vivenciam um momento de reflexão sobre a constituição de suas identidades. Da mesma forma, fizemos isso no processo metodológico dessa pesquisa.

A pesquisa intitulada *Memória e narrativas surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?*, realizada por Bianca Gonçalves da Silva (2012) e apresentada à Universidade Federal de Pelotas, teve como objetivo compreender a constituição da identidade de professoras surdas e os aspectos de formação, mais especificamente analisar, a partir das narrativas, os processos formadores vivenciados ao longo de suas vidas que proporcionam a construção de uma identidade docente. Como resultado, a pesquisadora percebeu que, com os relatos das

professoras sobre suas histórias de vida, foram privilegiados alguns temas: oralização, a experiência visual como marcador cultural surdo, o letramento, a literatura infantil, a literatura surda, entre outras questões que apareceram nas narrativas e ao serem analisadas, apontaram para uma possível constituição das identidades docentes com base nas experiências vividas. Também foi possível constatar que, na medida em que se produz cultura, também se produz identidade; enfatizaram essas questões e apontaram para um comprometimento com o fazer pedagógico que atendesse às necessidades de aprendizagem de seus alunos surdos, constituindo uma Pedagogia surda.

A autora se ancora nas narrativas para construir sua pesquisa. Se fundamenta em Josso (2010), compreendendo que o processo narrativo produz formação, e, para além disso, induziu uma reflexão e resignificação sobre suas vivências e práticas inclusivas dos participantes da pesquisa. Também evidenciou a questão cultural e identitária, imbricados nas narrativas surdas.

E, por fim, a pesquisa de Juliana de Oliveira Pokorski (2014), intitulada *Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de letras-libras*, defendida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, objetivou descrever o material empírico utilizado na pesquisa; investigar as recorrências e singularidades nas narrativas sobre as experiências de ser surdo; e analisar as representações sobre a diferença surda que circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras, através da análise de trinta e sete vídeos, entre poesias, fábulas, piadas e outras narrativas, elencadas a partir da disciplina de literatura surda. Sua questão problema quis saber que representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras. Evidenciou-se, nas considerações, o papel dessas produções em demarcar espaço de resistência aos modos de narrar os surdos a partir da falta e da deficiência, denunciando práticas excludentes, dando ênfase ao papel da comunidade e da língua de sinais para a constituição do sujeito surdo; o valor em registrar as narrativas da comunidade surda em Libras, oportunizando aos surdos dizerem sobre si e sobre suas relações com os diferentes. Ainda, observou-se uma exaltação da língua de sinais para além do valor comunicativo, como um meio de produção e registro cultural, assim como principal fonte para uma mudança de olhar sobre os sujeitos surdos. A pesquisa de Pokorski tensiona a questão da cultura surda e o perigo de se construir um modo hegemônico de ser surdo. Dessa forma, a autora se ancora em Silva (2009), para

dizer que é preciso perceber a fluidez das diferenças, sem necessitar da demarcação de uma forma única de ser. Nesse sentido, as experiências narrativas comprovaram que existem diversas representações da cultura surda que são produzidas e transformadas constantemente.

3.1.1 Considerações acerca da revisão sistemática

A revisão possibilitou identificar que, apesar da sua delimitação, investigando pesquisas entre os anos de 2002 a 2018, verificamos que as mais antigas, apontadas nessa sistemática, ocorreram em 2012, dez anos após a promulgação da Lei 10.436, que regulamenta a Lei de Libras e propõe o fomento das línguas de sinais, bem como dos artefatos culturais construídos pela comunidade surda. Um dado que merece atenção é o fato de que a maioria das pesquisas foram realizadas em instituições da região Sul do país. O que torna ainda mais necessária esta pesquisa. Outro aspecto relevante, foi perceber que mais de 70% dos trabalhos descritos acima são de autoria feminina, o que nos faz inferir, ainda que de modo genérico, que as mulheres podem estar mais interessadas no tema, embora este universo de amostragem seja pequeno.

Com o levantamento, destaque, em linhas gerais, três considerações que marcam a importância dessa revisão e sustenta a relevância desta pesquisa. O primeiro destaque foi o de ter identificado apenas um trabalho de mestrado profissional que dialogasse de fato com este estudo. Isso nos possibilita questionar o porquê da não aderência a essa temática nessa modalidade, e pensar como as pesquisas em literatura surda têm impactado os espaços educativos em que esses pesquisadores e pesquisadoras estão inseridos/as; a segunda ênfase volta-se para o fato de perceber que as pesquisas, em sua maioria, consideram e marcam em suas escritas o reconhecimento das potencialidades formativas da literatura surda, uma vez que esta traz consigo elementos culturais, linguísticos, históricos e identitários dos sujeitos surdos, que proporciona produção de sentidos e subjetividades que transcendem conceitos marcadamente homogêneos de ser surdo; o terceiro e último aspecto passível de destaque é a ausência dos tensionamentos sobre as diferenças surdas e culturas surdas, o que nos leva a refletir sobre o porquê da permanência hegemônica de uma única cultura surda, e dessa forma destaque ser ímpar esta pesquisa, uma vez que se propõe a identificar a literatura surda na sua diferença,

compreendendo como essas produções literárias surdas têm narrado as pessoas surdas em suas singularidades, isto é, em seus modos diversos de ser surdo/a.

3.2 O CONCEITO DA DIFERENÇA NO CAMPO DA SURDEZ – HEGEMONIA CULTURAL MATERIALIZADA EM OBRAS LITERÁRIAS SURDAS

Somos o que somos

Somos o que somos

Inclassificáveis

Inclassificáveis

(ARNALDO ANTUNES, 1996)

Considerando a revisão sistemática apresentada no subcapítulo anterior, trazemos para este momento uma discussão sobre o conceito da diferença apresentado nesses trabalhos. A primeira observação a ser feita é quanto ao tratamento dessa terminologia, de modo geral, não se dedicam a demarcar as dissonâncias do conceito da diferença, da alteridade, da identidade e da cultura, por vezes, os termos aparecem quase como sinônimos ao longo do texto, e isso se caracteriza como uma tênue problemática. De acordo com Carvalho (2019, p. 159-160) “quem fala em identidade (e mesmo em alteridade) não está falando de diferença. Diferença é um conceito radicalmente não binário e só produz outras diferenças *ad infinitum* (e não identidades)”. Posto isso, podemos constatar que o termo é utilizado de modo binário para dizer da diferença surda em relação a ouvinte, como se dentro delas não houvesse outras tantas diferenças.

Podemos aqui exemplificar o que acabamos de dizer, trazendo um pequeno trecho da pesquisa que apresentamos no descritor "*literatura surda*" AND "*diferenças*" proposta na revisão sistemática. Sua questão, outrora já descrita na seção anterior, foi investigar quais representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras. Em sua metodologia, Pokorski (2014) fez uma análise de obras literárias surdas, observando como se constituíram diferentes modos de ser surdo dentro dessas narrativas, tudo bem até então. O que me chamou atenção, foram as proposições que trouxe a respeito dos modos de ser surdo que se distanciavam de um modelo ideal, vejamos uma de suas considerações:

Desse modo, não é que os interesses dos surdos sejam idênticos em todos os sentidos, mas é necessário que os aspectos semelhantes

sejam mais significativos, ou seja, **para a segurança da comunidade surda é necessário que ela se apresente com objetivos os mais homogêneos possíveis**. A comunidade é um abrigo, e existem regras para que se possa usufruir deste “local seguro” (POKORSKI, 2014, p. 55, grifo nosso).

Não é pretensão desta pesquisa fazer uma análise do discurso em torno dos apontamentos sobre diferença trazidas nos referidos estudos, contudo, é necessário demarcar o contrassenso da pesquisa em questão, que ora traz a diferença como algo a ser vislumbrado, ora reproduz um discurso como este mencionado, carregado de preceitos hegemônicos e heteronormativos. Em outro momento, a autora menciona Muller (2012) para justificar a necessidade de uma identidade modelo a ser seguida, a autora reflete:

A representação vinculada à **identidade surda almejada** seria, portanto, como a apresentada por Muller (2012, p. 48), “uma identidade ‘combativa’, ‘reativa’, ‘de minoria’, de luta; uma identidade que assume sua diferença, pela luta e pelo ativismo’. (POKORSKI, 2014 p. 58, grifo nosso).

Ao que se percebe, parece que há uma tentativa de apaziguamento dessas diferenças surdas, contudo, como nos aponta Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011, p. 92) “a diferença não se apazigua, já que não é função apaziguar, o que a diferença faz é diferir”. E é por assim entender, que nos atentamos para esses discursos sobremaneira normativos, acerca das diferenças surdas, que se dizem ancorados aos Estudos Culturais. Para Deleuze (2006, p. 67) “O Ser se diz num único sentido de tudo aquilo de que ele se diz, mas aquilo de que ele se diz difere: ele se diz da própria diferença”, para nós, compreender isso é imprescindível para a recepção das narrativas surdas desta pesquisa.

Outrossim, considero pertinente destacar, dentre outras, o registro apresentado por Gladis Perlin (2001), uma das principais referências quando se trata da discussão de identidades surdas no Brasil. Em outro momento, darei ênfase aos seus estudos que trazem variações identitárias surdas, por hora, pontuo a seguinte afirmação trazida por ela sobre a cultura surda: “Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que **a cultura surda não se mistura à ouvinte**” (PERLIN, 2001, p. 57, grifo nosso). Apesar de se apresentar em seu texto como adepta às inspirações dos Estudos Culturais, seu discurso diz o contrário, pois este é um pressuposto epistemológico que vai de encontro às construções discursivas arraigadas a universalismos e binarismos.

O enunciado apresentado por Perlin (2001), fixa sujeitos em uma determinada posição, não se atenta para outros modos de ser uma pessoa surda para além da língua de sinais e das suas experiências visuais, portanto, apaga e invisibiliza as diferenças. Pensar assim, restringe o sujeito surdo às experiências visuais e não se considera outros atravessamentos ligados a esse sujeito, como por exemplo, a raça, o gênero e outras intersecções para além das prescrições apresentadas na chamada cultura surda (no singular).

Foi por meio dessa perspectiva que este estudo almejou estar imerso, buscando trazer narrativas surdas sem operar na negação da diferença e homogeneização de uma identidade, ao contrário, antes, viabilizando os modos de ser surdo que os caracteriza como singulares, parte de um todo, mas também seres subjetivos e plurais.

3.3 A PROPOSIÇÃO DE UMA LITERATURA SURDA MENOR - ESCRIVENTE

A literatura surge então como uma tarefa de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma grande saúde [...], mas usufrui de uma irresistível pequena saúde que vem daquilo que viu e escutou, das coisas demasiado grandes para ele, demasiado fortes para ele, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, e que lhe dá, no entanto, devires que uma grande saúde dominante tornaria impossíveis.

(DELEUZE, 1997, p. 14).

Já mencionei aqui sobre a minha pesquisa de graduação, cujo objeto de pesquisa também foi a literatura surda. Nela, fizemos um panorama de implicações teóricas e conceituais sobre concepções literárias contemporâneas à luz dos Estudos Culturais, trazendo para o debate proposições sobre cânone, literatura marginalizada e entre-lugar.

Discutimos o cânone, a partir da conceituação de Harold Bloom (1995), o qual defende que a sua formação acontece a partir de critérios estéticos que se ancoram em considerações universais. Ora, mas o que pode ser universal numa sociedade tão plural? Ou melhor, o que fazemos com o que não é universal? É nesse cenário que os Estudos Culturais se apresentam com o intuito de valorizar as produções/artefatos culturais que se encontram à margem dos critérios ditos universais.

Compreendemos, portanto, a literatura surda a partir desse campo epistemológico, assumindo a posição de uma literatura que não se fundamenta numa base estilística-elitista, patriarcal, cercada de exigências e prescrições hegemônicas, mas se direciona para o que Silviano Santiago (2000) chama de *entre-lugar*, conceito que convoca a uma “valorização do deslocamento que as obras dos escritores da América Latina necessariamente representam em relação a uma (historicamente construída) centralidade cultural europeia”. (SILVA, 2017, p. 42).

De fato, a discussão de cânone continua a ser pertinente nesse novo deslocamento da pesquisa, pois a literatura surda, a qual temos por objeto de estudo, se entrelaça nos discursos de relações de poder, quer seja em razão das narrativas de vivências surdas, quer seja por razões linguísticas e sociais. Para Coutinho (1996, p. 70), “discutir o cânone nada mais é do que pôr em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores de poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante”. Acrescentaria a essa afirmação o tempo-espaço em que esses valores se constroem, pois, como aponta Terry Eagleton (2006):

Até as razões que determinam a formação do critério de valioso podem se modificar [...] "valor" é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos. (EAGLETON, 2006, p. 17).

Com a eclosão dos Estudos Culturais nos anos 60, esses valores passam a ser questionados, movimentos compostos por grupos marginalizados entram em cena para romper com esses paradigmas universalizantes e se organizam para garantir espaços a outras vozes e narrativas consideradas dissonantes. A partir desse deslocamento, os estudos literários ganham outras configurações, o próprio conceito de literatura, que já não era e nunca foi consensual, passa a ser repensado a partir dessas novas vozes até então invisibilizadas. “Na medida em que foi atribuído valor a obras que não pertenciam ao cânone, suas normas foram questionadas, validando-se novas abordagens, o que destituiu a unicidade do cânone e da própria história da literatura” (ZINANI, 2012, p. 410).

Tendo em vista as múltiplas concepções a respeito da literatura, cabe a pergunta: por qual vereda caminhamos? Não será neste momento que faremos um panorama sistemático sobre a história da literatura e seus desdobramentos, mesmo porque este desafio não compõe os objetivos centrais desta pesquisa, por isso, vamos diretamente aos pontos. O primeiro é que não entendemos a literatura como um

conceito universal, seria até contraditório, já que nos ancoramos, nesse momento, nos Estudos Culturais e pós-estruturalistas, os quais vão de encontro a qualquer tipo de padrão e estabilidade literária. “A literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável, distinguida por certas propriedades comuns, não existe” (EAGLETON, 2006, p. 16). Sendo assim, não partimos de um conceito definido, limitado. Antes, tomamos ciência da pluriversalidade do campo literário, considerando que a partir dessa atenção à diversidade, chegamos à literatura surda.

O segundo ponto reflete sobre a sua finalidade. Não é pretensão deste estudo dizer para que serve a literatura surda. Essa é uma das críticas levantadas por Carvalho (2019), para ele a literatura deveria ser vista para além de seus servires pedagógicos e afins. O referido autor se apoia em Nietzsche (1993) para dizer que “literatura e artes em geral deveriam servir para não servir a utilitarismo algum [...] literatura serve para ser irredutivelmente literatura, ora.” (CARVALHO, 2019, p. 41). De fato, essa é uma questão relevante, pensá-la unicamente por esse viés, contribui para que passemos despercebidos às potencialidades narrativas aparentes ou silenciadas, além de fragilizar/limitar suas possibilidades de expressão. Sobre isso, portanto, encontramos em Antônio Candido (2002) a proposição que melhor nos representa, a literatura[...] “não corrompe nem edifica, mas, traz livremente em si o que chamamos de bem e mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

O terceiro ponto é aquele que atravessa com veemência a problemática desta pesquisa: a literatura que opera como potência, defendida por Deleuze (1997) quando escreveu “Literatura e a vida”. Para ele, dentre outras coisas, “a literatura segue a via inversa, e só se levanta quando descobre sob as pessoas aparentes a potência de um impessoal que de modo nenhum é uma generalidade, mas uma singularidade ao mais alto nível” (DELEUZE, 1997, p. 13). Se posso dizer em outras palavras, a literatura, nesse aspecto, para além de dizer sobre algo ou alguém que já se sabe, condiciona a aparição de um outro algo ou outro alguém que não se sabia, e é nesse ponto que urge potencialidades e devires no campo literário. Deleuze (1997) afirma que:

A literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos retira o poder de dizer Eu (o “neutro” de Blanchot). Claro, as personagens literárias são perfeitamente individuadas, e não são nem vagas nem gerais; mas todos os seus traços individuais elevam-nas a uma visão que as transporta para um indefinido, como um devir demasiado poderoso para elas. (DELEUZE, 1997, p. 13)

É considerando essa concepção deleuziana que nos importa compreender como a literatura surda tem se mostrado potente em narrar modos de ser uma pessoa surda. “Trata-se, sem sombra de dúvida, de operar a construção de uma bricolagem sobre as relações do sujeito consigo mesmo por meio dos agenciamentos e das linhas de fuga”. (SOLER; KAWAHALA, 2017, p. 7). Suas reflexões conferem a possibilidade de pensarmos, por meio da literatura, diversos modos de ser.

Agora que nos situamos a respeito das concepções literárias, as quais tomamos como pano de fundo para a discussão de literatura surda, podemos prever a interrogação: mas, afinal, o que é literatura surda? Mais uma vez, me reporto ao meu trabalho de conclusão de curso da graduação, nele, conceituo literatura surda a partir de três principais referências: Strobel (2008), Mourão (2011; 2016) e Karnopp (2008; 2010; 2016). Tais pesquisadores ocupam uma importante posição no campo dos estudos relacionados à literatura surda e cultura surda e suas considerações acabam por se convergirem. Assim, trago abaixo a conceituação de Lodenir Karnopp (2008, 2010), considerada uma das pioneiras nos estudos literários surdos, sua definição para literatura surda é umas das difundidas entre pesquisadores da área, por isso a cito: “Literatura Surda são histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa” (KARNOPP, 2008, p. 14).

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p. 161).

Partimos desse pressuposto no passado para entender a literatura surda. Contudo, com desbravamentos outros que realizei para constituir a presente pesquisa, encontrei no caminho da pós-graduação¹⁰ escritos, não diretamente ligados ao campo da surdez, que me convocaram a uma desconstrução sobre algo que havia se configurado como fixo. Destaco algumas dessas referências e trechos que me acompanham nessa desinstalação de ideias:

As políticas sociais e educacionais do Brasil exaltam a nossa “diversidade criadora”, ao mesmo tempo em que há um silenciamento das diferenças no campo da educação e isto tem significado a construção da heteronormatividade como norma e normalidade e a

¹⁰ O ensejo me conduz a, logo aqui, externar a minha gratidão às professoras e aos professores desse Programa de Mestrado, pelos direcionamentos teóricos e pelas intensas discussões acerca da diferença e da diversidade, sem os quais essa pesquisa não teria o aprofundamento epistemológico que se mostra.

estética branca como modelo do belo. (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011, p. 93).

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (SILVA, 2014, p. 82).

Certamente cada cultura tem suas raízes, mas estas são históricas e dinâmicas, não fixam as pessoas em determinado padrão cultural engessado. (CANDAU, 2008, p. 22).

Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns. (FOUCAULT, 2005, p. 13).

Considero que as proposições acima dialogam entre si. Embora tenham sido descritas em contextos e espaços diferentes, apontam para um rompimento de paradigmas relacionados à cultura, à diversidade e à diferença, fortemente instaurados e difundidos socialmente. Essas referências provocaram em mim um exercício de autocrítica às reflexões que havia construído sobre a literatura surda e seus aspectos culturais. Bastou um olhar atento sob a ótica do paradigma pós-estrutural, para questionar se não estava tratando o meu objeto de pesquisa de maneira celebrativa, sem me atentar para os esvaziamentos de sentido que estavam a ser fomentados em detrimento de discursos universalistas, predeterminados e fundamentalmente essencialistas.

Posto isso, me oportunizo a conhecer outros caminhos e arquitetura de linhas de fuga das concepções fixadas sobre a literatura surda. Nessas trajetórias, encontro o professor Luiz Claudio da Costa Carvalho, professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos¹¹ (INES), até o presente momento, pesquisador dos Grupos de Pesquisa Linguagem e Surdez (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP) e Narrativas sobre Surdez, História e Sociedade (INES). O primeiro contato foi através do artigo *Literatura surda e a questão do essencialismo: o nascimento de uma tradição*, o qual vem a ser um desdobramento de um estudo mais sistemático, o livro *Lendas da identidade: o conceito de literatura surda em perspectiva*, porventura, esse foi o meu segundo contato mais intenso com o autor.

¹¹ Site institucional: <https://www.ines.gov.br/>

É instintivo perceber apenas pelos títulos de suas produções a sua intencionalidade em provocar deslocamentos para a temática da literatura surda, tensionando, especialmente, as definições e concepções trazidas por Karnopp (2008; 2010; 2016) e Mourão (2011; 2016), outrora citados aqui como grandes referências na área. Embora tenha direcionado a literatura surda como objeto de estudo, Carvalho (2019) reflete e provoca tensões entre as noções de identidade e diferença, feitas a partir dos estudos da surdez. Questiona expressões como “Povo Surdo, Literatura Surda, Cultura Surda, Língua Natural”, apontadas por ele como “intocáveis”. Propõe essas discussões a partir de abordagens antropológicas e filosóficas ancoradas ao pós-estruturalismo/desconstrução. As leituras de Carvalho (2019) se constituem demasiadamente densas, uma vez que borra e descortina vários aspectos da surdez que me colocaram diante de outra face da literatura surda.

Segundo Porto e Peixoto (2011), o conceito de literatura surda no Brasil, embora considerado como um aspecto literário iniciado a partir das formações das comunidades surdas em meados do século XVIII, ainda é abordado como uma temática recente. Há pouco mais de duas décadas, iniciativas de contação de histórias propostas pelo INES contribuíram para a difusão da literatura surda. As produções e publicações fomentadas pela editora Arara Azul¹² e pela LSB vídeo¹³ – site que por acaso está encerrando suas atividades – também se destacam como pioneiras na consolidação da literatura surda no país.

Um sujeito que também merece ser mencionado é o ator e professor surdo Nelson Pimenta, primeiro ator surdo brasileiro, que se tem registro, a se profissionalizar no Brasil. Sua formação se deu em Nova Iorque, no *National Theatre of the Deaf* (NTD)¹⁴, que segundo Carvalho (2019, p. 30) é “indubitavelmente, um dos principais focos de difusão de produção discursiva artística em Língua de Sinais e um dos mais significativos importadores *da Deaf Literature* [...] traduzida aqui para ‘Literatura Surda’”.

Dentre as críticas feitas à concepção de literatura surda vigente, definida por Karnopp (2008; 2010; 2016) e difundida entre a comunidade surda, estão os discursos em torno dos temas da identidade e da cultura que, para Carvalho (2019), são típicos

¹² Para aprofundamento ver site - Editora Arara Azul: editora-arara-azul.com.br/site/

¹³ Site - LSB Vídeo: <https://www.lsbvideo.com.br/>

¹⁴ National Theatre of Deaf (Teatro Nacional de Surdos) – Acesso ao site: <https://ntd.org/about-us/#board>

do nacionalismo romântico, que se desdobra num discurso de heroísmo mítico, principalmente, quando se confere o reconhecimento da Libras como um dos grandes motivos para consolidação da literatura surda. Segundo ele:

A ânsia universalista identitária abstrata é tanta que nem se percebe a impropriedade lógica que se comete quando se argumenta que o registro de algo internalizado como a literatura surda “começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras” (KARNOPP, 2008, p.1), efeméride Surda tipicamente brasileira, ligada à lei de Libras de 2002 e seus desdobramentos. Ou se supõe que o Brasil é o centro irradiador mundial da universal “Literatura Surda” ou o “engano” presente na frase é a fala eloquente da tensão aqui existente entre as pretensões universalistas embutidas no discurso lendário da Cultura Surda e seus desdobramentos artísticos e literários [...] (CARVALHO, 2019, p. 42).

Percebe-se que a crítica esboçada por Carvalho se dá em razão de uma narrativa da história da literatura surda que a coloca como um marco nacionalista, se assemelhando ao período romântico literário brasileiro, que na busca por identidade, acaba por propagar uma hegemonia cultural. Sem perceber, “acabam criando, por espelhamento, uma outra ‘Cultura Surda’ universal monolítica [...] em lugar de se moverem em direção ao espaço criativo da produção de novas subjetividades e identidades plurais” (CARVALHO, 2019, p. 44) que podem ser observados a partir literatura surda, tendo em vista suas possibilidades em fazer emergir modos de ser ainda não aparentes.

O que se pretende com essa discussão, é desconstruir universalismos a respeito da literatura surda. Assim, é indispensável observar, tal qual postula Carvalho (2019), essa imanência de narrativas literárias que constrói um outro tipo de normatividade, entendendo que agir dessa forma é contraditório, uma vez que não se pode falar em diferença à luz pós-estruturalista, e agir de modo binário, produzindo discursos hegemônicos e esvaziados de sentidos.

Sendo assim, neste trabalho, situaremos a literatura surda a partir da perspectiva *menor*, defendida por Deleuze e Guattari (2014). Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE, 2002, p. 38). Desse modo, para Deleuze, a literatura menor está relacionada a uma certa minoria que usa, cria e recria a língua fazendo da mesma uma língua maior. Eis o objetivo central- criar, potencializar uma língua menor em que a linguagem não se separa da vida. Partindo do pressuposto que literatura menor se constitui a partir de: uma língua desterritorializada; uma percepção política; e de uma enunciação coletiva, buscamos compreender a literatura surda como:

A literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e se uma outra sensibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 27).

Com isso, forjamos o conceito de literatura surda e trazemos uma outra composição, a qual chamamos de sinais-vivências, um espaço para a produção de agenciamentos coletivos¹⁵, ou seja, um campo fértil de criação e produção de diferenças, a partir das narrativas de vivências e experiências que atravessam pessoas surdas em suas singularidades. Se constitui um instrumento político, quando oferece condições para a produção de subjetividades que se constituem a partir das tensões e cruzamentos entre raça, gênero, classe, deficiências, status social, relações de poder etc.

É importante ressaltar que esta é uma definição efêmera que nos permite dizer neste espaço-tempo, pois, como nos lembra Eagleton (2006, p. 10) “Qualquer ideia de que o estudo da literatura é o estudo de uma entidade estável e bem definida, tal como a entomologia é o estudo dos insetos, pode ser abandonada como uma quimera.”

Podemos, a partir dessa perspectiva apresentada, entender como a literatura organiza experiências de luta e resistências políticas, e para além disso, produz identificação, estranhamento, humanização e devires sociais, sendo esta, a expressão de uma literatura menor.

A partir de tais considerações, temos o modo literário conduzido por Conceição Evaristo (2017), cuja literatura representa um movimento de narrativa tomada pela voz do corpo negro feminino, seu ser e existir subalternizados, é, portanto, uma escrevivência, termo cunhado pela própria escritora para dizer como o seu texto ficcional funde escrita e vivência, “essa escrevivência, é tomada como mote de criação justamente da vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo” (EVARISTO, 2017, online)

Esses agenciamentos que compõem a obra de Evaristo aproximam o seu fazer literário da chamada literatura menor, “menor não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama

¹⁵ No livro *Pesquisar na Diferença – um abecedário*, organizado por Tânia Galli, Maria Lívia do Nascimento e Cleci Maraschin, o conceito de agenciar é definido como: dispor-se radicalmente, tanto pelos meios utilizados quanto pelos conteúdos perseguidos, ao imprevisível do ato de criar pensamento (Deleuze, 1996) e desejo conspirador de subjetivações.

grande (ou estabelecida)”. Embora a escrevivência não seja o nosso objeto de discussão no momento, trazemos essa perspectiva visando a ampliação do seu conceito para uma possível narrativa escreviente surda, os sinais-vivências.

Chegando ao final desta seção, também é pertinente reconhecer o apagamento epistêmico da literatura surda, e mais ainda de uma literatura negra surda, a qual se encontra duplamente marginalizada, devido a sua pouca fomentação dentro da academia e da própria comunidade surda. Por esta razão, ao longo dos nossos encontros, trouxemos poetas negros surdos com o intuito de dar visibilidade e possibilidade de construção de experiências por meio de composições literárias negras surdas.

Vale salientar que as obras literárias surdas vislumbradas nesta pesquisa, não foram escolhidas colaborativamente com nossos/as participantes, visto que a maioria desconhecia obras literárias surdas, sendo assim, seguimos com a seleção previamente organizada a partir de implicações epistemológicas e políticas da pesquisadora como foi o caso das literaturas negras surdas, outras por implicações pessoais e acadêmicas, outras por implicações metodológicas relacionadas à literariedade do texto. No princípio de cada seção em que narro as experiências nas tertúlias, explico as aproximações com tais obras.

Essa falta de conhecimento sobre literaturas surdas, apontada pelos/as participantes da pesquisa, nos convoca a pensar sobre o (não) lugar desse tipo de experiência literária em espaços sociais como um todo. Assim, trazer a literatura negra surda também para este estudo é fazer ressoar uma discussão sobre um padrão cisheteropatriarcal branco que impera nas produções literárias, sejam elas surdas ou não, que não se ocupam de assuntos interseccionais literários.

A literatura negra surda, em contrapartida, desvela memórias coletivas e singulares de pessoas negras surdas que perpassam por atravessamentos para além da língua de sinais, e a isso temos por primazia, tendo em vista o alargamento conceitual desta pesquisa, traz para si textualidades corporais como produção teórico-literárias narrativas.

O duplo preconceito por ser literatura negra e surda, aponta para uma estrutura que se estratifica ainda mais se for escrita por mulheres negras. Imprescindível destacar que apenas 60% das autoras negras baianas têm seus livros publicados e que a maioria dos livros lançados são financiados pelas próprias autoras. Por esta e outras razões, a escritora baiana Calila das Mercês, mulher negra, baiana, jornalista

e pesquisadora em Literatura vai reunir o trabalho de poetas, contistas, romancistas e artistas literárias em geral, no estado. Ela foi a idealizadora do site Escritoras Negras da Bahia.¹⁶

Desse modo, vislumbramos uma literatura surda que não tenha como pretensão se sobrepor a uma literatura universal que, indiscutivelmente, ocupou um espaço de poder em sua origem. Temos como premissa, considerar as potencialidades dessas outras literaturas que estão à margem e que, justamente, por estar nesse lugar, se apresentam em condições favoráveis para produção de narrativas de sujeitos – também caracterizado como uma minoria – a partir das dissonâncias/potências que lhes atravessam.

¹⁶ Para conhecer o projeto, visite o site: escritorasnegras.com.br

4 GIRO METODOLÓGICO: A PANDEMIA E ABERTURA DAS JANELAS SINALIZANTES

[...] em contextos de crise, individual ou coletiva, quem analisou os fatores que trabalham para a reconstrução do indivíduo sublinhou a importância de dois elementos: a qualidade do contato com os outros e a possibilidade tanto de tecer uma narração a partir de experiências descosturadas, dando-lhes sentido, coerência, quanto de exprimir suas emoções diferentemente e compartilhá-las.

(PETIT, 2009, p. 127)

Esta pesquisa carrega em seu corpo marcas de uma doença viral que, por vezes, colocou em questão a sua possibilidade de produção. Não conto isso como um lamento, conto como parte de uma experiência que transpassa estas escritas e quem as escreve. Para Petit (2009, p. 127) “essa necessidade da narrativa é particularmente intensa em certos momentos da existência individual ou coletiva, quando de uma depressão ou uma crise, por exemplo. A narrativa fornece um recurso quase único”. Tendo a concordar com essa proposição, aliás, tenho narrado isso desde a entrada desta pesquisa. Apesar disso, arrisco dizer das barreiras e paralisias nesta escrita, justamente, por seu caráter narrativo que ensejou um rio de sensações conflitantes.

Digo das dores desse tempo, para dizer do desafio que se é forjar um estudo num momento de crise sanitária, econômica, humanitária e ecológica. Forjamos a escrita, o olhar, a perspectiva e, de igual modo, o campo desta pesquisa. Quando ainda era um projeto embrionário, não víamos outro modo de produção de dados, a não ser pela presencialidade dos corpos em um só espaço físico, não imaginávamos, sequer, a possibilidade de isso não acontecer.

Pensamos sobre os participantes, sobre a adesão à pesquisa, sobre suas possíveis mudanças epistemológicas e conceitos-chave, e esperávamos a sua fluidez, mas não esperávamos uma virtualidade imposta por um vírus. Muito embora já estivéssemos há um bom tempo discutindo sobre/com tecnologia e educação, desenvolvendo pesquisas em rede e modelando metodologias por meio da cibercultura, não podemos dizer que estávamos preparadas para dar um giro metodológico como este.

Com a pandemia, a necessidade de alternativas que possibilitasse a continuidade de nossos trabalhos se apresentou de forma urgente. Para Boaventura

de Sousa Santos (2020, p. 6) “as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível.” Tal consideração critica o modo como lidamos com problemáticas estruturais que se reverberam nas ambiências institucionais há um tempo, no entanto, só são revisitadas apenas em meio a uma crise como esta que estamos vivenciando. Ainda segundo Santos (2020):

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI. (SANTOS, 2020, p. 29).

Compreende-se que, apesar da catástrofe causada pelo covid-19, e por causa dela, nos sujeitamos a pensar novas possibilidades metodológicas, outrora não postas em prática pelas instituições de ensino/pesquisa/extensão, por exemplo.

Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. “A etimologia do termo “pandemia” diz isso mesmo: todo o povo” (SANTOS, 2020, p. 7). Essa “consciência de comunhão”, ainda que de forma arbitrária, se revelou nas ambiências educacionais. Professores/as, gestores/as e pesquisadores/as, em meio a uma crise sanitária sombria, não mediram forças para tentarem ressignificar os modos de ensino/aprendizagem/pesquisa. Deixamos o espaço físico que designávamos presencial, para habitar o ciberespaço. Segundo Lemos (2002):

O ciberespaço “é o hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante”; é o “ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes”; é o ambiente que “não tem controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias” (LEMOS, 2002, p. 131, 145 e 146).

Tal conceito não emerge com a pandemia, portanto, é uma temática já considerada relevante desde os anos 90, e que agora ganha mais força com a emergência da continuidade de produção.

Há um abismo expoente entre os modos de se operacionalizar uma pesquisa em campo no ciberespaço em tempos atuais e em tempos anteriores a este. A pandemia e todas as questões acarretadas por ela, são, dentre outras, marcas que escancaram o desafio do campo nesse momento e, dessa forma, performaram um método, em absoluto, singular. Tais circunstâncias, exigiu de nós a capacidade de persistência e de tentativa de métodos ainda não experimentados, inclusive. Não nesse pano de fundo.

Assim, as tertúlias dialógicas literárias que, outrora nascera numa lógica de aproximação de livros clássicos com pessoas subalternizadas, ganha, nesta investigação, amplitude e outros sentidos, tantos que, certamente, alguns escorreram por entre as minhas percepções e só os encontre em outro momento.

Me refiro à amplitude e outras significações, porque a nossa tertúlia é surda. Esse adjetivo, que ora também é um substantivo, seja concebido aqui a partir de uma lógica reversa ao que se costuma ser compreendido. Sendo assim, seja entendido de modo despreendido de aspectos pejorativos e limitadores. De um modo contrário, depositamos nesta palavra a condição de possibilidades.

A palavra “surda” por estar aqui na posição de ser um signo polissêmico, carrega uma carga informacional e se apresenta como representante de toda uma expressão entrelaçada aos estudos culturais da surdez. Portanto, se exime enquanto conceito médico relacionado à falta ou problema de audição, e se exprime como uma palavra que media experiências com/de pessoas surdas.

Dessa forma, propomos um “desvio” do sentido “literal” da palavra para que outros significados se alcancem. “Surda”, portanto, sempre que mencionada como um complemento nominal ou adjetivação, seja vislumbrada, nesta pesquisa, por meio de uma ótica da diferença que enseja abertura, novidade, novas formas de ouvir, ver e, sobretudo, sentir os mundos.

Entendemos que a palavra existe para alcançar uma determinada condição e/ou realidade. A nossa condição no desenvolvimento das tertúlias dialógicas literárias se constitui surda, uma vez que nossos personagens conceituais são pessoas surdas e pessoas não-surdas – aqui também incluo as duas colaboradoras e a mim como personagens conceituais – que se comunicavam por meio da Libras. Se constitui surda, porque fomos imersos e imersas às discussões relacionadas à surdez, fomos lugar de escuta e fala de/sobre subjetividades e alteridade, encontros e narrativas atravessantes aos modos de ser um sujeito surdo.

Nesse ambiente virtual não havia som, havia movimento do corpo, expressão, sinergia. (Ou)víamos com os olhos e com os sentidos que os corpos em movimentação nos despertavam. Já nos anos 2000, o estudioso da cibercultura, Pierre Lévy, nos propusera que o ciberespaço é um:

[...] meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (LÉVY, 2000, p. 92-93).

Tal proposição, que embora seja uma previsão, está isenta de caráter profético quanto à pandemia, mas se consolida a partir da observação da realidade, das mudanças e avanços tecnológicos implodindo significativamente nas mais variadas formas de relacionamento.

O que nos cabe aqui ressaltar é essa característica sinérgica e interfacial emergente nesses espaços cibernéticos. De fato, os nossos encontros dialógicos foram tomados por uma energia coletiva de troca e de afetos, e, dadas as circunstâncias pandêmicas, foi um espaço que nos reportava para um tempo fora mesmo estando dentro, e dessa forma, configuraram-se como encontros-acontecimentos.

Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de que? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Estes efeitos não são corpos, mas, propriamente falando, “incorporais”. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos (DELEUZE, 2007, p. 5)

Sendo assim, forja-se aqui também a presença, presença esta que tem a ver com corpos-territórios em movimento circular de experienciar-se, narrar-se e pensar-se – não necessariamente nessa ordem – em rede. O corpo que se movimenta em língua de sinais é um texto que se apresenta completo e movimentando-se com outros, temos completudes e, portanto, presença, uma vez que reivindica corpos. De acordo com Costa (2020)

O corpo comunica, pois, na relação com outros corpos, une-se naquilo que é comum: o território, a paisagem da travessia. O corpo age, e na ação se faz linguagem. O corpo que na ação se faz linguagem, na linguagem inscreve-se como consciência e presença. A presença quer durar, perdurar, existir. Ao inscrever-se existe, lançando-se no mundo e instaurando um domínio exclusivo por onde se dará sua travessia: a história e a cultura. (COSTA, 2020, p. 164).

Com essa força, abrimos as janelas sinalizantes e nela construímos tertúlias literárias surdas, onde foi-se lá e viveu-se experiências singulares que conseqüentemente acenam para uma coletividade. A virtualidade não nos tirou as dores, portanto, é necessário marcar essa circunstância de entrada em campo.

Essa experiência que se constituiu um giro metodológico não se apresenta aqui para comparar o campo de pesquisa em tempos pandêmicos e não pandêmicos. O que contamos é a experiência de que escolhemos por não esperar que as coisas “voltassem ao normal” – por que, aliás, o que é normal? – Escolhemos assim, ampliar, tencionar as diferenças entre esses dois movimentos e seguir naquele que se dispôs no momento.

Aprendemos a criar outros modos de habitar o campo e a pesquisar, a compreender o corpo como lugar do conhecimento, das sensações que marcam em cada um/a de nós, compondo narrativas a contrapelo, afetadas pelas tecnologias nos ambientes virtuais.¹⁷ Como nos apontam Alana Albuquerque, Inês Hennigen e Tânia Galli (2018), [...] neste espaço de controle e vigilância constantes, que possibilidades restariam para escritas de si, que não apenas narram o cotidiano, mas também o inventam?”. É sobre esta invenção nas tertúlias dialógicas literárias que narraremos a seguir, em que as misturas dos gestos e sinais, se fizeram manifestações literárias que se deram na ação e modos de pensar-sentir a literatura, fazendo de suas vidas obras de arte.

4.1 TERTÚLIA DIALÓGICA LITERÁRIA SURDA

Tendo em vista o que foi dito acima, trazemos para esta seção a pretensão de descrição panorâmica desses encontros/acontecimentos configurados em tertúlias dialógicas literárias surdas. Sinalizo encontros/acontecimentos, porque me ancoro na filosofia do acontecimento postulada por Deleuze, alcançada por filiação estoica, na qual pode ser entendida como aquela que não se concentra em definições, mas em sentidos/devires. “A questão [*question*] já não é: como alcançar a verdade? Mas: em

¹⁷Importa destacar que uma busca etimológica da palavra virtual nos remete ao termo latino *virtus* no sentido de força e potência. Esta foi a maneira que a filosofia escolástica empregou a palavra, particularmente durante o período do medievo. Para esta corrente de pensamento, é virtual tudo aquilo que existe em potência e não em ato (LÉVY, 1996). Tomamos virtual no nosso estudo nesta perspectiva aqui apresentada por Pierre Lévy. Ver para aprofundamento referência completa ao final.

quais condições o pensamento é levado a buscar a verdade?” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 52).

Sendo assim, nossos encontros puderam ser chamados de acontecimentos, pois não tiveram por intenção obediência a um protocolo de ações que almeja a resposta de um problema, o contrário, nos encontramos pela via literária buscando a potência do pensar sobre modos de ser.

Dessa forma, as tertúlias formaram-se da seguinte forma: havia a minha presença como pesquisadora; em parte dos encontros, havia a presença de duas colaboradoras do grupo de estudos Libras-Português-Libras, as quais estavam para um apoio linguístico, mas se atreveram, no melhor sentido desta palavra, a narrar experiências em alguns momentos; e, por fim, as pessoas surdas que, como todos acima, constituíram os personagens conceituais desta pesquisa.

Inicialmente, tínhamos como aspiração seis encontros, em que o primeiro se destinaria para as nossas primeiras aproximações. No entanto, foi possível realizarmos sete encontros, com anseio de contemplarmos um oitavo, a pedido dos colaboradores, já intitulado de *Café Literário*, o qual, muito provavelmente, se apresentará como um desdobramento de pesquisa, no pós-campo.

O convite a esses participantes, como já dissemos no capítulo metodológico, foi pensado de modo acessível em Libras, portanto, se constituiu um convite sinalizado, em que fizemos a divulgação a partir de vínculos em rede, por meio de colegas e parceiros de estudos interligados à surdez. Nesse convite, sinalizo que esta seria uma investigação a ser construída com participantes, especialmente, localizados no Território de Identidade Norte do Itapicuru (TIPNI), no entanto, no formulário de interesse de participação, recebemos a inscrição de dois surdos localizados em territórios distintos, um sinalizou que residia em Petrolina – PE e outro se identificou como sendo de Santo Estevão – BA, do Território de Identidade Portal do Sertão.

Inicialmente, essas inscrições me surgiram como um entrave, uma vez que, havia destacado em meu problema de pesquisa o TIPNI como território das narrativas a serem investigadas. Pensei em agendar um momento com os dois, via plataforma virtual, e explicar, em minúcias, a pretensão do projeto – digo em minúcias, porque no convite sinalizado que lançamos em rede, já havia sido dito sobre o território alvo de investigação – e assim, dizê-los o motivo pelo qual não poderiam participar da pesquisa.

Contudo, me senti afetada em outras dimensões, na dimensão do cuidado ético e na dimensão do próprio afetamento. Passei a refletir sobre como os vínculos que construímos em rede, mesmo em período pandêmico, nos permitiu chegar a esses lugares; refleti sobre a força do convite em língua de sinais; refleti sobre o meu objetivo de pesquisa que aspira dizer sobre modos de ser surdo/surda. E então, em decisão tomada juntamente com as minhas orientadoras, optamos por deixá-los participarem e permitir esse hibridismo, que “ao invés de anular a diferença de territórios, opera na própria diferença, na vizinhança dos territórios” (PACHECO, 2013, p. 76). O território de Identidade Portal do Sertão, se fez presente do início ao fim dos encontros, já o território de Petrolina – PE, não seguiu com desejo de participar, permitiu-se apenas ir, por razões não informadas, até o preenchimento do formulário.

4.1.1 Personagens conceituais da pesquisa

Nossas tertúlias literárias foram compostas por um total de nove participantes surdos/as no primeiro encontro de aproximação, sendo que, nos demais, tivemos oscilações na presença, em virtude de determinados problemas por eles/as apresentados: conexão de internet, dificuldades com o manuseio das plataformas, empecilhos com o dispositivo móvel, problemas de saúde, sintomas da vacina contra o covid-19, demandas acadêmicas e familiares. Destes nove participantes, uma esteve presente apenas no primeiro encontro, mas permaneceu durante todo o período no grupo de *WhatsApp* e justificava a sua ausência em conversas privadas.

Por esta razão, nos centramos em discutir o perfil, as experiências e narrativas trazidas pelos/as oito demais participantes, que se mantiveram engajados durante todo o período, quais sejam os seus codinomes por eles/as escolhidos e seus lugares-territórios de identidade: Mariano, Deise, Maiane e Elis, situados/as em Campo Formoso – BA; Manoel, situado em Antônio Gonçalves – BA; Nina, situada em Senhor do Bonfim – BA; João, situado em Filadélfia – BA – estes representando o Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru; e Ivan, situado em Santo Estevão – BA, representando o Território de Identidade Portal do Sertão.

Todos/as os/as participantes nasceram surdos/as, com exceção da participante Deise. De acordo com formulário respondido, nenhum trabalha formalmente, sendo pessoas com faixa etária entre 20 e 33 anos de idade. Todos/as são concluintes do

Ensino Médio, sendo que apenas um participante possui graduação completa. Em relação ao gênero, tivemos quatro homens e quatro mulheres.

A seguir na figura 4, segue uma tentativa de ilustração das nossas janelas sinalizantes, vestidas de tertúlias literárias surdas:

Figura 4 - Ilustração gráfica das tertúlias literárias surdas: telas (en)quadradas?



Fonte: A autora, 2021.

Apresentei a imagem tal como se apresenta nas janelas da plataforma virtual, para tencionar como a forma se apresenta a cada participante e como os desfazimentos das formas fixas foram sendo movimentadas por gestos, cores, sinais, textos vivos¹⁸ encarnados em corpos diversos, singulares e plurais. Utilizamos como uma [...] “metáfora que produz diferença, expansão a abertura, como condição para a ativação de virtualidades”, (PEREIRA, 2016, p.138), numa interação com os participantes como personagens conceituais, passando a existir em um território diferente- o virtual.

Quando pensamos em nomear os/as participantes desta pesquisa como personagens conceituais, pretendíamos com isso o diálogo permanente com as propostas deleuzianas, as quais “dirigem-se no sentido de liberar o pensamento das

¹⁸Na concepção que se apresenta na obra de Deleuze e Guattari, Mil Platôs (1995), ao tratar das conceituações de corpo sem órgãos, suscitando a pensarmos num corpo que transpõe limites, que se modifica nos (des)encontros, numa multiplicidade de movimentos, que criam conexões abertas, de criação, recriação, aos quais há a liberdade de se expressar, é uma dança com um começo... sem fim. em devires.

amarras de um senso comum dogmático, fundamentado no princípio de um bom senso natural de um verismo do pensamento”. (PACHECO, 2013, p. 15).

Inspirado em Deleuze e Guattari (2000), Pacheco (2013), traduz a proposição de personagens conceituais, como aqueles que “operam os movimentos que delineiam o plano de imanência instaurado e ainda intervêm na criação mesma dos conceitos”.¹⁹ (PACHECO, 2013, p. 74). Ou seja, são aqueles por meio dos quais se conjuntura o acontecimento e se pensa possibilidades de criação de conceitos. Assim, personagens conceituais são desenhados por filósofos, para dar voz a conceitos por eles criados.

Quando buscamos considerar nossas participantes de pesquisa como personagens conceituais, trazemos a consciência de que há como objetivação metodológica o desejo de fazer com que, por meio desses personagens, nossos encontros-acontecimentos se desenvolvam num plano de imanência, fazendo emergir conceituações de modos de ser surdo/a, a partir da narrativa de suas vivências e experiências.

Os personagens conceituais também se utilizam dos processos de territorialização e suas variantes. Entretanto, o personagem conceitual é um pensador, [...] “ele pensa em nós e talvez não nos preexista” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 92). A tertúlia literária, que tem por caráter dialógico, enseja o pensar, faz transbordar, sendo assim, é campo para o exercício do pensar e do criar, quais sejam estas as funções do personagem conceitual.

4.1.2 Plataforma virtual

A plataforma virtual, previamente, escolhida foi o *Zoom*. Realizamos nela o encontro “Tira-dúvidas” e o encontro de aproximação com todos/as os/as colaboradores/as e com os ideais da pesquisa. No entanto, o meu acesso a essa plataforma se dava pela versão não paga, assim, havia um tempo limitado de 40 minutos para o exercício das reuniões. Dessa forma, era necessário que os/as participantes retornassem à sala on-line quando ela encerrava.

¹⁹ O plano de imanência não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 58).

Com esse entrave de sair e voltar havia um corte no discurso e um certo incomodo em ter que esperar o retorno das pessoas. Por já terem experienciados outros momentos com a plataforma *Google Meet* e, principalmente, por considerarem que ela ainda não tinha um tempo limitado para as reuniões, a grande maioria dos/as participantes sugeriu essa migração de plataforma.

Assim sendo, realizamos o terceiro encontro via *Google Meet*. Um participante surdo que, desde o início, se mostrou muito solícito em contribuir com o andamento dos encontros, se disponibilizou a ensinar como manusear a plataforma, caso algum dos/das aos participantes não tivesse familiaridade, chegou até a gravar um vídeo em Libras, mostrando como baixar o aplicativo no celular e cadastrar o e-mail. Aqui eu destaco a colaboração constante deste participante durante todo o campo. Ele compartilhou o vídeo-convite sinalizado para as pessoas surdas que conhecia, confeccionou a foto do perfil do nosso grupo no *WhatsApp*, e mediava, junto a mim, as poucas discussões que lá tivemos, gravou vídeos respondendo a algumas questões pontuadas, fez a arte do sinal criado para o nosso café literário, ainda por vir, auxiliou os demais participantes quanto ao preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, dentre tantas coisas, produziu e apresentou em nossa última tertúlia uma literatura surda adaptada, intitulada “O principzinho surdo”²⁰. Seu desejo de partilha, sua solidariedade e sua felicidade em fazer parte desse trabalho, me atingiam semelhantemente ao sol quando atinge uma planta em afogamento, fazendo esvaír parte das minhas ansiedades.

Retornando à questão das plataformas que possibilitaram os nossos encontros virtuais, nesse terceiro, no qual migramos para o *Google Meet*, a expectativa quanto ao programa não foi tão exitosa. Nesse dia, apresentei a primeira obra literária surda “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”, em vídeo. O problema é que, com o compartilhamento de tela, os participantes relataram não terem visualizado a obra, como não expressaram isso no chat, só soube que isso havia acontecido após a história ter terminado.

Além disso, o *Google*, que antes permitia reuniões no *Google Meet* por duração ilimitada, alterou o limite de tempo para até 60 minutos, assim, voltamos a ter o mesmo problema que tínhamos com *Zoom*, um corte no meio do discurso. Nesse dia, também, houve uma constante queda em nossas redes de internet, entrávamos e saíamos

²⁰ Link de acesso à produção literária feita por um dos nossos participantes de pesquisa: https://youtu.be/K_kCiibomoM. O vídeo foi devidamente autorizado a ser compartilhado neste trabalho.

involuntariamente da reunião, e, por isso, alguns participantes sugeriram voltar ao *Zoom*. Como desde o início pontuei sobre a natureza colaborativa e flexível deste campo, acatei a sugestão e retornamos ao *Zoom*.

Nessas circunstâncias, pensei em uma parceria possível que pudesse me disponibilizar seu acesso pago na plataforma, em que o tempo de reunião fosse ilimitado, entrei em contato com os professores e gestores do curso “Libras em casa”²¹, os quais são também parceiros de profissão e estudos, e com muita prontidão aceitaram colaborar com a pesquisa nesse sentido. Desde então, os demais encontros foram todos realizados via *Zoom*, com duração de 1h30 a 1h50, sem interrupções, a não ser pelas conexões mal sucedidas de internet.

Outro suporte pensado para nos auxiliar na produção de dados em campo, foi o *WhatsApp*. A partir dele, organizamos os/as participantes, divulgamos os links de acesso às reuniões, compartilhamos, eventualmente, uma obra literária ou alguma referência abordada nos encontros. Aqui destaco os verbos no plural, porque tudo isso foi feito em colaboração. No grupo de *WhatsApp*, todavia, não houve interação constante, a não ser pelas ações citadas anteriormente. As movimentações ocorriam às sextas-feiras, de modo pontual e objetivo, as energias centravam-se, portanto, nos momentos síncronos com as tertúlias literárias. Por esse motivo, nos debruçamos nas narrativas produzidas nas tertúlias, tomando esse dispositivo como central para as análises.

4.1.3 O movimento das tertúlias

Pensar na tertúlia dialógica literária como dispositivo mor deste estudo investigativo é entender a sua convergência com o problema da pesquisa: *Como a literatura surda pode propor e ressignificar experiência e narrativas possíveis de ser surdo/surda?*

Uma vez que, para Karnopp (2008), a literatura surda se apresenta como representação literária que traz marcas da chamada cultura surda, da identidade e das línguas de sinais, nos interrogamos sobre o seu potencial criativo de ser circunstância para a emergência de narrativas singulares, e ao mesmo tempo coletivas, que nos apresentem diferentes modos de ser surdo/a. Assim, coadunamos com a concepção trazida por Queirós (2014), quando compreende:

²¹ Site do curso parceiro desta pesquisa: <https://www.librasemcasa.com/>

[...] a literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer; considerando que este diálogo das diferenças – inerente à literatura – nos confirma como redes de relações [...] (QUEIRÓS, 2014, p.132).

Se posso sintetizar a realização das tertúlias literárias surdas, faço considerando um resultado muito próximo dessa enunciação de Queirós (2014). Os encontros, a partir das literaturas surdas assistidas, despertaram potenciais do pensar, do narrar e do diálogo com o outro. Configurou-se como lugar de experiências, que fez brotar pensamentos, os quais sentiram a necessidade de se vestir com palavras/sinais dos/as participantes. Para Costa (2020, p. 163), “A palavra dá e concede a si mesmo. É móvel, viva como a própria experiência; está sempre nas fronteiras, nos territórios da travessia. Surge como faísca que acende do encontro dos corpos em movimento”. Abaixo, segue um trecho traduzido do relato²² do participante Ivan, em que conta sobre significativa troca de experiências:

É muito importante difundir esse conhecimento, ele não pode ficar só para si. É importante dá para outras pessoas também, para que esse conhecimento chegue ao maior número de pessoas. Então, é como se fosse uma metáfora: imagine que tem um mar muito profundo e que lá tem uma ostra com uma pérola dentro. Então eu nado busco essa pérola, que este aprendizado e conhecimento da literatura surda. Trago essa pérola e os mostro para os outros surdos que não conhecem. O que seria isso? Quando eu abro a ostra e mostro essa pérola é como se abrisse o conhecimento dos surdos a respeito da literatura surda. (IVAN, narrativa, 2021)

É interessante perceber como o participante enfatiza essa relação de troca, em que o seu corpo-território se sente livre para comunicar suas impressões e modos de ser, sente-se, sobretudo, disposto a receber outras experiências. E nessa relação com outros corpos, “une-se naquilo que é comum: o território, a paisagem da travessia” (COSTA, 2020, p. 164).

A relação metafórica que fez da pérola com a literatura surda é algo que, particularmente, chama a minha atenção. Me parece que o conhecimento sobre literatura surda não está acessível a todos, encontra-se em profundidades, no entanto, quando esse artefato lhe chega, chega como pérola, algo de muita valia e que por

²² Apenas para diferenciar as citações dos referenciais teóricos das informações obtidas durante a pesquisa usei a fonte no formato itálico em todas as narrativas obtidas através do campo, sejam elas transcrições ou traduções dos diálogos entre os colaboradores ou da pesquisadora, mas a importância é a mesma quanto a suas significâncias e centralidade no estudo.

isso deve ser compartilhado. A fala deste participante foi ilustrada por ele e encontra-se na capa desta pesquisa.

Dito isso, o desenho das nossas tertúlias literárias surdas se formou a partir de um caráter dialógico, que se ancora à perspectiva de dialogicidade concebida em Freire (2020). Tal noção, legitima o conhecimento de mundo dos sujeitos e os compreende como sujeitos socioculturalmente históricos, e que, portanto, estão sempre em estágio de incompletude, fluidez, a se constituírem com/na alteridade. Sendo assim:

É na própria dialética que se existência o homem. Mas para isso, para assumir responsabilmente a sua missão de homem, há de aprender a dizer a sua palavra, pois com ela constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o (FREIRE, 2020, p. 17).

A dialogicidade freireana reconhece os sujeitos em suas diferenças, por esta razão estivemos atentos/as a essa compreensão no movimento das tertúlias. De acordo com Mello (2003), a tertúlia literária dialógica se apresenta como uma ação de caráter cultural e educativo, por meio da qual é possível reunir um grupo de pessoas, especialmente marginalizadas, para desenvolverem práticas de leitura em torno de uma obra designada clássica. Para ele, o diálogo que se desencadeia nessas reuniões é como “um motor gerador das aprendizagens”.

Nesta pesquisa, o que fizemos foi ampliar esse conceito das tertúlias, dando-lhe a possibilidade de ser surda. Forjamos a língua, a presença, as obras literárias e mantemos o seu traço dialógico, reflexivo, educativo e sociocultural. Nesse sentido, com esse dispositivo tivemos por objetivações:

- Experiências narrativas a partir da literatura surda, buscando entender como esses sujeitos surdos se reconhecem na literatura surda;
- Captar quais questões de aprendizagem e educacionais emergem nos encontros;
- Observar se as pessoas surdas vislumbram suas identidades e diferenças postas na literatura surda;
- Discutir, por fim, de que maneira essa literatura pode contribuir como potência para a produção da diferença e/ou para o reconhecimento identitário desses sujeitos.

Para atender a essas ambições, delineamos um plano, sobremaneira, fluído, sem perder de vista os nossos objetivos. Sendo assim, iniciávamos o encontro com saudações e conversas “exteriores” à temática da literatura surda em si. Abaixo,

segue a tradução/transcrição de um desses momentos que marca, por exemplo, o caráter orgânico das tertúlias:

Cosette: *Oi, Deise!*

Deise: *Oi, pode falar, estou vendo a tela.*

Cosette: *Oi, Deise, tudo bem?*

Deise: *É que ele (filho), estava brincando, passando por aqui, me chamando... então, eu estava pedindo para esperar um pouco, entendeu?! (risos).*

Cosette: *Quantos anos?*

Deise: *5 (cinco).*

Cosette: *Nossa, como passa rápido, um dia desses vocês estava grávida, e agora ele já está com 5 anos... que bom que está saudável...*

Deise: *Sim, passa muito rápido ele cresceu rápido. Ele fala comigo, tenta falar em Libras para ajudar... quando eu vou no médico... É difícil já que eu sou surda, então como está crescendo, é melhor. Tem a avó que me ajuda a cuidar dele porque precisa, né? Então, depois que eu pari, ela ajuda, eu nunca estou sozinha. (DEISE e COSETTE, narrativa, 2021)*

Essa conversa, que ocorreu entre os primeiros 10 minutos iniciais da tertúlia, aponta para a naturalidade com a qual as narrativas foram sendo tecidas. Uma pergunta sobre a idade do filho da participante, fez emergir uma a experiência de ser uma mãe surda. Deise, expõe o seu entrave linguístico, sem que ninguém lhe tenha perguntado diretamente sobre isso. Visualizando mais uma vez esse episódio, ratifico que somos seres da/para narrativa, no entanto, nem sempre nos damos conta disso.

Dessa forma, o movimento das tertúlias acontecia de forma muito próxima à representação a seguir, na figura 5:

Figura 5 - Representação das ações realizadas nas tertúlias literárias surdas



Fonte: A autora, 2021.

Essa formatação, intenciona reproduzir a (des) ordem com a qual desenvolvíamos os encontros, não tínhamos um protocolo de ações, o que está dentro desse ciclo acontecia, mas não necessariamente nessa ordenação. Vale ressaltar que quando digo das ansiedades em saber sobre qual seria a obra literária do dia, compreendo que seja pelo motivo de mais da metade dos participantes não saberem o que era literatura surda antes de participarem das tertúlias. Eram pessoas surdas, mas não sabiam o que era literatura surda, estavam ali justamente pra conhecer. Nesse sentido, assistíamos à obra literária e em seguida o espaço para as falas era aberto. As literaturas foram escolhidas por mim, de modo que as razões de escolha estão dispostas no capítulo seguinte.

As provocações das quais me valia para fazer a roda girar, eram baseadas nos objetivos supracitados. Inicialmente, tive a preocupação em não ser tendenciosa demais, então fiz o exercício de sempre me atentar para o que estava sendo dito naquele instante, e a partir daquela fala, buscar o tensionamento. Abaixo, trago um desses momentos de entrada na roda para provocar, a fala se refere ao uso da palavra "mudinho" que, inclusive foi o título da poesia apresentada nesse dia:

IVAN - *Aqui na minha família, por exemplo, é sempre assim... Eu falo: "Não, surdo é o correto!". Mas eles falam mudinho, mudinho... Eu sou muito paciente. Às vezes esquecem e às vezes falam mudo.*

PESQUISADORA: *Então, você falou que ensina as pessoas e, mesmo assim, às vezes, elas esquecem. "oh, desculpa, eu esqueci, o certo é surdo". Mas eu tenho uma pergunta, as pessoas esquecem mesmo? A palavra é "ESQUECER"? Porque a Maiane, o João e a Nina, também falaram que ensinam na escola a falar palavra certa, ensinam a família a falar certo, mas sempre esquecem. Por que esquecem sempre? (IVAN e PESQUISADORA, narrativa, 2021)*

Esses encontros, mediados por uma obra literária, favoreceram o transbordamento de experiências que, por alguma razão não foram ditas, ou foram silenciadas ou esquecidas. Em se tratando dos nossos personagens conceituais de pesquisa, penso que estes momentos significaram oportunidades, momentos propícios, lugar onde suas narrativas sinalizadas, cabem. Ambiente personalizado para caber expressões, concepções, opiniões outrora não ditas. Para além disso, constituiu-se um espaço de enxergar, por meio de janelas sinalizantes, o que o outro também tinha para contar.

Em geral, o que essas experiências deixam é, em particular, o quanto os textos ouvidos ou lidos como um segredo, na solidão, ou mesmo folheados, ajudam a despertar em uma pessoa regiões silenciadas ou enterradas no esquecimento, dar-lhes formas simbolizada compartilhadas e transformá-la. fundamentam a elaboração de uma história de desempenha um papel essencial na construção ou reconstrução de si mesmo, de uma narração sempre a retomar, sempre passível de ser e recomposta, mesmo para quem as palavras faltam [...] (PETIT, 2009, p. 105).

Me asseguro em reconhecer o valor das tertúlias literárias para esta pesquisa. De fato, esse dispositivo veio a ser uma originalidade desse trabalho. Em revisões realizadas no Banco de Dados da Capes, em que tiveram como descritores "tertúlia literária surda" e "tertúlia literária sinalizada", não obtive nenhum resultado de pesquisa com essa nomenclatura.

Lembro-me que, certa vez, em uma das minhas apresentações do mestrado, na disciplina de Laboratório, minha professora me interrogou se as tertúlias literárias dialógicas seriam o meu objeto, certamente, ela já vislumbrava a potencialidade deste dispositivo. Não será nesse momento, mas, é possível que em outra ocasião esse dispositivo seja o objeto de estudo em outras investigações.

4. 2 SEM SOM, TELA TRAVADA, PANE NO SISTEMA: OUTROS DESAFIOS

Por trás, digo, pelo meio do que foi relatado na seção anterior estiveram presentes sentimentos de angústia, ansiedade, medo. Mas, muito pior que essas sensações é ver o sentido das coisas se esvaindo. Pior que a dor, é o nada. Os giros e as incorrências que surgiram em decorrência da pandemia, trouxeram outros desafios, para além daqueles que o próprio movimento da pesquisa já traz.

As mudanças do campo que precisaram ser ressignificadas em decorrência da pandemia, me deixaram com muito receio quanto à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Foram quase três meses de espera, período este que desencadeou o meu travamento na pesquisa. A incerteza do parecer, não me possibilitava pensar no desenvolvimento desse estudo. Isso sem contar das incertezas que me invadiam sobre a minha própria vida em virtude da expansão de casos de covid-19 no país e na região.

Pontuar que a nossa tertúlia era surda é para nós algo de um valor expoente, mas é necessário dizer que esse dispositivo também foi um obstáculo a ser superado. Para mim, a falta do som foi o primeiro entrave. Isso me deixou surpresa, pois, já havia passado por outras experiências de encontros “sem som”, em que o diálogo se dava completamente em Libras, mas ainda não tinha experienciado a sensação de estar numa linha tênue como a que me percebi estando, especialmente, nos primeiros encontros. Me questionava sobre o porquê de isso acontecer, e considero que o peso atribuído por mim ao mestrado, à pesquisa, ao campo, contribuiu para essa insegurança.

Tinha medo de ser incompreendida, tinha medo de infringir o valor ético deste trabalho. Além de me sentir num processo muito solitário, uma vez que, não tinha nenhuma referência próxima de pesquisador/a realizando ou que já estivesse realizado um campo sinalizado, com participantes surdos/as, no espaço da cibercultura. Assim, confesso que, dentro das tertúlias, demorei um pouco para aprender a função fática na Libras, no sentido de perceber esse retorno de que estavam me enxergando e me compreendendo.

Outro entrave que me deixava sobremaneira angustiada, eram as travas na sinalização, em razão de problemas relacionados à conexão de internet tanto na minha rede, quanto na rede dos/as participantes. Janelas travadas, configuraram sinais travados, narrativas travadas, sentidos e pensamentos travados. Também havia

os momentos de intensa movimentação, o olho, às vezes, não sabia para onde se direcionar.

É válido pontuar, sob a ordem das minhas implicações, as fragilidades do campo, do ponto de vista da acessibilidade e da inclusão. Não temos uma plataforma que nos permita desenvolver a pesquisa em tempo decorrente, que nos permita a gravação para fins posteriores de análise. Precisei pedir emprestado a colegas/amigos de profissão, os quais solidariamente se dispuseram a contribuir.

Muitos episódios ocorridos em campo apontaram para uma precarização na produção desses dados. Esta instituição, que é corresponsável por esta pesquisa não nos garantiu condições de pesquisa com esse público, existem lacunas a serem reparadas na sua política de inclusão. Estou produzindo em programa de pós-graduação profissional em educação e diversidade, mas que não tem uma política de acessibilidade que garanta a nós, pesquisadores e pesquisadoras, terem um tipo de público como o meu. Não tive intérpretes de Libras durante as aproximações com o campo, durante as *lives* produzidas e nem durante o campo. Sendo assim, trago essas contradições institucionais para que se reconheça tais fragilidades e se repense sua política de inclusão.

No plano embrionário dessa intervenção em campo, havíamos pensado o diário de campo sinalizado como um potente dispositivo de captura de narrativas e experiências. E ele é. No entanto, por alguma razão ainda não compreendida, a sua feitura não foi exitosa. Os/as participantes não compartilharam dessa experiência. Apenas duas pessoas me mandaram um vídeo sinalizado, contando a experiência de um dos encontros apenas. Mas esse impasse não se deu apenas com eles/as, eu também não conseguia desenvolver o diário de campo escrito. Tinha a sensação de que eu só precisava sentir aqueles encontros e não conseguia escrever ou sinalizar algo depois que a chamada encerrava. Minha estratégia foi gravar áudios, como *podcast's*, conforme a orientadora sugeriu e me escutar, refletir e escrever, pois a escrita se dá de distintos modos e estilos e seria uma estratégia para que eu não esquecesse a sensação e as impressões que me marcaram no momento. Um dia apenas, consegui escrever algo, e disse assim:

Estou escrevendo hoje, mas deveria estar escrevendo há alguns dias, porque assim se constitui um diário de pesquisa, dizem. Não obstante, também considero, e muito considero, a honestidade de um diário em composição. Ele surge com a necessidade de transbordar o que já não nos cabe só em pensamento. Tenho pensado muito nessa interface diário como dispositivo de pesquisa, meus e minhas participantes não

estão seguindo os “comandos” que lhes dei no primeiro encontro - de fazer uma escrita ou sinalização semanal a partir das considerações dos encontros. Eu recebi duas narrativas, mas fora da linha que tinha traçado. E tenho me questionado: por que não estão fazendo? Também olhei para dentro de mim e perguntei: por que não estou fazendo? (PESQUISADORA, 2021 – DIA 22.07)

Para mim, os encontros transcendiam a escrita, era o corpo inteiro falando, então parecia quase que uma redução, tentar escrever depois de corpos terem sido o texto completo. Este pode ser um ponto. O outro ponto, e este pode ser também uma possível justificativa para todos nós é que estávamos todos/as emocionalmente adoecidos, e “a doença também não fornece a potência do escrever, ela não é processo, mas, ao contrário, interrupção do processo de escrita” (PACHECO, 2013, p. 130).

Esta é uma escrita-vivência que afeta os corpos e é concebida como forças de um tempo *Aion* que, segundo Deleuze e Guattari (2012, p. 51),

[...] é o tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não para de dividir o que acontece num já-aí e um ainda não-aí, um tarde-de-mais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar.

Neste tempo diferenciado para cada sujeito tomei o diário por outros modos de entradas e saídas, variadas em tons, linguagens e tempo, que fugia ao cronológico linear, capsulado e fui tomada pelo tempo *aion* que era pura intensidade e forças em mim, em nós-nos personagens conceituais também, conforme narraram nas tertúlias sobre o diário de pesquisa.

5 SINAIS-VIVÊNCIAS EM JANELAS SINALIZANTES

*[...] Pela tela, pela janela,
Quem é ela? Quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle.*

(Adriana Calcanhotto, 1992)

Não é por acaso que trago essa epígrafe com a canção “Esquadros” da cantora popular brasileira Adriana Calcanhotto. A sua letra me acompanha desde a adolescência, quando, em meus momentos de lazer, passava o tempo pesquisando músicas que me explicassem sobre a vida. De lá pra cá, uma década se passou, e os versos que nesta música existem, não cessam de despertar em mim novas significações. Hoje, me deparo experienciando e escrevendo palavras análogas a esta canção: a tela, a janela, o verbo ser, o enquadramento, o remoto, o controle e outras, mas estas já me contemplam.

Pela tela, pela janela quem é esse sujeito que sinaliza? Em qual enquadramento/comunidade/identidade está inserido? Remotamente, dizemos de qual lugar/distância? Em qual tempo? O que está se tentando controlar? São questões que, desde o início, impulsionam o movimento desse estudo.

Sendo assim, exponho esta canção, que nasce nos anos 90, para ilustrar como a arte, a poesia, a literatura é capaz de lançar universos em nós e, conforme se passa o tempo, por ser remoto o controle, segue assumindo novos significados, novos sentidos, novas possibilidades, ressignificando novas experiências. Essas experiências, segundo Larrosa (2017, p. 10), “quando caem mãos de alguém capaz de lhe dar forma a esse tremor [...], se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos”.

Não por acaso, também lhe trago para abrir as seções de experiências e narrativas produzidas nas tertúlias literárias e expresse essa minha experiência, porque como nos disse Larrosa (2017):

Talvez não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade que recorrer de novo às ruínas da nossa

biblioteca para intentar lá pegar as palavras que nos nomeiam, que nos dizem” (LARROSA, 2017, p. 30).

Dizendo isso, estamos apontando para o modo como foram operacionalizadas as tertúlias literárias. Intermediados/as pela literatura surda e pela literatura negra surda, permitimos brotar narrativas que não se sobrepuseram umas às outras e nem apontaram para uma forma ideal de ser, mas, ao contrário, vivenciamos uma experiência na qual não estava como aquela que dominava a palavra ou objeto em questão, que iria dizer dos modos de ser surdo/a expressos na literatura, mas aquela que estava disposta a dizer, ouvir e experienciar COM os sujeitos. Lá, cada janela era um mundo, cada corpo no movimento de sua janela era singular.

As categorias teóricas urgidas em nossas tertúlias, foram entrelaçadas com as experiências e para conhecerem cada obra, trazemos na ilustração da figura 6, o total de encontros, bem com os seus dias e suas respectivas obras:

Figura 6 - Representação gráfica da organização dos encontros e temáticas das tertúlias literárias surdas

REUNIÃO BATE-PAPO TIRA-DÚVIDAS 08.06, ÀS 19H	1ª TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA "LIVRO: UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS " 02.07, ÀS 17H30	2ª TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA "LIVRO: UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS " 09.07, ÀS 17H30
3ª TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA "POESIA: O MUDINHO " 16.07, ÀS 17H30	4ª TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA "CONTO: CINDERELA SURDA" 23.07, ÀS 17H30	5ª TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA "POESIA: GABRIELA GRIGOLON" 30.07, ÀS 17H30
6ª TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA "LIVRO: A SURDA ABSURDA" 06.08, ÀS 17H30		

Fonte: A autora, 2021.

Como podemos visualizar, os encontros deram-se semanalmente, sendo contempladas um total de cinco literaturas surdas, sendo duas delas literaturas negras surdas em três tipos de gênero literários: conto, poesia e história em quadrinhos. Destes, apenas o conto “Cinderela Surda” não é uma obra originalmente produzida, sendo classificada como sendo uma literatura surda adaptada, isto é, “são releituras

de obras já existentes em línguas orais, acrescentando-lhes personagens, episódios ou descrições que remetam a questões da cultura surda, preservando, porém, de forma ostensiva, o enredo original”. (RIBEIRO E PEREIRA, 2015, p. 168).

Nesse sentido, os próximos subcapítulos foram organizados de forma a apresentar as narrativas e experiências, as quais nos atrevemos a chamar de sinais-vivências, de cada uma das tertúlias literárias. O termo sinais-vivências inspira-se no conceito “Escrevivência” cunhado por Conceição Evaristo, escritora negra brasileira, em que confere essa expressão a um movimento literário que narra as experiências e vivências de pessoas negras, juntamente com “o pretencioso desejo de recuperar o vivido” (EVARISTO, 2010, p. 16), ampliado pelo conceito de Munhoz do corpo. Pensar este corpo memória, vivo, dentro da arte, segundo estudos de Munhoz (2011), é refletir o corpo-dança, como “metáfora para pensar um corpo de virtualidades, corpo que experimenta através da arte”, Munhoz (2011, p. 24), implicou neste estudo um corpo que experimenta expressões literárias como arte, corpo que se mostra, se expressa, corpo como texto vivo.

Segundo estudos de Soares; Machado (2017), a escrevivência evaristiana são “modos de transpor os revezes e seguir existindo”. Esses autores acrescentam: “o que veremos é que existir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, e escrevivência se torna um recurso de emancipação”. (Soares; Machado 2017, p. 206, *apud* Melo e Godoy, 2017, p. 1289). Este conceito potencializa nossa concepção de literatura surda interpelado por seus corpos no mundo, suas narrativas, seus sinais-vivências num movimento de criação de si.

Nesse sentido, reunimos neste estudo, narrativas que tensionam valores identitários, ancorados numa prática literária surda, que tende a ser hegemônica, e assim, propor uma maneira de pensar jeitos de ser, sem chegar numa ideia pré-concebida. Dessa maneira, forjamos um devir-literário, em que não se dispõe a encontrar um modo de ser surdo universal, mesmo porque, como afirma Deleuze (1997) em “A literatura e a vida”:

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população (DELEUZE, 1997, p. 11).

O que pretendemos com a proposição sinais-vivências é vislumbrar possibilidades narrativas e potencializadoras de subjetividades surdas, as quais revelam diferenças surdas e não uma identidade fixa em si mesma.

Assim, abrimos as nossas janelas sinalizantes vestidas pela análise narrativa que se segue. É válido ressaltar, que a seleção de narrativas foi feita a partir da nossa pergunta de pesquisa e dos seus objetivos, muitas não aparecerão nesse momento, no entanto, esperamos conversar com elas em outras oportunidades.

5.1 TERTÚLIA 1 – SINAIS DE BATISMO E RELAÇÕES IDENTITÁRIAS

Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, acha-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido — e chama-se o ser próprio. Mora no teu corpo, é o teu corpo.

(Nietzsche, 1977, p. 51)

Esse primeiro encontro foi previamente pensado para construirmos aproximações com os/as nossos/as personagens mediado pela obra: “um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”. A escolha desta literatura deu-se em razão de ela ter sido o meu objeto de análise no meu trabalho de conclusão de curso da graduação. Neste estudo, considereirei a sua potencialidade em trazer marcas culturais da comunidade surda, além de ser uma interface literária que impulsiona a problematização de aspectos relacionados à surdez, aspectos estes, direcionados a condições educacionais, políticas, identitárias e familiares. É uma obra pela qual tenho grande apreço e afeto.

Mas nesse dia outra coisa aconteceu. Minhas orientadoras de pesquisa participaram junto conosco. No momento de suas apresentações, tanto dos seus nomes quanto dos sinais de batismo²³, uma delas pediu para que contassem a história de seus sinais. Magia. Foi um dos momentos mais ricos do campo. Isso porque, ao dizerem sobre os seus sinais, diziam de si, de como eram, de como as pessoas os enxergavam, de como estão. E nesse fluxo de narrativas, o tempo passou. Não demos conta, nesse dia, de conhecer a história de Ana – personagem do livro “Um mistério a

²³ O sinal de batismo é um elemento característico das culturas surdas. De acordo com a comunidade surda, é antiético ser batizado por um ouvinte, pois é algo específico da comunidade. Após observar as características da pessoa e conversar com ela, a pessoa surda irá atribuir o sinal de identificação pessoal. Neste encontro nomearam as orientadoras com sinais, e informaram que tiveram empatia com elas.

resolver: o mundo das bocas mexedeiras” –, mas conhecemos parte de suas histórias e de seus sinais.

Sendo assim, dentre as categorias que emergiram ao contar de suas experiências, optamos por trazer aquela que retoma suas histórias e que, de certo modo, simbolizam os seus modos de ser. Este tema emergente diz respeito aos seus sinais de batismo e as relações identitárias que este elemento pressupõe.

Fazer parte da comunidade surda, ter algum tipo de relação com pessoas surdas, ou mesmo ser uma pessoa conhecida popularmente, lhe garante um sinal de batismo, ou sinal próprio em Língua de Sinais (LS), ou sinal de identificação, como trazem alguns estudiosos, dentro da comunidade. Ganhei o meu sinal em 2013, quando comecei a ter contato com pessoas surdas dentro da igreja. Lembro da minha sensação de ser nomeada, de ter um sinal próprio e de ser avisada de que não poderia esquecer. Passei o dia repetindo, o considerei muito bonito, tinha a ver com os meus cabelos, com as ondas que eu costumava fazer com a chapinha.

Depois que passei pela transição capilar, fiquei me perguntando se este sinal ainda me caberia. Perguntei a um amigo surdo se poderia trocar, ele disse que não, uma vez que todo mundo já me conhecia por aquele sinal. Aceitei a resposta, mas sempre que tenho a oportunidade de dizer que gostaria de mudar, eu digo. Primeiro, porque não uso mais as ondas, agora uso cachos. E esta foi uma mudança de dentro para fora, não estava mais sendo a mesma. Segundo, porque conheço pessoas com o sinal, quando não igual, bastante semelhante ao meu.

Em 2019, lembro que fui para um Congresso em Libras na cidade de Amargosa–BA, lá, comentei com uma estudante surda sobre o meu sinal. Não lembro sobre o que falou a respeito da mudança, mas lhe perguntei que outro sinal me daria, caso ainda não tivesse um. Fiquei surpresa com a criação. Nessa época, como já havia passado pela transição, imaginei que fosse fazer alguma relação com os meus cabelos. O sinal que me atribuiu tinha a ver com os meus olhos, porque eles eram pequenos e pelos meus óculos, explicou ela.

Hoje, rememorando essa experiência passo a me questionar sobre o porquê dessa obediência ao sinal que nos dão. A comunidade diz que é antiético, eu como ouvinte, atribuir a mim mesma um sinal, ou trocá-lo, por quê? Sei que é um elemento estreitamente ligado a questões culturais surdas, que simboliza essa experiência visual que lhes atravessa. Sigo respeitando, mas ainda assim, não me convenço.

Com isso, não estou dizendo que acho irrelevante a criação de um sinal que se apresenta como um nome para a comunidade surda, muito pelo contrário. Esse é um elemento de grande valor no processo comunicativo, inclusive. O que tenho me interrogado é sobre a forma pela qual esse sinal é constituído. Quem diz quem pode ou não criar/modificar esse sinal e por quê? O argumento de que esse é um atributo a pessoas surdas em razão de suas experiências visuais, me faz pensar que a minha experiência visual é reduzida e inválida nesse sentido. Tenho me questionado se esse argumento não é meramente um mito fundador, que, como nos explica Silva (2014, p. 85): “remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento [...], inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional”, nesse caso, a chamada identidade surda.

Ainda para Silva (2014):

Pouco importa se os fatos assim narrados são “verdadeiros” ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação sem as quais não teria a mesma e necessária eficácia. (SILVA, 2014, p. 85).

Essa liga sentimental e afetiva para qual Silva (2014) nos aponta é muito presente nesse processo de recebimento do sinal, e também presente quando narramos sobre ele. Arrisco a dizer, que essa emoção, talvez, esteja nos impedindo de questionarmos mais sobre esse elemento.

Penso, também, sobre como esse sinal de identificação, tem mais a ver com a visão que o outro/surdo/a tem sobre nós, do que nossa visão sobre nós mesmos/as, [...] “é menos nós que temos as ideias do que as ideias que se afirmam em nós.” (DELEUZE, 2009, p. 7). O sinal é atribuído a partir da observação de aspectos como: comportamento marcante, manias/hábitos, características físicas ou apelido. Contudo, cada pessoa enxerga o outro de uma forma diferente e, para além disso, enxerga da maneira que quer, ou que pode enxergar.

De acordo com Souza (2014):

O processo de nomeação que um sujeito surdo atribui um significado de existência, a partir da percepção visual espacial do outro, parte de um processo de constituição linguística e da linguagem expressa pelos modos somáticos de atenção (SOUZA, 2014, p. 60).

Em meu primeiro sinal, o que chamou a atenção daquele surdo, foram as ondas do meu cabelo; em meu segundo sinal, já foram os meus olhos. E assim, poderia ser outra coisa, caso pedisse um terceiro, porque as nossas percepções sobre o outro

não são iguais, elegemos dar atenção a coisas distintas. De todo modo, sigo agradecida por ter um sinal, através do qual as pessoas surdas me reconhecem.

Ao narrarem sobre os seus sinais, em nossa primeira tertúlia, nossos/as personagens contaram sobre si, sobre o modo como se veem, mas também sobre o olhar do outro em relação aos seus comportamentos, características, acontecimentos. Como esta pesquisa se propõe a tensionar “verdades” impostas, binarismos e hegemonia cultural relacionadas à surdez, escolhemos dois momentos, em que esses aspectos emergem significativamente.

O primeiro, segue abaixo, é o relato de Maiane:

Então meu sinal é esse aqui (faz a representação do sinal). Sinal de verdade. No passado, meu sinal era esse (faz a representação do sinal) quando eu era menor. Ao longo do tempo ele sumiu, eu não sabia Libras ainda. Mais ou menos, quando eu tinha 14 anos, estudava no colégio e (faz o sinal do colégio) uma pessoa surda quis saber qual era o meu sinal, então me deu esse na testa, porque antes eu usava uma tiara, tiara eu usava muito. A verdade é que não gosto de tiara, mas me deram esse sinal... eu não gosto dele, paciência, né... é natural, eu já me acostumei, todo mundo já conhece. Então, sem problema eu não gosto, mas ok, meu sinal é esse. (MAIANE, narrativa, 2021)

Percebemos que a participante inicia dizendo ter tido um sinal primário, mas que, em razão de ela não saber Libras – e aqui, provavelmente, esteja pontuando não saber a sua significação –, esse sinal desapareceu, não vigorou. Apenas quando foi para a escola se deu conta e essa identificação ganhou sentido. Maiane aponta que não gosta do sinal, não gosta da razão pela qual o sinal foi escolhido, mas mesmo assim, permanece com ele.

Após essa sua fala, fiz uma interferência rápida dizendo querer trocar o meu sinal, então, Maiane seguiu dizendo:

Não, porque ficar trocando de sinal é ruim. No encontro com outros surdos isso gera confusão. Então, eu escolhi ficar com esse para sempre e sigo com ele até hoje. Por exemplo, um surdo qualquer pergunta: “Cadê a Maiane (faz o seu sinal) surda? Maiane? Aí fala: sumiu?!”. Entendeu? É igual o seu nome, nome-sinal. Então, quando as pessoas me encontram na rua já sabem que o meu sinal é esse (faz o seu sinal). (MAIANE, narrativa, 2021)

Nesse momento, uma das minhas professoras lhe interroga, quis saber se, caso ficasse famosa e se tornasse escritora um dia, teria coragem de mudar o seu sinal. Maiane responde que “Não (risos). É identidade. Sinal-identidade.” (MAIANE, narrativa, 2021).

De fato, se nos atentarmos a essa questão, perceberemos que essa resistência em mudar o sinal de batismo mesmo não gostando, mesmo não se “identificando” com a característica observada no momento da atribuição do sinal, tem a ver com questões identitárias. Ainda se ancorando nas proposições sobre identidade, trazidas por Tomaz Tadeu da Silva (2014), concordamos que:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade, de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade, tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. (SILVA, 2014, p. 84).

Esse diálogo que aqui emerge se fundamenta por meio dessa relação existente entre o controle do corpo e a resistência do sujeito. Dessa forma, os sinais não são realizados ao acaso, mas “passam a ter significância moral no interior de um contexto social” (SOUZA, 2014, p. 62). Essa nomenclatura, que almeja afirmar corpos/sujeitos em uma determinada cultura, tende à categorização e com isso formas de padronização e regras, sobremaneira, fixas. De acordo com Souza (2014)

Os sinais próprios formados a partir do processo de nomenclatura são uma corporificação das experiências e percepções do imagético multissensorial dos sujeitos surdos. Além disso, o próprio processo em si de nomenclatura é dotado de um imperativo político e por uma lógica de poder expressa nos discursos em Língua de Sinais. Tem-se assim um jogo de disputa sobre o imperativo linguístico e sobre como deve ser estabelecido o processo de nomenclatura. (SOUZA, 2014, p. 62)

É notória essa disputa imperativa de quem pode o quê e como, há um conflito nesse processo de nomenclatura do sujeito, tanto quando se fala da experiência pessoal, tanto quando se fala da experiência de quem um sinal lhe foi atribuído. Três outros participantes, Elis, Mariano e Manuel, relataram ter tido mais de um sinal, até chegarem a estes, os quais têm por fixos. Nos chamou a atenção a narrativa do participante Manuel, este, diferentemente de Maiane, mudou o sinal aos 16 anos de idade, após ter realizado uma mudança exterior. Vejamos como se deu esse momento:

Manuel: *Há um tempo atrás, quando tinha por volta de 16 anos, eu comecei a deixar meu cabelo crescer, ele batia na altura dos ombros. Então meu sinal era assim (faz o sinal).*

Orientadora: *Ah, um rabo de cavalo!*

Manuel: *Isso era quando tinha 16 anos jovem. Agora eu mudei, porque eu cortei o cabelo e com isso meu sinal agora é esse (faz o*

sinal). Eu me acostumei com o cabelo cortado. (MANUEL e ORIENTADORA, narrativa, 2021)

Até aqui, ele ainda não disse o motivo pelo qual cortou o cabelo. Minha orientadora pergunta se ele sente falta do cabelo, Manuel responde:

Muitas pessoas pensavam, zombavam que eu parecia ser gay, me ofendiam “não quer mudar, ficar com cabelo de homem certo?” Era assim, zombavam, diziam que meu cabelo era diferente do meu rosto, me xingavam de gay. Então eu desisti e cortei todo. (MANUEL, narrativa, 2021)

Dando continuidade ao diálogo, a professora pergunta se ele deixava crescer porque gostava de “rock and roll”: “Eu gostava de rock and roll, mas todo dia eu era atacado, aí não quis mais e mudei. Hoje em dia ninguém mais me ofende, não falam nada. Isso para mim é um grande alívio.” (MANUEL, narrativa, 2021).

Nesse momento, a participante Maiane entra na roda e pede a palavra:

Maiane: *porque, às vezes, a sociedade quer nos impor sobre algo, nos ofende por isso..., mas, às vezes, precisa pensar o quê? Que a vida é sua, é o seu jeito, gosto... você escolhe sua felicidade. Se você se sente bem, tá tudo certo.*

Manuel: *é isso foi no passado eu era jovem tem 16 anos*

Maiane: *Eles pagam suas contas? Não! No passado eu não sabia sobre isso, mas agora eu sei, livre. Hoje eu me esforço.*

Manuel: *Você tá certa, concordo. (MAIANE e MANUEL, narrativa, 2021).*

Há muitas questões atravessadas nessas narrativas, das quais não daremos conta de sustentar nesta pesquisa, cujo objeto de estudo não são os sinais de batismo. No entanto, é possível visualizar uma potente discussão sobre os modos de ser surdo/a tendo em vista esse processo de nomeação do sujeito por meio de um sinal. Por meio da nomeação do outro, com o outro te nomina e te fixa. Muitos tensionamentos advindos desse sinal potencializou a primeira tertúlia.

O participante em questão, conta sobre a mudança ocorrida em seu sinal em decorrência de uma mudança exterior, mas essa mudança se impõe em virtude de uma atitude discriminatória, homofóbica que se dá a partir do imaginário simbólico construído acerca do cabelo comprido na figura masculina. Em razão disso, o sujeito se performativa, se transforma, muda o seu sinal de batismo, infringe uma regra da comunidade surda, porque, de algum modo, se sente afetado negativamente com o modo como as pessoas lhe veem.

Judith Butler (2000), compreende a “performatividade não como um ato pelo qual o sujeito traz a existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange.” (BUTTLER, 2000, p. 115). Dessa forma, o sujeito que corta o seu cabelo, corta um pedaço de si e materializa na norma, enquadra o seu corpo em outro sinal.

É possível dizer, portanto, que esse movimento de nomeação, configura-se como prática discursiva. Para Larrosa (2021, p. 18), “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Por isso, o exercício de eleger ou aceitar, ou impor, ou transformar palavras/sinais são exercícios estreitamente políticos, sociais e histórico-culturais. Nesse sentido:

As palavras com que nomeamos o que somos o que fazemos o que pensamos o que percebemos ou que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E por isso as lutas pelas palavras pelo significado e pelo controle das palavras pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras algo mais que somente. (LARROSA, 2021, p. 18).

Ao trazer essa temática para análise nesta pesquisa, desejamos provocar uma reflexão de como os sinais de batismo se conjecturam no imaginário simbólico da comunidade surda e como essa prática discursiva é capaz de posicionar o sujeito no mundo. Buscamos tensionar essa maneira de cartografar o corpo do outro e nomeá-lo a partir de observância de como o outro se apresenta.

O que nos cabe aqui é pontuar que cada corpo possui uma história atravessada por experiências e vivências únicas. Se “os sinais são um modo de materialização de um mundo pré-objetivo; e os processos rituais são uma maneira de reiteração da norma de (re)significação do significado do que o ser surdo” (SOUZA, 2014, 59), como nos aponta Souza, é urgente perceber esse elemento como parte de um corpo em devir. Para Silva (2014, p. 84), a fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. Assim, que jamais se negue a vontade de potência de ser, em detrimento de formas reativas ou subordinadas de ser.

5.2 TERTÚLIA LITERÁRIA SURDA 2: UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS – OS IMPACTOS FAMILIARES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO SURDO/A.

Conforme relatei no tópico anterior, tínhamos elegido a obra “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras” para compor a nossa primeira tertúlia literária surda, no entanto, o encontro se movimentou de outra forma e, portanto, decidimos por levá-la para esta tertúlia de número 2.

O livro em questão tem por autoras Maria A. Amin de Oliveira, neurologista infantil, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira, professora de Português e Literatura Brasileira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, pedagoga. Foi traduzido pela pedagoga surda Luciane Rangel e pelo professor ouvinte Luiz Carlos Freitas, e gravada em Disco Digital Versátil (DVD) em Libras pelo ator e cinegrafista surdo Nelson Pimenta, numa produção da LSB Vídeo. Caracteriza-se como um conto da literatura surda, considerando o seu entremeio com questões relacionadas as experiências culturais e linguísticas de pessoas surdas. Em linhas gerais:

A narrativa traz a história de uma garotinha surda nascida numa família de ouvintes. Sem contato com a “**cultura surda**”, ela passou os seus cinco anos de idade vivendo em crise existencial, perdida em um mundo de bocas mexedeiras que não traduziam sentido algum para ela. Suas tentativas de se relacionar com as pessoas à sua volta foram sempre frustradas. Seu esforço em compreender o seu entorno e se fazer compreensível era constante, mas passou a perceber que nela havia uma diferença, um mistério que ela almejava descobrir, era o mundo das mãos mexedeiras. Esse dia chegou e, finalmente, Ana descobre, em contato com o adulto surdo, que ela era surda. (MOURA, 2018, p. 54, grifo nosso)

Levar essa literatura para o encontro, fez ressurgir memórias da infância das nossas participantes. Aqui eu coloco “nossas participantes”, porque as narrativas acolhidas foram de mulheres. Aqui também abro um espaço para dizer da instabilidade desse encontro. Tivemos a ausência de parte dos/participantes em razão da queda de internet. Nossas janelas sinalizantes foram paralisadas em muitos momentos, a minha rede de internet oscilou consideravelmente, e isso me deixou emocionalmente entristecida do início ao fim do encontro. Não consegui fazer a transmissão da história em vídeo, a nossa colaboradora Angélica foi quem nos auxiliou nesse sentido, mas a sua rede de internet também estava instável. Nesse dia, nós havíamos migrado da plataforma Zoom, para o *Google Meet*, mas não sabemos ao certo se foi essa a causa dessas desconexões. Desse modo, é válido dizer que as

narrativas desse encontro, foram atravessadas por esse pano de fundo de sinais/discursos que travaram.

Não obstante esses entraves tecnológicos, posso dizer que soubemos aproveitar os instantes em que nossas janelas se desbloquearam. As narrativas que se reverberaram a partir da história assistida, me faz considerar que as participantes foram interpeladas por ela. Assim que a apresentação do conto encerrou, a participante Maiane pediu a fala. Seu afetamento se deu pela questão familiar, disse se identificar com a angústia de Ana ao, também, nascer em uma família em que seu pai e sua mãe são ouvintes. As demais participantes também disseram se identificar com essa realidade, sendo assim, as narrativas deram-se em torno disso: de como essa questão familiar impacta nos seus modos de ser.

A gravação que fiz desse encontro, para posteriormente fazer a sua tradução/transcrição, em virtude da internet, não deu certo. Tenho a gravação, mas as janelas encontram-se travadas em torno de 80% do vídeo, especialmente, no momento em que se iniciam as narrativas depreendidas acerca da literatura em questão.

No entanto, como tentei estar atenta para esses possíveis/prováveis acontecimentos, durante o campo, buscava narrar os encontros ou parte deles, para as pessoas que estavam de alguma forma, envolvidas com nesta pesquisa. Fazia esse exercício, sobretudo, para lembrar depois. Depois que contraí o covid-19, sinto que a minha memória e atenção não são mais as mesmas, estou com sequelas. Então, buscando alguma forma de registro dessa tertúlia, encontro esse áudio, em que conto para a colaboradora Cosette como foi o momento após terem assistido a história de Ana:

[...] elas fizeram um relato que, para mim, se a pesquisa terminasse ali já era o suficiente. Falando... assim, porque a gente assistiu à história e elas se apegaram muito à questão da família não saber Libras no início, e isso é muito difícil, esse crescimento na infância, crescer dentro desse mundo das bocas mexedeiras. Elas pegaram esse fato aí. E aí relataram experiências diferentes, né?! Maiane disse que... porque a menininha sentiu uma grande alegria no coração quando descobriu que era surda, já a Maiane disse que também se sentiu feliz, porque agora ela tem uma identidade e tal... uma identidade surda. E Nina me relatou já o contrário, ela disse que sentiu muita raiva, não queria, não queria aceitar e tal e aí depois, conhecendo outros surdos, ela foi entendendo o que era cultura surda, né? E aí, ela dizendo que, mesmo assim, ela não deixou de ser participante e de também ser adepta a questões relacionadas à cultura ouvinte, porque ela... ela seguiu isso. Então, ela não a despreza. Ela até pontuou que estava nesse entrelugar, ela tá no meio. Achei isso muito, muito potente essa

fala dela, para mim essa fala dela aí, daria... é o ponto da minha pesquisa, é esse o ponto. (PESQUISADORA, narrativa, 2021).

Em primeiro lugar, quero dizer que não foi uma surpresa para mim, a identificação delas com a história de Ana. Subsidiadas nos estudos de Eleweke & Rodda (2000), as pesquisadoras Silva, Pereira e Zanoli (2007, p. 280), apontam que “entre as crianças surdas, 90% têm pais ouvintes, e a ausência de experiência com perda de audição faz com que esses pais enfrentem vários obstáculos em relação ao desenvolvimento dessas crianças, sendo um deles a dificuldade de comunicação”.

O que nos inquieta, a partir dessa constatação, é como isso impacta nas relações sociais desse sujeito surdo, nos âmbitos individual e coletivo. É natural que, diante de uma diferença no aspecto biológico, que resulta numa diferença linguística provoque uma crise, como narra Ana no mundo das bocas mexedeiras.

Muito embora pessoas surdas, que nascem em lares de pessoas não-surdas, se reconheçam nessa crise quando ainda estão no processo de descobrimento da surdez, é necessário reconhecer que os desdobramentos, pós descoberta do mistério, podem ser diferentes, e é nesse movimento que vão se constituir modos diferentes de ser surdo/a.

Há famílias que operam na normatização do sujeito, outras agem na busca por entender esse “mundo surdo”, outras aprendem a Libras para desenvolverem com seus filhos/as, outras se silenciam essa diferença etc. O fato é que qualquer uma dessas ações vai impactar diretamente na formação desse sujeito. De acordo com Góes (1999)

A criança nasce imersa em relações sociais que se dão na linguagem. O modo e as possibilidades dessa imersão são cruciais na surdez, considerando-se que é restrito ou impossível, conforme o caso, o acesso a formas de linguagem que dependam de recursos de audição. Sobretudo nas situações de surdez congênita ou precoce, em que há problemas de acesso à linguagem falada, a oportunidade de incorporação de uma língua de sinais mostra-se necessária para que sejam configuradas condições mais propícias à expansão das relações interpessoais, que constituem o funcionamento das esferas cognitiva e afetiva e fundam a construção da subjetividade (GÓES, 1999, p. 38)

O enunciado nos aponta, assim como grande parte dos estudos que discutem surdez e família, que o uso da língua de sinais, bem como o contato com a comunidade surda, são fatores que contribuem significativamente na produção da subjetividade da pessoa surda. A pesquisadora Gladis Perlin (2012), grande

referência nos estudos identitários da surdez, afirma que relações totêmicas são necessárias para essa produção de identidades surdas.

O totêmico constitui o aspecto natural, não é o sujeito em si. O totêmico representa aqui o natural que agencia, identifica e une ao natural. Assim as forças de atração surdo-surdo podem se constituir em forças do organizador totêmico. [...] Significativamente, ele é uma consequência de não sermos ouvintes, não uma maldição, como poderiam supor, mas uma benção, um mundo novo para nós, ele é um agenciador de grupos, de marcas de diferença [...]. (PERLIN, 2012, p. 30).

Ao que parece, quem for capaz de não aceitar essa concepção totêmica estará abaixo do nível da pureza identitária surda, isto é, me parece que para a autora, desterritorializar-se seria, no mínimo uma atitude pouco honrosa.

No caso de Maiane, ela ratifica em suas narrativas durante as tertúlias, esse apego à cultura surda e a importância de, ao se relacionar com outras pessoas surdas, adquirir uma identidade surda. Para ela, isso se constitui uma alegria, uma superação. Essa sua “identidade” assemelha-se a de um de surdo contemporâneo, também abordado por Perlin e Reis (2012, p. 31), como aquele “que se une contra as práticas de dominação e subjugação ou obrigação de hibridizar-se culturalmente” também aquele sujeito que “constrói a cultura específica consumindo informações em seu alcance as quais busca com avidez”.

Diante do que escrevi até aqui, não sei se é preciso dizer o quanto essas afirmações são problemáticas, o quanto operam na direção de um discurso hegemônico, colonial, essencialista. Em outros modos, volta-se contra o que defende em seus argumentos anteriores. Para Carvalho (2019, p. 190) “A vontade gregária de identidade, em Perlin, faz com que ela caminhe na direção de um paradoxo: usar uma concepção de identidade que ressalta a fragmentação e o deslizamento para situar uma identidade essencial”.

Assim, quando, no áudio que gravei à colaboradora Cosette, narro que esse é o ponto chave da minha pesquisa, é justamente por visualizar, nas narrativas e experiências expostas, essa sombra do “ideal ser surdo”. O ideal surdo composto por estágios fixados: primeiro se apresenta como um sujeito em crise, não se identifica com o mundo bocas mexedeiras; depois descobre a sua cultura; e vive feliz com ela, afirmando/disputando/lutando, veementemente, por sua identidade. Mas a narrativa de Nina é uma quebra.

Primeiro que, diferente de Ana – do mundo das bocas mexedeiras – ela não sente uma grande alegria, Nina sente raiva. Segundo que com o passar o tempo, mesmo conhecendo aspectos culturais da surdez, ele se sente transpassada por aspectos culturais ouvintes advindos da família, ela reconhece e aceita isso.

A narrativa de Nina é binária quando traz as proposições cultura ouvinte versus cultura surda. Mas esse não é um ponto. O ponto é o seu reconhecimento de que, de algum modo, caminha entre dois mundos que compõem um terceiro mundo, o seu. O entrelugar.

Perlin e Reis (2012, p. 23), em sua taxonomia identitária²⁴, aponta que muitos surdos caminham nos dois mundos – o ouvinte e o surdo, e acrescenta posteriormente que “mundos surdos não são iguais, mas uns mais desenvolvidos, concretos, vividos, outros amordaçados, ameaçados pelos signos da desconfiança”. (PERLIN; REIS 2012, p. 30).

O caráter pós-estrutural desta pesquisa, só pode concordar com essa afirmação antes da conjunção adversativa. Ela não aparece por acaso, há um desconforto ao dizer que mundos surdos não são iguais, e esse está implícito no “mas” deste enunciado. Seria todas essas características, apontadas por Perlin e Reis (2012), o entrelugar de que fala Nina?

Diante de tais concepções, o que se pretende com estas exposições é tensionar esses modos de se ser e legitimá-los. Foi interessante perceber como a narrativa da garotinha Ana, que embora traga uma representação que apresenta implicações na formação do sujeito surdo, possibilitou outras narrativas de quebra, de fuga desse “ideal ser surdo/a”.

5.3 TERTÚLIA 3 - MUDINHO: ESTIGMA E SURDEZ

Nesse encontro, estava emocionalmente abalada com o aspecto da pandemia. Meu irmão mais velho estava gravemente doente, com suspeita de ter contraído o covid-19, muitas incertezas, muitas angústias acumuladas se fizeram presentes nesse dia. Por isso, fiz questão de expor, mais uma vez, a minha gratidão às pessoas que ali estavam, mesmo todos/as vivenciando inseguranças e perdas. Apenas nesse dia,

²⁴ Reiteramos os limites e problemáticas da identidade, para Hall (2014, p. 104), ela é uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas. Movimentos sociais lhe precisam, neste contexto atual, sobretudo, por estarmos em total perdas de direito e dos avanços da diversidade e da inclusão. Neste sentido ainda é preciso, a identidade, para uma luta por políticas públicas.

entendi o que Deleuze (1997) estava dizendo quando afirmou que a literatura surge como uma tarefa de saúde.

Retornamos ao *Zoom* nessa tertúlia, com a conta emprestada dos meus colegas de profissão. Assim, o encontro fluiu sem interrupções. Estiveram presentes apenas quatro participantes surdos/as e a colaboradora Angélica. Nesse dia, assistimos a uma poesia surda, produzida originalmente pelo poeta surdo Edvaldo Santos, popularmente conhecido como Edinho.

A gravação da reunião foi iniciada automaticamente, contudo, não percebi que o usuário estava configurado em um modo a destacar apenas a tela de quem estava falando – em voz. O resultado foi os/as participantes não aparecerem na gravação, nela, somente se visualiza a minha janela. Assim, mais uma vez, trarei as minhas narrativas/notas registradas em áudio, bem como registros do relatório elaborado pela colaboradora presente.

A poesia “O mudinho” de Edinho Santos foi publicada no YouTube em 18 de janeiro de 2018 e apresentada no SLAM SP (competição que define um representante do estado de São Paulo para o SLAM BR, maior torneio no país). Antes de tudo, o termo *Slam* foi cunhado pelo poeta norte-americano Marc Kelly Smith. Essa era a expressão utilizada por ele para nomear saraus competitivos²⁵ na década de 1980. Disseminados pelo mundo, os *slams* chegaram ao Brasil trazidos por Roberta Estrela D’Alva, nascida Roberta Marques do Nascimento, atriz, *slammer*, MC, pesquisadora, diretora musical, que em 2008 fundou o primeiro *slam* brasileiro, o ZAP! (ARAÚJO; SOUZA JÚNIOR; PEREIRA, 2020, p. 9).

Os *Slams* de poesia negra surda ainda são pouco conhecidos, especialmente, em cidades interioranas. Dos/as participantes que compuseram essa tertúlia, apenas um tinha conhecimento do movimento. Na descrição de como ocorrem as apresentações dos *slams*, feita por Araújo; Souza Júnior; Pereira (2020), temos que:

Basicamente, há aqueles somente praticados em Libras, sem intérprete para a Língua Portuguesa, e aqueles com o apoio de intérprete para o português, nos quais as duas línguas coexistem. Aqui resgatamos Dondis (2015), que trata da dimensão visual na cultura e na arte, e que nós estendemos à produção artística surda,

²⁵ Tais campeonatos obedeciam a três regras básicas que se mantêm até hoje em muitos *slams*: cada poema apresentado devia ser de autoria do próprio *slammer*; cada apresentação não podia ultrapassar um tempo previamente estabelecido – em média, três minutos; e era proibido o uso de quaisquer tipos de acompanhamento ou complementação por instrumentos musicais, elementos cenográficos, figurinos especiais etc. Geralmente, há um corpo de jurados escolhido aleatoriamente entre o público presente (auditório), que confere notas de zero a dez, individualmente. (ARAÚJO; SOUZA JÚNIOR; PEREIRA, 2020, p. 8).

especialmente devido à visoespacialidade das línguas de sinais. (ARAÚJO; SOUZA JÚNIOR; PEREIRA, 2020, p. 9)

De um modo geral, as poesias proferidas nesses encontros são de cunho político e social. São versos de combate e resistência e por esta razão, deu-se a escolha desta poesia negra surda para esta tertúlia. Em seu texto, Edinho ironiza o termo “mudinho”, expressão costumeiramente usada por pessoas que desconhecem o tom pejorativo desta palavra para a comunidade surda, ou mesmo utilizado por pessoas que intenciona inferiorizar ou discriminar o sujeito surdo. Essa situação é narrada por Edinho em seus versos, neles, conta que o termo o acompanha da infância até os dias de hoje. Sua rejeição, se dá porque um surdo não é necessariamente mudo, seja porque suas cordas vocais funcionam perfeitamente, seja porque pessoas surdas “falam” com as mãos. (ARAÚJO; SOUZA JÚNIOR; PEREIRA, 2020, p. 15).

*“Quando eu era pequeno
Todos me diziam: mudinho
Mudinho
Mudinho uh uh uh uh”*

A palavra “mudo”, no diminutivo parece ser usada para reforçar o tom pejorativo com o qual a expressão é normalmente empregada. No âmbito da educação inclusiva, palavras como *ceguinho*, *doidinho*, *louquinho*, *mudinho* e *surdinho* são comumente empregadas para se referir a pessoas com alguma deficiência. Tais termos podem ressoar ideias de carinho, afeto, penosidade, inferioridade. Segundo Bakhtin (2003)

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Sendo assim, considerando que toda palavra/enunciado traz consigo uma carga ideológica, é necessário problematizar de onde parte a escolha de um determinado vocabulário em detrimento de outros. Por que escolher dizer isso e não aquilo? Por que dessa maneira e não de outra? Por que categorizá-las? Muitas pessoas ainda imaginam que a pessoa surda necessariamente é muda – não fala. De onde parte essa ideia?

Após termos assistindo ao vídeo com a poesia de Edinho, provoqueei o grupo, no sentido de que expressassem sua opinião, ou seus sentimentos em relação

àqueles versos. Também perguntei se sentem ofendidos ao serem chamados/as de “mudinhos/as” e pedi para que justificassem. No registro feito pela colaboradora, tivemos as seguintes considerações:

Maiane contou que algumas pessoas a chamam de “muda” e que desde que aprendeu Libras, aos 14 anos de idade, isso não a incomoda mais, porque ela sabe que é apenas diferente e usa uma língua diferente e se algumas pessoas insistem em ter preconceito ela simplesmente ignora. Afirmou que já tentou ensinar Libras para alguns ouvintes, mas eles logo perdem o interesse então, entendeu que algumas pessoas não querem mudar. Deise disse que atualmente o preconceito diminuiu muito e, João por outro lado, afirmou que “ainda tem muito preconceito no Brasil”. Contou que ele, ao aprender Libras no Ensino Fundamental nunca perdeu a oportunidade de ensinar para os ouvintes sobre os surdos. Nas escolas pelas quais passou ensinou seus colegas que o termo correto era “surdo” e buscou ensinar a Libras. Relatou ter realizado um projeto na escola onde estuda atualmente para ensinar Libras a seus colegas de turma e enfocou que o preconceito é fruto da falta de informação. Nina foi enfática dizendo que, “graças a Deus”, hoje ninguém que ela conhece a chama assim. Relatou ter se afastado de ouvintes que insistem em não mudar e que após muita correção seu ciclo de pessoas próximas ou usam seu sinal-nome, ou seu nome ou apelido - que ela gosta bastante. (ANGÉLICA, narrativa, 2021).

A partir desses relatos, é possível perceber a natural associação da palavra mudinho ao preconceito. Mas, por que chamar alguém de mudinho se configura um preconceito? Discutir essa questão nos faz retornar ao debate as perspectivas patológica e sociológica relacionadas à surdez.

Para Skliar (2001, p. 28) a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte, não é o seu revés, não é uma cultura patológica, sendo assim, estudiosos e pesquisadores da área da surdez operam suas pesquisas subsidiadas numa noção antropológica, ou mesmo num epistemológico, como sugere Wrigley (1996), de modo a analisar o conceito a partir de relações entre conhecimento e poder.

Por esta razão, há um significativo esforço, por parte da comunidade surda, em superar o discurso audiológico, uma vez que este é considerado uma ameaça à emancipação “identitária”, linguística e cultural das pessoas surdas, por encarar a surdez como falta de algo. Nesse caso, da audição.

No entanto, segundo Skliar (2001), se quisermos conduzir nossas reflexões acerca da surdez por meio de um viés político é necessário compreendê-la como uma diferença a ser politicamente reconhecida, como uma experiência visual; como uma

identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência.

Quer queiramos ou não, a surdez será localizada nas discussões sobre deficiência. O cuidado que se deve ter – e muitas pesquisas têm cooperado nesse sentido – é o de sempre tensionar discursos de nominação que operam na normatização desse sujeito por meio de intervenções médicas. Mas isso, não apenas na área da surdez, mas na área da inclusão como um todo.

O que acontece é que, quando a surdez se localiza no discurso sobre deficiência, toda ação ideológica discriminatória que se tem sobre pessoas com deficiência se movimenta ao seu encontro e isso acontece dentro da própria comunidade surda, inclusive. Há um grande incômodo, por parte de pessoas surdas, em serem consideradas pessoas com deficiência. Para Carvalho (2019)

Em lugar de escolherem afirmações substantivas das diferenças, percebendo, por exemplo, que a surdez é um fenômeno complexo e, portanto, com múltiplas implicações, procuram negar a chamada medicalização da surdez binariamente. (CARVALHO, 2019, p. 45)

Na fala da participante Maiane, ela diz compreender a surdez como uma diferença. Mas, no âmbito social, a diferença tende a se constituir como uma deficiência, uma anormalidade, assim, se produz um estigma. Goffman (1988, p. 12) afirma que o estigma é algo da ordem do indesejável, defeituoso, fraco, em desvantagem, diminuído. Daí, pode-se depreender a razão pela qual as palavras mudo ou surdo são proferidas em seu diminutivo.

Trago abaixo, algumas considerações de Carvalho (2019), a respeito dessa relação entre surdez e estigma:

O sujeito surdo traz em seu corpo a marca evidente de uma das suas diferenças mais agudas, mas não é imediatamente visível. A surdez (que também tem variados matizes e diferenças intergrupais e interpessoais) só se faz visível depois de estabelecido o contato social. [...] uma vez revelada socialmente a presença do atributo que faz nascer o estigma, este último ganha destaque e dá origem a um processo de apagamento e paulatina destruição da possibilidade de atenção para outros atributos do indivíduo ou grupo social estigmatizado. O estigma age de maneira metonímica. É uma potência totalizadora. (CARVALHO, 2019, p. 166)

Desse modo, o estigma, para além de um aspecto físico/corporal/biológico é capaz de operar nocivamente nas relações sociais, pois está estruturalmente construído no imaginário simbólico social a noção de anormalidade. Ou seja, nenhum

outro aspecto é visível no sujeito, apenas aquilo que lhe difere do que se considera ideal.

É nesse sentido que a discussão sobre estigma dialoga com a nossa investigação, como o estigma atua como uma potência totalizadora que opera na diminuição do sujeito, apaga, inviabiliza, descredibiliza todas as suas dimensões no sentido de ser surdo/a, no sentido de ser humano. Por isso, e sobretudo por isso, Edinho, ao final de sua poesia, reivindica esse direito, o direito de ser chamado pelo nome, e não pelo seu estigma:

*[...] Porra!? Mudinho? Eu?
Não! Meu nome é Edinho!
Porra!!!!*

Ao final da tertúlia, perguntei a cada um/um dos/as participantes como gostavam de ser chamados/as, todos/as, disseram gostar de ser tratado pelo nome ou pelo sinal-nome. Nessa hora, lembrei do modo como sempre salvei o contato de algum/a amigo/a surdo/a em minha agenda telefônica: fulana-surda; fulano-surdo. Fiquei um tempo refletindo sobre isso.

Novamente, lhes questionei se salvavam o contato de pessoas não surdas como: fulano-ouvinte; fulana-ouvinte. Disseram-me que nunca haviam feito isso. Nessa hora me dei conta da dimensão estrutural do estigma, pois atua de modo invisível, naturalizado, naturalizando assim, o que não é natural. Terminado o encontro, fui imediatamente renomear os meus contatos. “Se a experiência é algo que nos passa, nos toca, nos move” (LARROSA, 2021, p 18), ali houve experiência.

5.4 TERTÚLIA 4 - CINDERELA SURDA: “MARCAS LINGUÍSTICAS NA LITERATURA SURDA ADAPTADA E OS SEUS ENTRAVES DE ACESSO E PRODUÇÃO.

O início dessa tertúlia foi marcado pelo retorno às discussões sobre a poesia “O mudinho”, do poeta Edinho Santos. O participante Ivan, o qual não estava presente no encontro anterior, pontuou que o uso da palavra “mudo”, para se referir às pessoas surdas, tem a ver com falta de informação e com a incipiência de um protagonismo surdo que mobilizasse a sociedade. Embora isso já esteja documentado, destacou ele, as pessoas continuam errando nesse sentido:

Eu não fico com raiva, por que falta informação, falta. Eles não conhecem. Mudo significa o quê? Não sabe. Porque antes não tinha ensino, não se tinha um protagonismo surdo, reivindicando pautas como “SURDO-MUDO, NÃO!” Essa divulgação não tinha. O que

tivemos foram outras influencias fortes, passadas de geração em geração. Hoje, a propagação dessa ideia foi diminuída, mas não acabou. Algumas pessoas continuam falando surdo-mudo, outras já têm conhecimento e falam surdo. (IVAN, narrativa, 2021)

Volto a dizer que, a questão da palavra “mudo”, “surdo-mudo”, “mudinho”, “surdinho” tem raízes muito mais profundas do que uma simples falta de informação. Larrosa (2021) chega para nos dizer dessa busca desenfreada por informações, somos sujeitos ansiosos por informação. E prossegue dizendo que “[...] com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas não no sentido de ‘sabedoria’, mas no sentido de ‘estar informado’), o que consegue é que nada lhe aconteça.” (LARROSA, 2021, p. 19).

Assim, reitero que a ressignificação de um termo ou a sua mudança está estreitamente ligada a uma (trans)formação individual e também coletiva, está conectada ao modo como passamos a ver o outro com o seu direito à diferença, não como um estigma, mas como diferença em si.

Nesse momento, nos movimentamos ao encontro da narrativa do dia, o conto de fadas “Cinderela surda”. Trouxemos esse tipo de literatura surda, classificada como adaptada, para provocar o seu conceito metodológico e, de igual modo, tensionar as escolhas de adaptações pensadas a partir de uma relação próxima com a “cultura surda”. Lodenir Karnopp (2008), referência fundamental desta temática, em seus escritos, desenvolve o que chama de “Metodologia da literatura surda”, onde enquadra a literatura surda em três representações: as produções literárias surdas traduzidas, adaptadas e criadas. “O primeiro, encerra os textos literários escritos, traduzidos da língua portuguesa para a língua de sinais; o segundo, pertence às adaptações dos textos clássicos à realidade dos surdos; e o terceiro, engloba as produções textuais dos surdos”. (PORTO; PEIXOTO, 2011, p. 168).

Assim, Cinderela surda, escrita por Lodenir Karnopp, Carolina Hessel e Fabiano Rosa é postulada como uma adaptação, recriação do conto de fadas clássico infantil: “Cinderela”.

Nessa narrativa a personagem principal é surda. O sapato perdido no clímax da história original, foi substituído/adaptado por uma luva, remetendo à questão da língua de sinais utilizada pela comunidade surda. Houve outras adaptações também na obra “Cinderela Surda”: a madrasta é ouvinte – representando como os ouvintes oprimem os surdos. O príncipe e a fada madrinha – personagens que acolhem a Cinderela Surda – também são surdos, representando como os surdos sinalizantes tendem a acolher seus semelhantes e se organizar em uma comunidade surda. (MOURA, 2018, p. 40).

Grande parte dos estudos relacionados à literatura surda, reforçam essa ideia de que, as adaptações realizadas nessas obras, visam preservar aspectos da “cultura surda”, geralmente, voltados à questão linguística e “identitária”. Tanto que, foram categorias ressoantes durante todo o encontro. Logo após terem assistido ao vídeo que contou a história, parte das narrativas se deslocaram para essa tensão binária entre aspectos culturais da cultura ouvinte versus cultura surda. Vejamos a seguir, a primeira reação, esboçada pelo participante Mariano, terminada a contação:

Legal, legal. É uma adaptação. Diferente da história ouvinte. Ouvinte diferente. Essa é própria para surdo. Porque ouvinte é próprio o tamanco, perdeu o tamanco. Agora trocou, foi adaptado colocando a luva. Diferente. Quando eu vi “AH! Fiz a associação”. Porque é diferente. Porque o tamanco não combina com surdo. Ai eu entendi, ficou claro. Luvas tem a ver com Libras, mão. Tamanco com ouvinte. É diferente. (MARIANO, narrativa, 2021)

É notória a significativa marcação da diferença, mencionado pelo participante. No entanto, esta não se trata de uma diferença que opera na produção de outras diferenças. A maneira com qual o termo foi empregado, só nos revela a reiteração de um discurso binário do surdo versus ouvinte.

Quando o participante aponta que a perda o tamanco é algo próprio de pessoas ouvintes, me questionei sobre o valor desse acessório à uma pessoa surda. Pessoas surdas não usam tamanco? Eu poderia ter levantado essa provocação no momento, mas pensei comigo mesma que, talvez, a fala de Mariano estivesse apontando para algo de mais comum entre comunidade surda e, nesse caso, seria o uso das mãos, diretamente, ligadas à língua de sinais. Portanto, luva e não tamanco.

Mas para me convencer disso, precisaria de mais substâncias. Pergunto sobre o que acham sobre essa separação “precisa” de história de ouvinte versus história de surdos. Trago, assim, a proposição do participante Ivan:

Eu vi, percebi e entendi. Eles, exemplo, ouvintes no geral, criam a narrativa com o tamanco, tema tamanco, e mostram às pessoas surdas, elas leem, leem... Emoção, não tem. Isso ouvinte, isso ouvinte, isso ouvinte. Não tem sensibilidade. Piadas, histórias, acontecimentos... eu vejo e... hum... tá... ok. Mas se um grupo adapta isso, tendo a língua de sinais como principal, e entrega para o surdo e ele ler uma Literatura que traz a luva representando a língua de sinais, que tem uma visualidade, o surdo sente emoção. É cultura diferente. (IVAN, narrativa, 2021)

Mariano, João e Maiane parecem concordar com a proposição, pois acenaram positivamente com a cabeça. O que se reforça na fala de Ivan é a necessidade da inserção, nesse tipo de literatura surda, da língua de sinais, que por sua vez é uma

marca da cultura surda, e nisto está a sua adaptação. De acordo com Ribeiro e Pereira (2015, p. 168), “as adaptações são releituras de obras já existentes em línguas orais, acrescentando-lhes personagens, episódios ou descrições que remetam a questões da cultura surda, preservando, porém, de forma ostensiva, o enredo original”.

Observamos que essa conceituação, de modo geral, empregada nos estudos literários surdos, também considera indispensável a aparição da cultura surda nas adaptações literárias surdas. Tal definição, poderia render um intenso debate, para além do que está posto, acerca do que seria “cultura surda” e do que seria “adaptação”.

No que tange ao termo “adaptação”, concordamos com Carvalho (2019, p. 71) quando diz não ser fácil estabelecer os limites entre o que são “adaptações” literárias, pois quando nos referimos a tradução e adaptação de conteúdos culturais, há a ocorrência inevitável de “um processo criativo, uma espécie de compreensão própria daquilo que veio “de fora” e que acaba sendo assimilado ao modo local”.

Já dissemos aqui o quanto pode ser problemático o termo “cultura surda”, no singular, e o quanto essa proposição opera para a produção de discurso e, logo, para a condução de movimentos hegemônicos em torno do que é ser uma pessoa surda. Nesta pesquisa, trazemos de modo transversalizado a compreensão de que “cultura não é reprodução social nem tampouco relativa única e exclusivamente aos bens materiais; é sim, produção de sentidos forjados pela atividade humana”. (GUARESCHI, 2008, p. 5).

Por esta razão, não nos aflige o fato de determinados grupos sociais minoritários²⁶ constituírem-se culturalmente, mesmo porque somos sujeitos formados culturalmente, o que nos incomoda, e por isso tensionamos, é o esforço coletivo em se propagar uma cultura surda homogeneizadora, atuando quase como um colonizador.

Solange Rocha (2009), em sua tese sobre *narrativas da história da educação de surdos*, faz uma leitura crítica acerca dos trabalhos que contam a história de surdos, e afirma que “No conteúdo desses trabalhos encontramos a idealização de

²⁶ Para Deleuze e Guatarri (2012), os grupos criadores da máquina de guerra são os grupos oprimidos. A convergência de suas lutas históricas, ensejam a máquina de guerra. Por esta razão, ressaltamos a força de um devir que é minoritário. Todo devir é minoritário, porque foge de um padrão, um modelo.

um tempo mítico, fora da história, no qual o sujeito surdo seria redimido pela língua de sinais”. (ROCHA, 2009, p. 23).

Assim, é urgente tensionarmos essas ideias sobre “diferença” para que ideias como estas, fundadas numa concepção mitológica de pureza surda, de diferença essencializada, não se perpetue em estudos tão caros como os estudos de cultura e em movimentos de grupos minoritários, como é o caso das pessoas surdas. Para Larrosa (2017, p. 41) “um livro, ainda que aparentemente se refira às coisas das quais ele trata, na verdade é com os outros livros que ele se relaciona [...], e quando se lê um livro, é nos outros livros que se pensa”.

Ao tensionarmos a essa vinculação da adaptação literária à questão da cultura surda, por sua vez, condicionada à língua de sinais, aponto para uma atenção à possibilidade de apagamento de outras formas de se identificar como uma pessoa surda. Há surdos e surdas que não se identificam com a língua de sinais e, certamente, essas pessoas não se reconheceriam nessa adaptação linguística. O problema não está em não se reconhecerem, o problema é não terem o direito de outras possibilidades de adaptação, visto que há uma idealização, uma forma cultural de ser surdo/a, na qual estas pessoas, não adeptas à língua de sinais, não se enquadram.

Já estávamos caminhando para o final da tertúlia, quando os contei sobre a minha experiência em não me ver reconhecida nas obras literárias que me foram apresentadas na infância: *Princesas negras, não tinham. Eu percebia que eram histórias específicas de pessoas brancas. Pessoas negras, não tinham... eu não via nada na infância.* (Pesquisadora, narrativa, 2021).

Por meio dessa narrativa, passamos a pensar como é injusto, diante de um vasto acervo literário que temos, não sermos apresentados a histórias que de alguma forma nos provoquem o afloramento de nossas subjetividades a partir do encontro com outras subjetividades que de algum modo se aproximam.

Com isso, encerramos uma outra problemática, outrora já pontuada em nosso primeiro encontro de aproximação: as lacunas deixadas pela escola no que diz respeito ao ensino e as aprendizagens por meio de literaturas atravessadas pelas diversidades, atravessadas por singularidades numa multiplicidade, isto é, narrativas marginalizadas. Podemos dizer que a literatura surda, encontra-se nessa categoria.

Estudiosos da área de educação de surdos apontam que a escassez de obras literárias surdas nas escolas, se reverberam muito mais quando a escola é inclusiva,

assim, afirmam que na educação bilíngue há fomento significativo dessas literaturas. Essa constatação, também ressoa na narrativa dos nossos personagens conceituais:

Ivan: *Na minha opinião, o problema está na escola inclusiva, eu acho, porque não tem nada de literatura surda, isso é um problema. Eu acredito muito na escola bilíngue, lá, o surdo tem o ensino de Literatura.*

João: *Verdade, tudo.*

Ivan: *A escola inclusiva precisa ser ajudada, mas parece que ela não quer. Não aceita... “ah, problemas... tem o custo, preparação é difícil, dá trabalho etc”. O valor que se dá ao aprendizado das pessoas surdas dever estar no mesmo nível das pessoas ouvintes. É isso que eu penso. (IVAN e JOÃO, narrativa, 2021)*

Escolas bilíngues e escolas inclusivas, também dariam um longo debate. No entanto, o que nos cabe nesse momento é considerar que a escola tem um papel significativo na formação literária do sujeito; e que, lamentavelmente, esse movimento escolar que opera no silenciamento de narrativas e histórias dissidentes não são de hoje, não é inerente aos estudos de surdez, tão pouco tem a ver com essa dicotomia da inclusão versus bilinguismo. Tem a ver com agenciamentos de apagamento da diferença em detrimento de uma narrativa/cultura hegemônica.

Dessa forma, os provoquei mais uma vez a pensarem, por exemplo, que se não “interessa à escola” uma narrativa surda, que dirá uma narrativa surda negra, indígena, LGBTQIA+ etc. Nesse tensionamento, me parece ter havido uma mudança no discurso do participante Ivan. Após essa minha reflexão, sua reação foi a seguinte:

Verdade. Palavra Literatura e a palavra Libras, ou seja, Literatura em Libras não dá conta. É insuficiente. Porque o foco é só na Libras. Então é necessário a palavra “Literatura”, associada à palavra “surda”. Porque também pode ser, literatura negra surda, literatura surda periférica, literatura surda da elite, pode?! Exemplo, o surdo LGBT, gays, lésbicas, entre outros. literatura surda rural, literatura (sinal desconhecido) ... existem várias possibilidades, porque é algo interno, próprio, de dentro para fora, sensibilidade. (IVAN, narrativa, 2021).

Essa sua narrativa me faz pensar em algum sentido da ordem da formação, da experiência que “nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2021, p. 28). Há, no discurso de Ivan, uma ressignificação do que seria, na verdade, literatura surda; o que seria ser uma pessoa surda em dimensões por meio de uma língua, mas, sobretudo, para além dela. O participante se dá conta de que há outros atravessamentos no sujeito surdo. Ele traz a palavra sensibilidade, o que há de mais singular, do que as nossas sensações, formas de sentir?

A literatura negra de Conceição Evaristo é um exemplo preciso de onde pretendo alcançar o pensamento. Em sua obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” – falo desta obra, porque, especialmente me toca – a autora reúne um total de 13 contos de mulheres negras. Tal referência, que também se coloca dentro dessas histórias, nos escreve sobre vivências femininas pretas que se têm as suas trajetórias atravessadas por suas lutas, dores, resistências, solidão, mas ao mesmo tempo nos revela singularidades em cada uma.

Os contos, por exemplo, carregam como título os seus nomes, o já marca uma expressão da singularidade. A própria Conceição confessa que algumas histórias são inimagináveis, por suas diferenças, e que, quase lhe pertencem – aqui também dando vazão as suas diferenças. Logo no início de seu livro, a escritora de tais escrituras narra:

Gosto de ouvir, mas sei que não sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando se mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. [...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escritura. (EVARISTO, 2016, p. 8)

Trago esse trecho, para dizer que, se há uma tentativa de representatividade hegemônica por meio de obras literárias surdas é urgente pensar numa proposta de sinais-vivências que se apresentem como narrativas-devires, que operem na desconstrução de valores homogêneos, que vá de encontro a silenciamentos da diferença, que preserve uma memória, mas que se resignifique a cada nova experiência e tome isso como um direito. Portanto, uma literatura surda que se descolonize.

“O acontecimento é movimento, é deslocamento, é um evento, um ponto que instaura o espaço-tempo; e a presença é corpo que por ele atravessa, ou por ele é atravessado. É corpo afetado que responde e se anuncia” (COSTA, 2020, p. 163). “Um corpo afetado produz agenciamentos coletivos de enunciação, os quais se traduzem como agenciamento maquínico de desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 147). É o que considero ter acontecido nessa tertúlia. Ao final, os participantes que estiveram presentes, com exceção de Maiane que se mostrou, inicialmente, tímida à

proposta, motivaram-se a agir em favor do fomento à literatura surda. Abaixo, trago a enunciação do participante Ivan:

Se os surdos aqui quiserem criar, gravar, criar m grupo principalmente para estudar, pesquisar, compartilhar opiniões, concordar, discordar... quiserem, aceitarem organizar, filmar, preparar legenda, fazer os devidos ajustes, postar e espalhar isso divulgar, eu tô disponível. Se vocês quiserem se comprometer com isso, formar um grupo, convidar outros surdos, ouvintes também, compartilhar, escrever, ajustar... a gente pode fazer essa troca e se ajudar. (IVAN, narrativa, 2021).

O que se pode dizer é que essa foi uma tertúlia que tensionou o conceito de literatura surda, especialmente, a adaptada, refletindo sobre modos de adaptação que agenciem outros atravessamentos para além do aspecto linguístico. Ressignificando a literatura surda por meio de sinais-vivências, em que as singularidades sejam potencializadoras dessa construção narrativa.

5.5 TERTÚLIA 5 - POESIA DE GABRIELA GRIGOLOM: INTERSECCIONALIDADE SURDA.

Iniciamos essa tertúlia lembrando das conversas que tivemos no encontro passado, especialmente, retomando a incipiência de obras literárias surdas, sobretudo, as que são consideradas criações originais. Havia pedido que pesquisassem tais obras literárias durante a semana e levassem para esse momento. Contudo, disseram que não se atentaram para esse pedido, pois tinha dito ao final do encontro e, talvez, por isso a comunicação não teria sido alcançada a contento.

A literatura programada foi a poesia de Gabriela Grigolon. Não encontrei, ao certo, o seu título, assim, intitulamos essa tertúlia com o nome da autora. No *youtube*, seu vídeo encontra-se nomeado “*Slams de Gabriela Grigolon - artista, ativista, feminista, negra, surda*”. Esta poesia negra surda foi uma das primeiras que tive acesso, por isso a sua escolha para esta investigação. Ligada ao movimento dos *slams* do corpo, foi uma poesia que me deixou emocionadíssima, compartilhei com algumas pessoas individualmente, e pensei que em algum momento gostaria de ter a oportunidade de partilhá-la em uma conversa, eis ela aqui.

Assim como Edinho, Grigolon, usa as suas redes sociais para postar suas poesias e divulgar suas participações em *slams* sinalizados.

Nesse dia, tivemos, novamente, problemas com a conexão de internet. Não estávamos conseguindo fazer uma boa transmissão do vídeo, a solução foi enviar o

link via grupo do *WhatsApp*, demoramos, de 10 a 15 minutos tentando o compartilhamento, mas os sinais travavam bastante.

Não vou negar a minha expectativa em relação às possibilidades de afeto das minhas participantes à essa poesia, uma vez que, traz a temática de gênero e raça bem assinalada. Assim que terminamos de assistir à poesia, fiz algumas provocações sobre o acharam do tema, da forma de expressão da poeta, o que sentiram etc. A participante Maiane foi a primeira a se manifestar, demonstrou não ter se emocionado, mas relata um sentimento empático em relação aos versos de Gabriela, os quais lhe fizeram lembrar um marco em sua vida, sua gravidez.

Eu não me emocionei. Eu vi e senti empatia, só. Capturei tudo, claramente. Parece com a minha experiência no passado. Eu já engravidei e tive grandes barreiras na comunicação, difícil. Então parece com o que senti. Mas, de verdade, eu desejo e sonho é que a comunicação entre surdos e ouvintes seja melhor. Eu me sinto dependente ainda e eu quero esse tipo de independência. Eu mesma avançando. Mas eu me pergunto como será isso futuramente. É difícil, é triste. (MAIANE, narrativa, 2021)

É válido ressaltar que nesse encontro estiveram presentes dois surdos e duas surdas, sendo assim, também trago as impressões de Deise, pouco depois de Maiane ter feito suas considerações.

Então, eu, no passado, tive uma experiência com médico e não teve comunicação, foi prejudicada, porque Libras não tem. Médicos precisam melhorar nisso. Eu vou com o meu filho, não tem intérprete para o atendimento médico. Difícil. (MAIANE, narrativa, 2021)

É possível perceber que as vivências contadas como experiências pelas participantes trazem à tona a questão da maternidade surda. Particularmente, ainda não havia visto nenhum estudo que discutisse a surdez nessa perspectiva. Considero que questões concernentes à vivência de mães ouvintes frente à surdez do filho, assim como a experiência de filhos ouvintes de pais/mães surdos/as, os chamados Codas, têm um lugar nos estudos da surdez. No entanto, pesquisas que se propõem problematizar as experiências vivenciadas por mães surdas, ainda são incipientes.

A poesia de Gabriela ressoa várias abordagens referentes à surdez: feminismo, barreiras na comunicação, preconceito, estigmas, entre outras. Contudo, a vivência de ser mãe surda urgiu com maior força e, possivelmente, por ser um assunto pouco discutido entre nós. Abaixo, trago um trecho dos versos de Grigolon:

*[...] Eu vou no hospital
Quando eu estou com gestação
Lh, nasce meu bebê, não tem comunicação
Eu sou surda, o médico não sabe sinalizar*

*Cadê o intérprete?
Tô angustiada
Tô sozinha
Bloqueada
Limitada.*

Por ser a língua o aspecto mais marcado quando se fala em questões identitárias e culturais surdas, outras marcas da diferença deixam de ser pautadas e tensionadas, como é o caso desse atravessamento entre gênero e surdez. Essa desatenção, resulta na circulação o discurso de “identidade” surda cristalizada, homogênea, o que implica diretamente no silenciamento de tais marcadores sociais que operam de forma estrutural e excludente.

De algum modo, nós mulheres estaremos sujeitas à desigualdade de gênero, no entanto, é importante compreender que marcadores sociais de classe, raça, etnia, religião, orientação sexual, são condições que quando se cruzam as relações sociais não são as mesmas. O que quero dizer é que uma mulher surda, por ser mulher e surda, está exposta a um determinado tipo de discriminação: machismo, ouvintismo, capacitismo. Contudo, uma mulher que é surda e também negra, sofrerá com o racismo, machismo, ouvintismo, capacitismo. Tal condição de ser mulher negra surda, lhe coloca em uma situação de tripla vulnerabilidade devido à somatória do gênero, da diferença e da raça/etnia.

Se uma mulher branca surda ocupar qualquer espaço sem dizer que é surda, certamente, estará sujeita às opressões movidas pelo patriarcado. Se uma mulher negra surda ocupar qualquer espaço sem dizer que é surda, ela estará sujeita às opressões movidas pelo racismo e pelo patriarcado. A sua cor chegará antes da sua surdez.

Portanto, é urgente pensar a categoria da interseccionalidade atrelada aos estudos surdos, pois, de acordo com a pesquisadora brasileira Carla Akotirene (2019), essa concepção teórico-metodológica:

[...] impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos das colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais. (AKOTIRENE, 2019, p. 59)

Ao trazer esse conceito, estou ciente de que trago uma abordagem muito cara à crítica feminista negra. O termo foi cunhado pela norte-americana feminista, negra

e advogada Kimberlé Crenshaw (2002), quando buscou compreender as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação que se reverberam nas relações sociais e econômicas de mulheres negras. Assim, ao conceituar o problema da interseccionalidade, Crenshaw (2002) diz se tratar especificamente:

[...] da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Sendo assim, dialogamos com essa categoria, porque ela emerge, pelo seu silenciamento, em nossas janelas sinalizantes. As experiências e vivências surdas narradas pelas nossas participantes trazem por trás de seus discursos, problemas que lhes atravessam em decorrência desses cruzamentos interseccionais, no entanto, interpeladas pelo discurso e uma “identidade surda” unívoca, simplificam todas as outras relações sociais que lhes perpassam a todo tempo.

Cabe ressaltar de que a primazia da construção de perspectivas interseccionais de diferenças e desigualdades é atribuída ao feminismo negro. Contudo, incorporar elementos da surdez, da deficiência, da diferença, do capacitismo aos estudos interseccionais, significa reconhecer a necessidade de tais categoriais às lutas sociais dos movimentos feministas e antirracistas. Para a autora:

o Feminismo Negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersexos (LGBTQI), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadores (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

A questão da raça não foi pontuada pelos/as participantes até a minha menção. Os instiguei a observarem o fato de que Gabriela Grigolon, em sua poesia e em suas experiências, sempre se apresenta como mulher negra surda; e além disso, os provoquei a se apresentarem com suas “identidades” e diferenças, tal qual a autora. Assim, trago a narrativa da participante Maiane, cujo atravessamento racial ecoa em sua experiência de ser mulher surda miscigenada:

Eu sou mulher, cacheada, branca mais ou menos, uma mistura e surda. Só. Identidade só. É o meu jeito. Eu não tenho um monte de identidades, um monte, não tenho. Como? Entendeu? (diz sorrindo). É um resumo, só um pouquinho mesmo. Mas eu ter muitos jeitos

como? Como, se eu não tinha me dado conta disso?! Primeira vez foi agora, eu estranhei. Eu nunca tinha percebido como fazer isso. Eu estranhei, não sabia, desculpa. Eu estranhei quando vi, oxe. Fiquei pensando, confusa. Como jeitos surdos? Ivan falou e eu fiquei pensando, fiquei observando vocês e só aí descobri. Eu sou como? Nunca percebi! Atrasada, agora eu atrasada, eu agora atrasada, oxe! (MAIANE, narrativa, 2021).

Não se perceber em suas diferenças é uma questão crucial a ser pontuada. Tem a ver com o que estamos falando desde o início desta pesquisa, o olhar fixo para padrões hegemônicos nos tira a possibilidade de olharmos para nós mesmas. Quando afirmamos "Eu sou assim", "pessoas surdas são assim", de acordo com Deleuze e Parnet (1998), "acabou tudo isso. Já não há fantasia, mas apenas programas de vida, sempre modificados à medida que se fazem, traídos à medida que se aprofundam". (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 61).

Em sua fala, vemos permeadas as categorias de gênero, da raça e da surdez. É uma participante que durante as tertúlias afirmou, veementemente, a sua identidade surda, mas que ainda não havia se dado conta de outros atravessamentos. "Cacheada" aponta para uma provável negritude, "branca mais ou menos", aponta para uma lacuna em seu processo de conscientização racial. Assim, mais uma vez, reiteramos a necessidade de um debate entre interseccionalidade e surdez, pois "tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres". (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Nessa percepção de si, trazemos uma outra narrativa. Em que a raça não aparece, mas aparecem outras intersecções. Essa, inclusive foi a primeira vez que, em nossas tertúlias literárias surdas, um dos participantes percebeu a surdez atrelada a outras categorias identitárias. O participante Mariano reconhece os seus atravessamentos, a partir dos atravessamentos apontados por Gabriela Grigolon quando se apresenta como mulher, feminista, negra e surda.

A mulher do vídeo é igual a sociedade. Nela existe muitas lutas e vitórias. É igual a mim. Eu sou surdo, Mariano (fez o seu sinal). Minha identidade é surda, sou LGBT e sou gordo. E vou seguir avançando, não vou cair, vou ficar firme. Lutando pelo meu direito de viver. Eu tenho identidade surda, identidade LGBT e identidade de ser gordo. (MARIANO, narrativa, 2021).

Em sua narrativa, é possível vislumbrar a sua percepção sobre os marcadores sociais destacados por Gabriela, os quais lhes possibilita observar os seus. O participante reconhece que tais marcadores de diferenciação os coloca em situações

de opressão e discriminação. O movimento de continuar lutando, citado por Mariano, representa o reconhecimento das desigualdades sociais que vai operar a partir de outros marcadores, para além da questão linguística da surdez, como a homofobia e a gordofobia. Por isso a necessidade de nos aprofundarmos na discussão sobre as relações sociais, de um modo geral, de pessoas surdas.

Ao final da tertúlia, esse mesmo participante, fez uma fala a respeito da diferença. Parecia ter sido atravessado por emoção que faz transparecer em sua narrativa: [...] *as identidades são diversas, é preciso respeitá-las. O preconceito chega para nos inferiorizar, mas somos iguais, mas diferentes (MARIANO, narrativa, 2021).*

Tal posicionalmente, me fez rapidamente, lembrar da enunciação feita por Boaventura de Sousa Santos (2003, p. 53)

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003, p. 53)

Tendo postulado todas as considerações acima, é que considero, definitivamente, precisa a necessidade de diálogo entre a surdez e outros marcadores sociais que compõem a margem da sociedade, assim, estaremos operando na construção de novos sujeitos políticos.

Durante a tertúlia usei a palavra identidade como estratégia linguística. De acordo com Hall (2014, p. 104) “a identidade deve ser pensada sob rasura, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”. Percebi que quando os/as participantes iam falar de si, pontuavam sempre a identidade. Então, como estratégia de fazer emergir esse olhar para si, mas de forma rasurada, me aliancei com a “identidade” instável de Hall (2014), para daí alcançar à concepção da diferença. E isso se mostrou como resultado positivo na fala de Mariano.

Por fim, considero que a literatura de Gabriella Grigolon apontou para horizontes despercebidos na surdez. Aqui, a entendemos não apenas como um recurso que fez emergir outras vivências surdas, mas ela sendo também uma outra vivência narrada nas janelas sinalizantes. Por isso reafirmamos “sinais-vivências”. A literatura surda de Gabriela é uma outra literatura, ela é política menor.

5.6 TERTÚLIA 6 - A SURDA ABSURDA: Modos de ser uma pessoa surda (?)

A literatura é um caso de inacabamento, de um devir, e por isso, favorece o aparecimento de novos modos de vida.
(PACHECO, 2013, p. 130).

Preciso dizer que dar abertura às janelas sinalizantes, nesse último encontro, foi de uma emoção indescritível. Com todas as implicações e desafios, havíamos cumprido um ciclo de tertúlias literárias surdas de um modo muito satisfatório. Por isso, iniciei agradecendo aos personagens conceituais da pesquisa, pelas possibilidades encontradas no coletivo para o desenvolvimento desse campo de forma remota.

Relatei brevemente a minha trajetória na Língua de Sinais e com as pessoas surdas, ressaltando que após ter me desvinculado de uma visão assistencialista, pela qual eu compreendia a comunidade surda, passei apostar na interação, no compartilhamento mútuo dos nossos saberes e vivências. Houve um momento, em que lhes contei o movimento ancestral experienciado com a minha vó e duas pessoas surdas, narrado no início desta pesquisa:

Eu, antes, quando eu era pequena sempre ficava prestando atenção em duas pessoas surdas que havia aqui em Campo Formoso. Eu ficava admirada sempre que os via. Essa foi a minha experiência inicial. Um dia, essas duas pessoas foram até a casa da minha avó, porque ela era costureira. Quando chegaram eu logo os percebi. Foi nesse dia o meu primeiro contato. A minha avó queria conversar com ele, mas ela não entendia nada. Mas eu queria falar, eu estava curiosa, queria aprender libras. Um desses surdos está aqui hoje. Então eu estou muito feliz por essa conexão permanente. (PESQUISADORA, narrativa, 2021).

Essa era uma narrativa que eu estava segurando, precisava dizer do meu afetamento em ter como participante de pesquisa, aquele que, com o seu movimento do corpo e das mãos, me colocou aqui, nesse exercício. Ele também disse se sentir maravilhado e agradecido por estar ali, disse se lembrar desse dia. Formos afetados, e nos afetamos “à medida que a relação que constitui cada uma forma um grau de potência, um poder de ser afetado. Tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 73). Nesse caso, que belo reencontro!

Revelo que guardei essa narrativa, e confesso que tive receio de contá-la antes. Durante as tertúlias, e observando os áudios/podcasts que gravava após os seus termos, me percebo preocupada como o limite da minha emoção, mas depois me dava conta de que os descontroles, os deslizos, as escorregadas também era

compromisso desta pesquisa, fazia parte do seu rigor flexível e da singularidade. Nosso desejo é que esta fosse uma pesquisa, tal qual postula Guedes e Ribeiro (2019), como:

Uma pesquisa que busca escutar e prestar atenção como forma de estar presente, de colocar em questão o próprio caminho percorrido e a percorrer, uma abertura a que algo nos aconteça, a que possamos enxergar o que tão facilmente nos escapa: o riso, o olhar apaixonado, o copo inquieto, o sussurro insistente, os bilhetes trocados, a palavra não dita, o silêncio que grita, a palavra que dissimula [...]. (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p. 29)

Partilhei o amor, a minha gratidão, o meu nervosismo, as minhas preocupações, as minhas incompreensões e, nesse encontro derradeiro, o caminho que me fez chegar onde estamos. Salientei a importância do amor, do amor que nos move, que nos lembra do verbo esperar como transitivo. Esse amor permitiu que continuássemos, mesmo com todos os nossos atravessamentos. Amor como implicação política, e não como sensibilidade ingênua, amor que cria vínculos e não amor piegas, amor defendido como afectos, que nos desloca. O amor pela literatura, pelos personagens conceituais, pelos agenciamentos coletivos e devires.

Ainda anterior à apresentação da literatura programada para o encontro, falei da minha alegria ao receber uma criação literária, feita por um dos nossos participantes, Mariano. Ele fez uma recriação da história do Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, intitulada de “O príncipezinho surdo”. Esta adaptação, já pode ser considerada um desdobramento da pesquisa, a qual se juntará ao E-book literário com sinais-vivências, proposto nas tertúlias, como mais um resultado/ produto desta pesquisa, além dessa dissertação.

Todos/as os/as participantes ficaram lisonjeadas/as com a determinação e produção criativa de Mariano, um dos colegas chegou a fazer a seguinte declaração:

Eu estou pensando aqui... você captou o que viu sobre literatura surda, visualizou tudo e fez tudo na mesma coerência. Eu gostei muito. Pode continuar fazendo, abra a sua mente para isso. Muito bom, maravilhoso (JOÃO, narrativa, 2021).

Esse episódio expressa a natureza formativa desta pesquisa, por onde “ilhas de expressões, de transmissões e de criação de cultura” (PETIT, 2009, p. 38) caminharam em livre acesso. Por esta e outras razões é que selecionei a obra “A surda Absurda” para fecharmos o ciclo das tertúlias literárias surdas.

Essa literatura já chama atenção pelo título, me chamou também. Foi o meu algoritmo²⁷ que me indicou. Ao ler o título e o seu resumo, fui acometida por uma curiosidade imensa, gostaria de saber o porquê absurda seria uma surda. Pensei na palavra absurda como algo da ordem do estranho, do incômodo... essas palavras me soaram próximas, comprei o livro e sou apaixonada por ele.

É uma narrativa contada em quadrinhos, escrita e desenhada por Cece Bell (2019), autora surda norte-americana. A surda absurda é uma história autobiográfica, em que narra experiências de Cece, após ter sido acometida por uma doença chamada meningite e ter ficado surda aos 4 anos de idade. Desde então, a garotinha passa por situações, na escola, com a família, como os/as amigos/as que a fazem o refletir a todo tempo sobre a sua condição de ser surda.

Eu me sentia diferente e, em minha mente ser diferente não era uma coisa boa. Em segredo, e abertamente, acreditei que minha surdez, ao me tornar tão diferente, era uma deficiência. E sentia vergonha. Conforme cresci, no entanto, fiz algumas descobertas positivas sobre a surdez e sobre mim. E ser diferente? Isso acabou sendo a melhor parte de tudo. Nossas diferenças são superpoderes. (BELL, 2019, p. 235).

O que me chama atenção na história de Cece é o fato de ela parecer ser uma contra narrativa, em relação ao que se entende e se perpetua, entre parte da comunidade surda sobre “identidade surda”. Já fizemos essa discussão nesse texto, de como essa ideia é problemática e o quanto ela não dá conta de reconhecer as diferenças surdas. Para além disso, invisibiliza, silencia, estigmatiza outros modos de ser e estar sendo surdo/a.

Não se encontra a versão do livro sinalizada. Durante a semana, antes do encontro, havia enviado via grupo de *WhatsApp*, um trecho escolhido para a discussão, no entanto, os/as participantes relataram não ter compreendido algumas questões. Levei para o encontro a tradução²⁸ feita em parceria com meu colega de profissão e estudos, Davi Lima, já mencionado aqui, a quem muito sou grata por ter colaborado ativamente com o empréstimo da plataforma para as ações das tertúlias e por ter contribuído com boa parte das traduções deste trabalho.

²⁷ Importante refletir sobre a força dos algoritmos em nossas ações cotidianas e como este, nos observa, nos lê e são cada vez mais complexos. Não surgem na contemporaneidade, como se pensa, mas datam de tempos babilônicos. Tornaram-se mais conhecidos na modernidade, principalmente, quando associados aos computadores e às estratégias de otimização para buscadores, com o objetivo de entender o comportamento humano na internet, em especial, nas redes sociais.

²⁸ Link de acesso à tradução: <https://youtu.be/GLcn7JVdQYM>

O trecho escolhido tratava de uma cena em que Cece Bell se recusava a aprender a Língua de Sinais por já está acostumada com o uso do aparelho auditivo. Ela se sentia incomodada com o modo como as pessoas a tratavam quando descobriam que era surda. Incomodava o fato de as pessoas lhe chamarem de “especial” e sempre acharem que estava precisando de ajuda, ou padecendo pela falta de algo.

Trouxe o episódio, para tensionar aquilo que foi a minha primeira questão ao rever a pesquisa de TCC: a língua de sinais é comum às pessoas surdas? Muito embora, parte das pessoas surdas que se narram como surdas vivam suas experiências por meio de uma visualidade, considerando a língua de sinais como a sua língua natural, é importante pensar em outras partes que experenciam suas surdez de outras maneiras, como é o caso de Cece Bell.

Assim que a narrativa se encerrou, o participante João, fez menção à história que se conta sobre os surdos e seus entraves linguísticos. Citou alguns países que impuseram a oralização como a Alemanha e a França, também fez referência ao congresso de Milão que instituiu o uso das línguas orais nas escolas. Disse que esta parecia com as histórias daquela época de imposição da oralização. O participante Ivan discorda e tenta explicar: *Mas ela é diferente. Ela usava aparelho auditivo para ouvir. Ela acha estranha a língua de sinais, não queria, não gostava da língua. (IVAN, narrativa, 2021).*

Essa associação, a princípio, feita pelo participante João, reitera o receio de se falar do processo de oralização, como se este fosse uma ameaça médica ou mesmo uma forma de opressão às línguas de sinais. É claro que a sombra de uma perspectiva terapêutica normatizante, impositiva, ainda opera sobre grupos dissidentes, numa tentativa forçada de consertar algo que não está num lugar comum. Segundo Silva (2014, p. 83) a normatização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Portanto, essa é uma ação excludente, discriminatória, preconceituosa, sobre a qual devemos mover forças coletivas e lutar contra.

No entanto, o que se questiona aqui é o embate de um posicionamento hegemônico com outro posicionamento de mesmo caráter. Em consonância com Carvalho (2019), chamamos a atenção para a questão de fundo que “é a existência de uma luta entre duas burocracias institucionais, ambas querendo o controle das narrativas hegemônicas em torno do sujeito surdo institucionalizado” (CARVALHO,

2019, p. 45). Assim, voltamos para a mesma problemática que, dentre outras, permeia todo este estudo: a questão da homogeneização identitária operando no silenciamento de outros modos de ser e estar, e isso em qualquer grupo sendo ele minoritário ou não.

Cece escolhe não querer falar em línguas de sinais e a não imposição disso, para ela, foi uma libertação. Há uma narrativa que conta sobre um ato de violência, ocorrido em meados do século XIX, para com as pessoas surdas, em que chegaram a ter suas mãos amarradas no intuito de proibição de qualquer tipo de sinalização. Cece Bell faz uma paródia desse acontecimento. Em sua narrativa, considera que as algemas representariam o fato de ter que aprender a língua de sinais, mas é nesse momento que surge “a Surda Absurda a liberta das algemas” (BELL, 2019, p. 114).

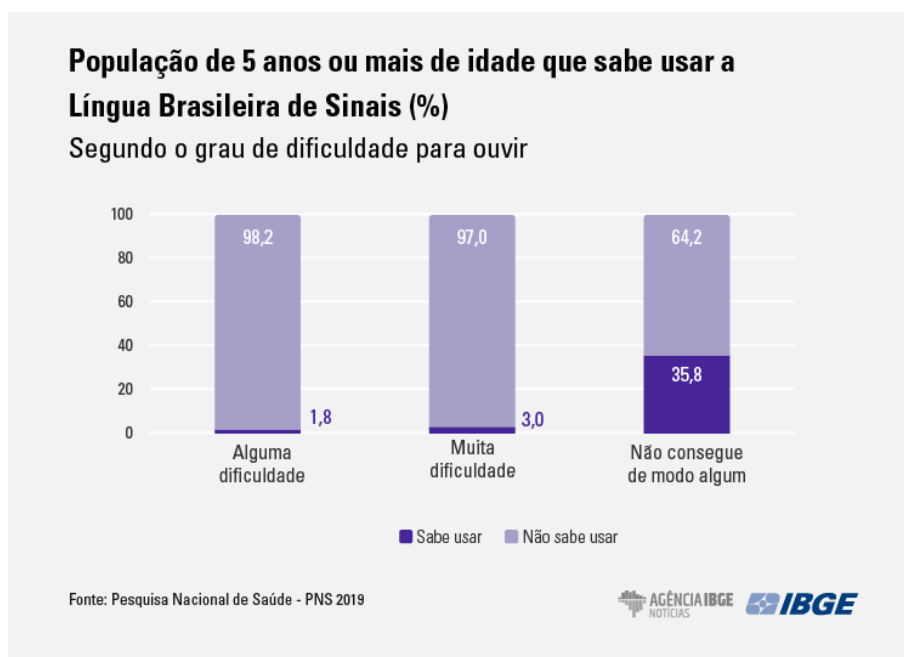
Com a história de Cece, os/as participantes presentes narraram os seus inícios no processo do aprendizado das Línguas de sinais. Todos/as são filhos de pais e mães ouvintes, então as suas aproximações com a Libras, se deram na adolescência, ou pela intervenção da escola, ou pela intervenção da igreja. As experiências se coadunaram no sentido de que tiveram um começo difícil de aceitação, mas depois se reconheceram como parte de um grupo que integra culturas surdas.

Todavia, trago uma narrativa que se mostrou diferente, a qual citei na segunda tertúlia literária destacando-a como uma pessoa surda que se reconhece no entrelugar. Segue a narrativa:

Eu sinto as duas coisas. Porque eu tive experiências com a cultura ouvinte, então, me acostumei. Com a cultura surda também, com a língua de sinais, eu sinto. Então eu me sinto transitando pelas duas. Eu me considero no meio delas (NINA, narrativa, 2021).

Recentemente, no dia 26 de agosto de 2021, o IBGE divulgou uma pesquisa que vem estabelecer um diálogo direto com este estudo. De acordo com os dados demonstrados na figura 7, cerca de apenas 22,4% das pessoas de 5 a 40 anos com deficiência auditiva sabiam usar a Libras.

Figura 7 - Pesquisa IBGE/2019 - pessoas surdas, usuárias ou não da Libras



Fonte: IBGE, 2021.

Também foi avaliado na pesquisa, o conhecimento de Libras entre as pessoas de 5 a 40 anos, as quais alegaram ter alguma dificuldade para ouvir. Cabe dizer que os dados em questão não se referem ao total de surdos e surdas localizados/as no Brasil, mas ao total de surdos e surdas que participaram da pesquisa, as quais somaram 1,7 milhões, no ano 2019. Esse recorte se deu em razão de haver pessoas que adquirem a surdez com a idade e continuam a se comunicar na sua língua materna, ou seja, oralmente (IBGE, 2021).

Essa foi a primeira vez que a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) investigou o uso da Libras no Brasil. A analista da pesquisa, Maíra Bonna Lenzi diz que a inclusão do tema possibilita um maior conhecimento a respeito da vivência das pessoas com deficiência auditiva. Ainda segundo Lenzi:

Além disso, a informação é importante para não generalizar as pessoas com deficiência auditiva: ao analisar os dados, é possível perceber que nem todos sabem se comunicar em Libras, pois fazem uso da fala, se comunicam oralmente, muitos deles com o apoio da leitura labial. Portanto, precisam de outros recursos de acessibilidade, como por exemplo as legendas, além de necessitarem de propostas educacionais distintas, complementa. (IBGE, 2021).

Embora tais dados advenham de uma amostra de aproximadamente 10% da população surda – considerando a estatística do IBGE de 2010, em que apontava um

contingente de 10 milhões de pessoas surdas no Brasil –, eles nos ajudam a desmistificar a ideia e que toda pessoa surda, em menor ou maior grau sabe Libras, ou utiliza a Libras em seu cotidiano. Também aponta para esta pluralidade da surdez, a qual viemos afirmando durante todo esse estudo. Ao final, um dos participantes parece ter compreendido, tudo ou parte do que 'dialogamos em nossas tertúlias. Ele diz o seguinte:

Na sociedade há uma diversidade de pessoas surdas. Porque tem aquela identidade surda que sabe escrever, já é uma pessoa formada, sabe ler, são suas experiências. Alguns já tem sua casa, suas responsabilidades etc. Gosta de se comunicar em língua de sinais é uma identidade surda, pronto. Te, identidade surda que se comunica por gestos, não gosta da língua de sinais, é integrado a grupos de pessoas ouvintes, ok. É preciso respeitar. Tem outra identidade que são as pessoas com deficiência auditiva – D.A. Surdos que não querem libras, preferem se comunicar oralmente e sabem pouco das línguas de sinais, ver a LS, mas não sente vontade, se comunica de forma básica om pessoas surdas, com sinais básicos, pois sua aderência maior é à oralização. Tem identidade de surdos que não usam nada, não querem Libras. Pode ter. Tem surdos motoristas, cozinheiros/as, cobrador/a. Temos inúmeras identidades. [...] na sociedade cada um vive as suas experiências. (MARIANO, narrativa, 2021).

Sua narrativa ainda aponta questões a serem tensionadas a respeito das categorizações identitárias, mas revela um entendimento sobre os conhecimentos que foram construídos nas janelas sinalizantes, entremeados por narrativas literárias surdas e corpos-vivências-experiências diferentes umas das outras. Acredito, como Petit (2009, p. 110) que a literatura, nesse caso, não permitiu somente um reconhecimento de si, sobretudo, mas uma mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade e talvez uma educação dos sentimentos.

6 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Escrever não tem outra função: ser um fluxo que se conjuga com outros fluxos – todos os devires-minoritários do mundo.

(DELEUZE, 1998 p. 41).

Tendo em vista tudo o que até aqui foi exposto, me permito considerar e refletir a partir do que construímos juntas (orientadoras e orientada) nas seções teóricas e metodológicas desse texto, refletir sobre os resultados, possibilidades e agenciamentos que esta pesquisa viabilizou por meio dos meus objetivos de estudo.

Antes, preciso dizer que esta foi uma escrita possível, dadas as suas condições tridimensionais de tempo, espaço e sociabilidade, nas quais esteve sujeita. Assim, o tecido desse texto se apresentou com remendos, dobras, rasgões, cheios de alinhavos, no sentido mesmo do inacabamento. O que não o torna, frágil, ou de qualidade inferior, exclusivamente, o torna singular, único.

Para Connelly e Clandinin (2011), pesquisar narrativamente é uma forma de viver e de indagar a vida. Portanto, foi dessa maneira que tentei prosseguir nesta investigação, deixando-me ser atravessada pela vida e suas surpresas, seus desfoques, suas desterritorializações e emergências, suas ressignificações. E movimentando-me por agenciamentos coletivos, em rede, em colaboração, produzindo, tensionando e recriando modos e possibilidades de fazer pesquisa.

Foi assim que a pesquisa narrativa se configurou como potente neste trabalho, pois se abriu para investigação de vivências e experiências em seus processos de reconstrução e ressignificação de si, e se permitiu aproximar-se de concepções, pensamentos da alteridade, buscando a sua compreensão e encarando-as como uma oportunidade de reflexão e possibilidades.

Ao longo desse período, experenciamos grandes movimentações no projeto desta pesquisa, cujas narrativas se apresentaram em seu percurso, desde o momento em que há um desinstalo sobre as minhas concepções acerca dos estudos da literatura surda e das pessoas surdas, até o seu giro metodológico, e, portanto, teórico, que culminou em janelas sinalizantes e em sinais-vivências, conceitos forjados, os quais nem em meus mais profundos delírios de pesquisadora, havia pensado.

Tínhamos como proposta inicial do projeto entender como a literatura surda era capaz de entremear discussões identitárias dentro do contexto escolar, em rede

colaborativa de professores. A ideia seria a realização de oficinas de literatura com pessoas surdas e discutir os seus resultados em um ateliê de pesquisa. No entanto, passamos a nos questionar dois entraves: primeiro, o de estarmos considerando a literatura apenas como um instrumento; e o segundo ponto, estava na metodologia: oficinas para as pessoas surdas e ateliê para professores e professoras. Começamos a nos questionar sobre as suas finalidades e vimos que estávamos correndo o risco de as oficinas também se constituírem apenas como um instrumento de discussão para os/as docentes.

Repensamos e chegamos aqui com outra configuração, tanto a literatura, quanto as oficinas formativas – que passaram a ser tertúlias literárias surdas, pretenderam estar no meio, meio que não expressa o seu começo e nem o seu fim, expressa o processo junto/com. Segundo Deleuze e Parnet (1989, p. 41) “Os nômades estão sempre no meio”.

Também nos ocorre durante todo o período desta escritura, uma tensão entre esta pesquisa e o atual governo brasileiro, o qual vem adotando medidas nefastas, extremistas em relação à educação e todo o seu bojo social, pedagógico, estrutural, cultural etc. Também há uma forte tentativa de moer todas as dissidências, quais estejam fora do padrão heteronormativo. E o pior de tudo, foi visualizar grupos minoritários, a própria comunidade surda, em parte, apoiando práticas discursivas hegemônicas, e ações que vão de encontro ao direito à diferença e à diversidade. Tais posições têm trazido consequências brutais, especialmente, para grupos como os nossos, em condições de desprivilégio social.

Dito isto, e considerando os objetivos da pesquisa, podemos dizer que foi possível identificar que dentro da literatura surda, assim como nas demais literaturas, há aquela que chamamos de hegemônica, que reproduz padrões normativos de como ser uma pessoa surda, qual seja: aquela que tem por centralidade as línguas de sinais como única forma de comunicação possível entre pessoas surdas e concentra todas as suas competências em suas experiências visuais, esta que nega formas de ser surdo não implicado diretamente com a chamada “língua materna” do “povo surdo”. Além disso, silencia outros atravessamentos sociais de raça, gênero, etnia, deficiência - os quais, por sua vez, são consideravelmente complexas.

Em contrapartida, reconhecemos uma outra narrativa literária surda que acolhe essas outras marcas sociais, que reconhece as vivências de pessoas surdas como plurais e, portanto, singulares. Essa outra literatura dá margem para outras possíveis

narrativas surdas. Esta opera na resignificação de experiências. Denuncia opressões de ordens outras, para além da sua diferença linguística, mas, sobretudo, de ordem sócio-histórica ideológicas. Ela também opera na produção da diferença, por meio de agenciamentos coletivos de criação e reinvenção de si.

No decorrer das nossas janelas sinalizantes, essas duas perspectivas aparecerem. Algumas narrativas apontaram para esse apreço a uma experiência de ser surdo rígida, inflexível, considerada um motivo de orgulho “eu sou assim”, “meu sinal é esse e não mudo”, “essa é a minha identidade surda”. São expressões que vão ao encontro de uma fixação identitária que se caracteriza como uma supressão das subjetividades, em detrimento de uma única forma de pensar, agir e ser.

Por outro lado, já caminhando para o fim das nossas tertúlias percebi novos pensamentos acerca desse movimento literário e até mesmo de si, outrora ainda não percebidos. Essa outra noção literária que faz emergir e considera outras possibilidades de experiências surdas, revela ainda o seu caráter formativo e político. As experiências do outro causam alguma coisa em nós.

Como já dito em outros momentos, compreendo a literatura como um espaço que enseja a produção de narrativas a partir de vivências e experiências do sujeito, as quais reivindicam modos outros de ser e estar no mundo. Portanto, tenho como primeira consideração a potencialidade de uma literatura escreviente surda, a qual se apresenta como uma interface política, social e transformadora ao narrar modos de ser e estar, sendo uma pessoa surda.

Tendo em vista as narrativas, as tensões, as resignificações, as transformações vivenciadas com a literatura surda, pensamos em sinais-vivências. É uma outra literatura. A escrevivência de Conceição Evaristo remete à escrita da experiência vivida, individual e coletivamente, mostrando-se incompatível à perspectiva de uma identidade única/padrão. Reverbera, então, projeções singularidades que opera devires.

Portanto, pensar em sinais-vivências é pensar num termo insubmisso. É uma palavra que indica “aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez” (LARROSA, 2021, p. 75). Por sinais, não estamos fazendo uma relação direta com língua de sinais, mas por marcas/indícios/pistas de uma linguagem/língua outra capaz de narrar vivências abraçadas pelas suas diferenças e singularidades. Assim, encará-las como

potência, tendo em vista a ancoragem deste estudo à filosofia da diferença, dobra dos estudos pós-estruturalistas.

Como resultados/produtos elaborados no processo, saímos encorajados e encorajadas à realização da possível construção de um e-book literário colaborativo, o qual poderá contribuir com a educação numa perspectiva formativa evidenciando a materialidade das experiências e vivências surdas em suas diferenças por meio da literatura surda, proporcionando, portanto, discussões que destacam marcadores das diferenças culturais e linguísticas das pessoas surdas

Nessa pesquisa, compreendemos que narrar-se é fazer emergir diferenças, nunca numa perspectiva binária, que fixa o sujeito em um outro padrão de ser; mas diferenças que produzem, nada mais nada menos, que outras diferenças, agenciamentos, criações e recriações o tempo inteiro, e é isso que se objetivou evidenciar, uma pluralidade de arranjos culturais possíveis na literatura surda - desterritorializando narrativas universais sobre ser surdo/surda, por isso, continuemos desassossegadas.

É necessário apontar algumas lacunas transpassadas nesta investigação. Por meio das narrativas foi possível perceber o pouco acesso, ou não acesso, ou o desconhecimento à literatura surda e à literatura de um modo geral, por parte da maioria dos/as participantes. Inclusive, as motivações que os/as levaram a chegar até as nossas tertúlias literária foram o desejo de conhecê-las. São participantes jovens, formados, mas que relataram não ter tido acesso a nenhum tipo de literatura surda em sua formação na educação básica. Há uma questão, nessa constatação, que aponta para uma falha na escolarização dessas pessoas. Cabe, assim, nos questionar o porquê da ausência das literaturas surdas nas escolas.

Vejo que esta pesquisa se apresenta como um produto pedagógico-literário que pode ser utilizado para ensejar tais discussões nesses espaços, tensionando tais lacunas e entraves e possibilitando práticas de leitura e ensino a partir de sinais-vivências.

Outro desafio foi a falta de recursos e instrumentos que atendessem à contento as demandas desta pesquisa. Nos momentos em que narro sobre as tertúlias, aparecem falas que indicam a precarização na operacionalidade do giro metodológico, em decorrência do período pandêmico ainda vigente. Falta internet, falta uma plataforma que nos possibilite fazer pesquisa no ciberespaço livremente e gratuitamente, falta uma interface inclusiva, que pense na questão da espacialidade

visual de pessoas surdas, usuárias da Libras. Falta pensar, na Universidade, que estas pessoas podem, devem e estão fazendo parte do nosso público de pesquisa como participantes, colaboradores, personagens conceituais.

Já apontando para a finalização desse texto, me convenço de que uma pesquisa que se propõe narrativa, não se propõe, nem consegue, dizer tudo. Ela se apresenta como um fluxo que faz ressoar outras narrativas, ela deve fornecer outras possibilidades, outros fluxos narrativos.

Confesso que o excesso de morte causadas pelo covid-19, já passamos de 5 milhões no mundo todo, me fez pensar sobre a pequenez desta dissertação. Mas agora, tendo-a escrita, já não sou eu quem determinará o seu tamanho. Quando quase abri mão da sua feitura, lembrei que pesquiso porque existo, e a minha existência me coloca em contato com essas outras existências que me levam a querer pensá-las e dizer delas com elas, tecendo juntos e juntas experiências, movendo-se e transformando-se por meio delas.

Por isso mesmo se pesquisa, para dar inteligibilidade e visibilidade ao que produzimos e que se lança no mundo, ampliando o presente e as presenças. Narrando a si para narrar o outro, produzindo subjetividades includentes e sendo formado pela pesquisa como ato cognitivo, político, estético, ético e compartilhado para todas as gentes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; CRUZ, A. C. J. da. **A diferença e a diversidade na educação**. Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 2, p. 85-97, 2011.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALBUQUERQUE, A. S. HENNIGEN, I. FONSECA, T. M. G. **Cartografias no ciberespaço: experimentações metodológicas em espaços híbridos**. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre/RS, p. 1-9, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/JhP7JfTYTT5mBg7t3qRwv3s/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 08 de nov. de 2021.
- ALVES, N. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação**. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212. 2010
- _____. **Decifrando o pergaminho** – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ARAÚJO, W. M. de S.; SOUZA JÚNIOR, F. V. de; PEREIRA, V. C. **Slam Surdo: análise das dimensões política e poética na performance “O mudinho”, de Edinho Santos**. Texto Poético, ISSN: 1808-5385, v. 16, n. 31, p. 6-25 jun./set. 2020
- BAHIA. Colegiado de Desenvolvimento Sustentável do Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru (Codeter). **Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável (PTDS)**; Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, Senhor do Bonfim-BA, 2012.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, A.; MARTINS, S. M. **Diário de pesquisa online: uma experiência com o aplicativo Whatsapp**. Seminário Internacional “As Redes Educativas e as Tecnologias: Educação e Democracia – Aprender ensinar para um mundo plural e igualitário. Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2017, p. 1-14.
- BELL, Cece. **A surda absurda**. Tradução Maurício Muniz. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2019.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOLDO, J. T. **Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil**. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BOSSE, R. O. H. **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação,

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BRUNER, J. **Realidade mental: mundos possíveis**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: O CORPO EDUCADOPEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE. Belo Horizonte. Autêntica. 2000.

CADERNO Territorial 185. **Perfil Territorial: Piemonte da Diamantina**. CGMA, 2015. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_184_Piemonte%20da%20Diamantina%20-%20BA.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

_____. **Perfil Territorial: Piemonte Norte do Itapicuru**. CGMA, 2015. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_185_Piemonte%20Norte%20do%20Itapicuru%20-%20BA.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção; seleção apresentações e notas de Vinicius Dantas**. São Paulo: Duas Cidades Ed.34, 2002.

CARVALHO, L. C da C. **Lendas da identidade: o conceito de Literatura Surda em perspectiva**. Curitiba: Editora e Livraria Appris, 2019.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

COSTA, Lucas. **Experiência, palavra e sentido: A filosofia entre os textos da ausência e os contextos da presença**. REVISTA SEARA FILOSÓFICA, Número 21. 2020.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> >. Acesso em: 13 mar. 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** /John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 342 p.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza e os signos** [1970]. Porto: Rés, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998, 184p.

_____; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2 ed. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro:34, 2000.

_____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Cursos sobre Spinoza**. Fortaleza: Eduece, 2009.

_____; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Eleweke, C. J. & Rodda, M. **Factors contributing to parents' selection of a communication mode to use with their deaf children**. American Annals of the Deaf, 145(4), 375-383. 2000.

EVARISTO, C. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>>. _____.: 11 de out. de 2020.

_____. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima. (org). **Escritoras mineiras**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2010, p. 11-17

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FLECHA, R; MELLO, R. R. Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. **Presente! revista de educação** - Ano 13 - nº 48 - Salvador, mar/2005 (p. 29 - 33).

FORTES, C. B. C. **História infantil e unidade didática como recursos pedagógicos autênticos e bilíngues para o letramento de aprendizes surdos**'. 12/12/2018, 189 f. Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Valonguinho (BCV). 2018.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso do Collège de France (1975-1976). Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 73ª ed. 2020.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora 2007.

GHEDIN, E. FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1999.

GOFFMAN, E. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, [1963] 1988.

GUARESCHI, N. M. de F. **Seminário Nacional de Pesquisa em Educação**. Palestra: Cultura, Identidades e Diferenças. 2008.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar a pesquisa educativa. In: Adrienne Ogêda Guedes; Tiago Ribeiro. (Org.). **Pesquisa, alteridade e experiência metodologias minúsculas**. 1ed. Rio de Janeiro: AYVU, 2019, v. 1, p. 19-46.

HALL, S. **Da diáspora** – identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. cap.3, p.103-133.

IBGE. **Um em cada quatro idosos tinha algum tipo de deficiência em 2019**. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31447-um-em-cada-quatro-idosos-tinha-algum-tipo-de-deficiencia-em-2019>>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

INEP, Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar, 2020**. Brasília: MEC, 2020.

KARNOPP, L. B. **Literatura surda**. Florianópolis: Centro de Comunicação e expressão, 2008. Apostila.

_____. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação, Pelotas, 36, p. 155-174, maio/ago. 2010.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação (uma entrevista de Jorge Larrosa a Alfredo Veiga-Neto). In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 133-164.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas/** 6.ed.rev.amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência; tradução** Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1.ed.; 5. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

LAZZAROTTO, G. D. R.; CARVALHO, J. D. de C. Afetar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

LEMONS, A. **Cultura das redes: Ciberensaios para o século XXI.** Salvador: EDUFBA, 2002

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed.34, 2000.

LINS, D. **Mangue's school ou por uma pedagogia rizomática.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1229-1256, Set./Dez. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 10 de nov. de 2021.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** 2 ed. São Paulo: EDUC, 2011.

MELLO, Roseli Rodrigues de. **Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica.** Revista Contrapontos, v.3, nº 3, p.449-457. 2003.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, D. S.; JARDIM, A. F. C. **O que é uma linha de fuga?** considerações a partir do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. Caderno de estética aplicada, n. 20, Universidade Estadual de Monte Claros (Unimontes), Monte Claros, Brasil, jan./jun. 2017.

MOURA, M. C. de C. **Das bocas às mãos mexedeiras: marcas culturais e identitárias na literatura surda.** Monografia (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas). Departamento de Ciências Humanas – DCH IV, Universidade do Estado da Bahia, 2018.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais.** 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. **Literatura surda: experiência das mãos literárias.** 287f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MOUTINHO, K.; CONTI, L. de. **Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abr-Jun 2016, Vol. 32 n. 2, pp. 1-8. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n2/1806-3446-ptp-32-02-e322213.pdf>>. Acesso em: 13 out 2020.

MÜLLER, Janete Inês. **Marcadores culturais na literatura surda**: constituição de significados em produções editoriais surdas. 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MUNHOZ, Angélica Vier. **Flutuações de um corpo-dança**. Floatations of a dance-body – Repertório, Salvador, n. 16, p. 24-30, 2011.

NETA, C. N. X. “**Senta, que lá vem história!**” Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais' 16/12/2016 135 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da UFRGS.

NICHOLS, G. **Literatura surda**: além da língua de sinais'. 09/09/2016 184 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unicamp.

PACHECO, F. **Personagens Conceituais**: filosofia e arte em Deleuze. 1.ed. – Belo Horizonte: Relicário, 2013

PERLIN, G. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. 1999. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In C. Skliar (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

_____; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

PERLIN, G.; REIS, F. **Surdos**: cultura e transformação contemporânea. In. PERLIN. Gladis; STUMPF. Marianne (Orgs.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Rio Grande do Sul: Editora: Ufsm, 2016.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Autêntica, 2000.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETRONILIO, P. Literatura, vida e linguagem em Gilles Deleuze. **Revista Guará**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 50-69, jan./jun. 2012. Disponível em:

<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/2157>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PISSINATTI, L. G. **Representações linguístico-culturais do povo surdo na Literatura Surda**. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

POKORSKI, J. de O. **Representações na literatura surda: produção da diferença surda no curso de letras-libras**. 2014.149f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PORTO, S.; PEIXOTO, J. **Literatura Visual**. Revista Letras Libras, Biblioteca UFBP Digit@l. p.165-196, 2011. Disponível em <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/literatura_visual_1462975268.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2020.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, R. A.; SIMAS, V. F. Pesquisa narrativa em três dimensões. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. **Entre o público e o privado: modos de Viver, Narrar e Guardar**. Programa e Anais Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Rio de Janeiro: BIOgraph, p. 414-425. 2014.

QUEIRÓS, B. C. de. **Contos e Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RIBEIRO, Nayara Piovesan; PEREIRA; Vinícius Carvalho. **A divulgação e consumo da literatura surda: um mapeamento dos estudos acerca das produções literárias em Língua brasileira de sinais**. In: Revista diálogos: linguagens em movimento. Ano III, N. I, jan.-jun., 2015.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.

ROCHA, S. M. da. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdo: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. Tese (Doutorado em Educação) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. Rev. bras. fisioter., São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, T. S. dos. **Narrativas surdas**: experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades'. 01/06/2012 116 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do campus das Ciências Sociais. 2012.

SANTOS, E. WEBER, A. Diários *online*, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, Edméa (Org.). **Diários online**: dispositivo multirreferencial de pesquisa formação na cibercultura. p. 13-31. Coleção Estudos Pedagógicos. Santo Tirso, Portugal, 2014.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ZANOLI, Maria de Lurdes. **Mães Ouvintes com Filhos Surdos**: Concepção de Surdez e Escolha da Modalidade de Linguagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. 3, p. 279-286, jul-set. 2007.

SILVA, B. G. da. **Memória e narrativas surdas**: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?' 01/03/2012 127 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus das Ciências Sociais. 2012.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, A. L. B. da. Literatura na margem: pensando o par centro/periferia entre filosofia e estética. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 39-56, 2017.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **“Escrevivências”** como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, n. 17 (39), p. 203-219, 2017.

SOLER, R. D. V.; KAWAHALA, E. **A potência de viver**: Deleuze e a arte. In: **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 29, p. 1-8, 2017.

SOUZA, Isabelle de Araujo Lima. **Corporalidade surda e língua em agência no processo de construção dos sinais como nomes próprios**. Orientadora: Ana Luisa Borba Gediél. Universidade Federal de Viçosa. 2014.

STROBEL K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washigton: Gallaudet University Press, 1996.

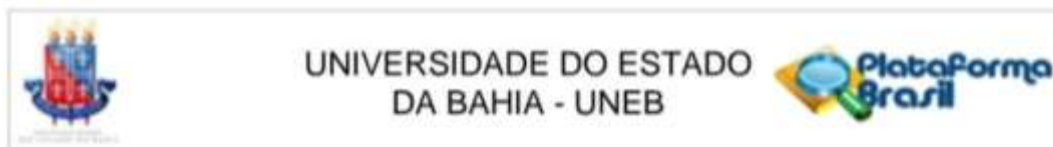
ZABALZA, M. A. **Diários de aula**. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Lisboa: Porto Editora, 1994.

ZINANI, C. J. A. **Crítica feminista**: uma contribuição para a história da literatura. In: IX Seminário Internacional de História da Literatura. Anais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 407-415.

ZOURABICHVULI, F. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento; tradução e prefácio de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Editora 34, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LITERATURA SURDA E DIFERENÇA NO CAMPO DA SURDEZ: NARRATIVAS E POTENCIALIDADES

Pesquisador: MAYNARA COSTA DE CAMPOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 45409421.1.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia - Campus IV

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.782.946

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE, da UNEB de Jacobina na Bahia.

*Esta pesquisa tem como proposta compreender o potencial criativo da literatura surda para narrar os diversos modos de ser surdo, tensionando identidades e diferenças nessa construção como singularidade na multiplicidade. Desse modo, buscaremos responder à seguinte questão: Como a literatura surda pode propor e ressignificar experiência e narrativas possíveis de ser surdo/surda no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru? Para fundamentar esse percurso investigativo, esta pesquisa se subsidia nos principais autores e autoras: Lodenir Karnopp (2008), Candido (2002), Silva (2000), Clandinin e Connelly (2000), Carvalho (2019) Deleuze e Guattari (2014) e outros, que tratam sobre a Literatura contemporânea e seus marcadores identitários e culturais, bem como aqueles que dialogam sobre aspectos relacionados às narrativas e diferenças no campo da surdez. O horizonte metodológico desta pesquisa se ancora na abordagem qualitativa, pois tem como perspectivas centrais traçar um determinado contexto histórico das experiências literárias surdas através de suas narrativas (CRESWELL, 2007). Esse estudo pretende percorrer por atravessamentos das identidades e da diferença, e se inspira na concepção pós-estruturalista, precisamente, ancorada à filosofia da diferença defendida por Gilles Deleuze. Como estratégia de investigação, nos fundamentamos nos preceitos da pesquisa narrativa, tendo como

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

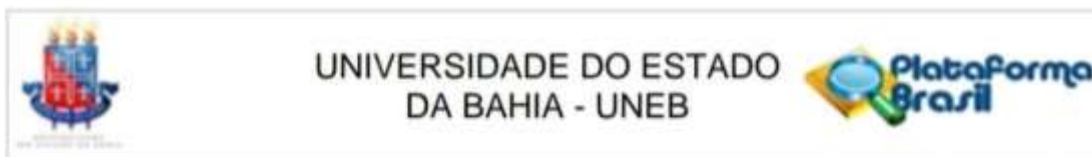
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.782.946

método de análise a própria narrativa (CLANDININ e CONNELLY, 2000). Os participantes da investigação serão sujeitos surdos que estejam localizados no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, que abrange 9 (nove) municípios localizados no semiárido baiano. Para a etapa de produção de dados, serão utilizados como dispositivos a proposta de Tertúlias Dialógicas Literárias (FLECHA e MELLO, 2005), além do diário de campo on-line (escrito e/ou sinalizado), a fim de que os e as participantes possam registrar as experiências e aprendizagens. Os resultados esperados são: fornecimento de subsídios aos estudos literários contemporâneos, ampliando o conceito de literatura; a possível construção de um e -book colaborativo, o qual poderá contribuir com a educação numa perspectiva formativa evidenciado a Libras, a materialidade das experiências e vivências surdas por meio da literatura surda, proporcionando, portanto, discussões que destacam marcadores das diferenças culturais e linguísticas das pessoas surdas".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Desse modo, buscaremos responder à seguinte questão investigativa: Como a literatura surda pode propor, ressignificar experiência e narrativas possíveis de ser surdo/surda no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru? Considerando essa pergunta de pesquisa, temos por

objetivo geral compreender o potencial criativo da literatura surda em narrar os diversos modos de ser surdo, com ênfase nas identidades e diferenças dessa construção como singularidade na multiplicidade.

Objetivo Secundário:

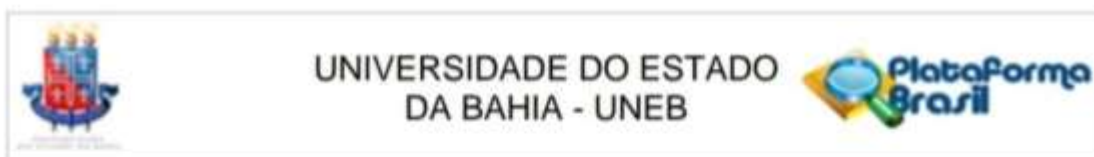
Em seus objetivos específicos, pretende-se: 1) identificar as marcas culturais da literatura surda e suas implicações para a produção das subjetividades dos sujeitos surdos; 2) ressignificar as experiências de ser surdo/surda no Piemonte do Itapicuru em narrativas, atravessadas e atravessantes da literatura surda; 3) registrar as narrativas a partir da literatura surda, a fim de compreender como são narradas as experiências surdas e os diversos modos de ser surdo/a trazidos nessas produções com as suas narrativas, vivências e experiências historicamente compartilhada por esses grupos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Faz-se necessário o cumprimento dos decretos e orientações das autoridades Sanitárias/Governamentais sobre o combate a COVID- 19, nas regiões e locais onde serão

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555	
Bairro: Cabula	CEP: 41.195-001
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399
	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.782.946

executados os projetos de pesquisa com a finalidade de evitar o malefício.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

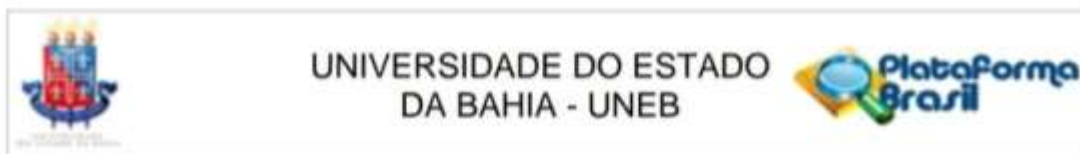
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		
Bairro: Cabula		CEP: 41.195-001
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.782.946

responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.45409421.1.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1730460.pdf	08/04/2021 19:39:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa_maynara.pdf	08/04/2021 19:34:21	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_de_concordancia_com_o_desenvolvimento_do_projeto_de_pesquisa.pdf	08/04/2021 15:35:14	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	08/04/2021 15:31:21	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Outros	termo_de_compromisso_para_coleta_de_dados_em_arquivos.pdf	08/04/2021 15:20:31	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Outros	termo_de_compromisso_do_pesquisador.pdf	08/04/2021 15:18:50	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.pdf	08/04/2021 15:15:07	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Outros	termo_de_autorizacao_da_proponente.pdf	08/04/2021 15:06:17	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	08/04/2021 15:03:01	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	08/04/2021 14:48:41	MAYNARA COSTA DE CAMPOS	Aceito

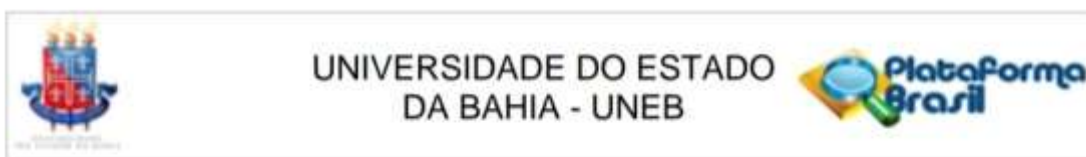
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.782.946

SALVADOR, 15 de Junho de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br